

ARICY CURVELLO



**WILCON
PEREIRA:
NO
CORACÃO**

AGE
EDITORA



Coleção Memória

1. *Lembranças de José Antônio*
José Antônio Frederico da Silva
2. *Maria, não me mates, que sou tua mãe! / O cego de Landim*
Camilo Castelo Branco
3. *Livro das Bestas*
Raimundo Lúlio (Ramon Llull)
4. *Autores Contemporâneos Brasileiros*
Dulce Salles Cunha Braga
5. *Pressões Afetivas & Aquecimento Intelectual* — Cartas de Antônio de Alcântara Machado a Prudente de Moraes Neto
6. *Dispersos: Poesia & Prosa*
Cruz e Sousa
7. *Fernando Pessoa e Omar Khayyam*
Márcia Manir Miguel Feitosa
8. *Lírica Italiana* (edição bilíngüe)
Cláudio Manuel da Costa
(Trad. de Pedro G. Ghirardi)
9. *Revoluções Brasileiras*
Gonzaga Duque
10. *Retábulo de S. Joana Carolina*
Osman Lins
11. *Dissertação sobre o Direito de Caçar / Carta a Salvador Rodrigues do Couto*
Filippe A. Patroni M. Maciel

**DOS
BOATOS**

12. *História de Gabriel Malagrida*
Paulo Mury (Trad. C.C.Branco)

13. *Escritos Instrumentais sobre os Índios*
Pe. Antônio Vieira
14. *O Universo Incaico*
Garcilaso de la Vega, o Inca
15. *O Livro de Jó*
José Elói Ottoni
16. *A Enciclopédia Brasileira*
Mário de Andrade
17. *Formação de Discoteca*
Murilo Mendes
18. *História Nova do Brasil - 1963-1993*
Joel Rufino dos Santos e outros
19. *Medicina Teológica*
Francisco de Melo Franco
(1757-1823)
20. *O Processo do Capitão Dreyfus*
Rui Barbosa
21. *Reino da Estupidez/O Novo Reino da Estupidez*
Francisco de Melo Franco/
Francisco M. de Mello Franco
22. *Mário e o Pirotécnico Aprendiz - Cartas de Mário de Andrade e Murilo Rubião*
23. *Conferência sobre as Índias Ocidentais*
Anônimo (1653)
24. *Conversa de Livraria*
Carlos Drummond de Andrade
25. *"Cosas de España" em Machado de Assis e outros temas hispano-brasileiros*
María Concepción Piñero Valverde
26. *John Donne e a Crítica Brasileira: Três momentos, três olhares*
José Garcez Ghirardi
27. *Uilson Pereira: no coração dos boatos*
Aricy Curvello

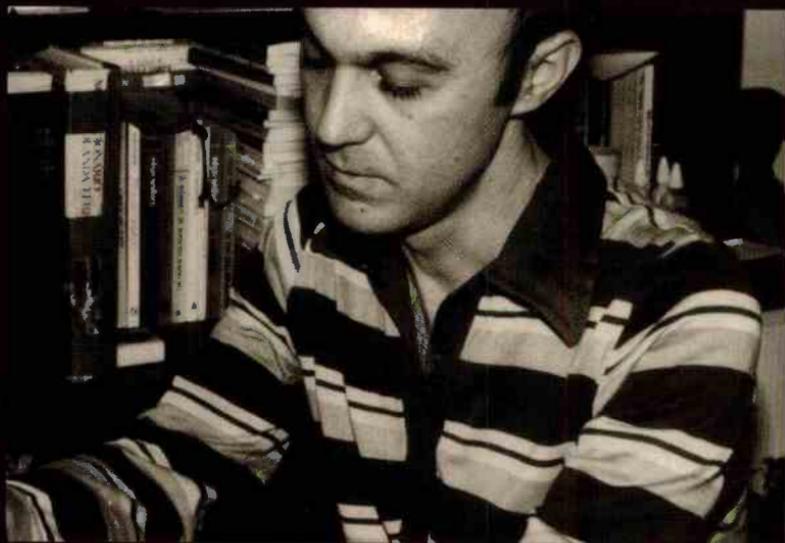


Foto: Ednalva Tavares

Em fundamental contribuição para o estudo e o conhecimento do legado literário que Uilson Pereira nos deixou, Aricy Curvello fixou nesta obra as linhas gerais da biografia, da bibliografia e da fortuna crítica do instigante e provocativo escritor. O livro também reúne textos a seu respeito, de mais de duas dezenas de professores universitários, escritores, artistas, editores e ex-alunos.

ACE
EDITORA

Visite nosso site

www.editoraage.com.br

ISBN 85-7497-018-2



9 788574 970189

Um último aviso, filho meu:
Fazer livros é um trabalho sem fim.
Eclesiastes, 12, 12.

Para
Miguel Nacif, que está
dentro do congado dos
beatos, com amizade e
estima firme e

Oliver Cavell

Seena (ES), 02-11-2000

- *UILCON PEREIRA: NO CORAÇÃO DOS BOATOS*
Aricy Curvelo (org.) e outros



S.R.

EDITORA AGE LTDA.
R. Dr. Ramiro d'Ávila, 20/302
90620-050 – Porto Alegre-RS
Fonefax: (51) 223 9385
editoraage@editoraage.com.br
www.editoraage.com.br

OFICINA DO LIVRO
RUBENS BORBA DE MORAES
Caixa Postal 19022
04505-970 – São Paulo-SP
Fonefax: (11) 571 5830

ESPAÇO ENGENHO E ARTE
Rua Barão de Tefé, 129
90160-150 – Porto Alegre-RS
Fonefax: (51) 235 2357

EDITORA GIORDANO
Caixa Postal 19022
04505-970 – São Paulo-SP
Fonefax: (11) 240 0684

CASA DE CULTURA GUIMARÃES ROSA
Rua Luiz Volker, 527
91330-190 – Porto Alegre-RS
Fone: (51) 334 0480
Fax: (51) 338 2718
E-mail: aldsou@portoweb.com.br

Uilcon Pereira: no coração dos boatos

Biografia, bibliografia, fortuna crítica
e coletânea de textos
(seleção, organização e notas) de
Aricy Curvello



Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação do copyright. Exceção feita a citações para divulgação na mídia. (Lei 5.988)

Projeto editorial de Aricy Curvello. Capa de Aricy Curvello sobre cópia de um quadro de Giuseppe Arcimboldo, O Bibliotecário (Antiquitas) – 1566. Stocklosters Slott, Styrelsen, Estocolmo.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Uilcon Pereira: no coração dos boatos / biografia, bibliografia, fortuna crítica e coletânea de textos (com seleção, organização e notas) por Aricy Curvello. – São Paulo: Editora Giordano - Porto Alegre: Editora AGE, 2000.

200 pp.

Vários Autores.

1. Escritores brasileiros – Bibliografia 2. Ficção brasileira – Coletâneas 3. Ficção brasileira – História e crítica 4. Pereira, Uilcon, 1936-1996 5. Pereira, Uilton, 1936-1996 – Bibliografia 6. Pereira, Uilcon, 1936-1996 – Crítica e interpretação 1. Curvello, Aricy, 1945.

98-3556

CDD-869.98

Índices para catálogo sistemático:

1. Escritores brasileiros: Apreciação crítica: Literatura brasileira 869.98
2. Escritores brasileiros: Vida e obra: Literatura brasileira 869.98

2000

EDITORA GIORDANO
Caixa Postal 19022
04505-970 – São Paulo-SP
Fone\Fax (11) 240 0684

EDITORA AGE LTDA.
R. Dr. Ramiro d'Ávila, 20/302
90620-150 – Porto Alegre-RS
Fone (51) 217-4073 – Fax (51)223-9385
editoraage@editoraage.com.br
www.editoraage.com.br

ABREVIATURAS

APCA	=	Associação Paulista de Críticos de Arte
apres.	=	apresentação
B.H.	=	Belo Horizonte
cad.	=	caderno(s)
cap.	=	capítulo
cf.	=	compare, confronto, conforme
Cia.	=	Companhia
cit.	=	citado(a)
cm.	=	centímetro(s)
Col.	=	coluna (literária, em periódico)
dat.	=	datilografado(a)
DF	=	Distrito Federal
dez.	=	dezembro
D.O.	=	Diário Oficial
Dr.	=	Doutor
ed.	=	edição
Edit.	=	Editor(a)
esq.	=	esquerda
ES	=	Estado do Espírito Santo
est.	=	estudo(s)
EUA	=	Estados Unidos da América
fev.	=	fevereiro
FHC	=	Fernando Henrique Cardoso
F.M.	=	Faculdade de Medicina
H.C.	=	Hospital Central
ib.	=	ibidem
id.	=	idem
i.e.	=	(id est) isto é
in	=	em
INL	=	Instituto Nacional do Livro
jan.	=	janeiro
MG	=	Estado de Minas Gerais
mun.	=	município ou municipal
n, n ^o	=	número
nov.	=	novembro
op.	=	obra
opúsc.	=	opúsculo

org.	=	organização
out.	=	outubro
PB	=	Estado da Paraíba
PE	=	Estado de Pernambuco
prod.	=	produção
p, pp.	=	página(s)
Prof.	=	Professor
Prof ^a	=	Professora
PS ou p.s	=	post scriptum
PUC	=	Pontifícia Universidade Católica
rev.	=	revista
RJ	=	Estado do Rio de Janeiro
RN	=	Estado do Rio Grande do Norte
s	=	sem
S.Paulo	=	São Paulo
s.d.	=	sem data
S.José	=	Livraria São José Editora (Rio)
SP	=	Estado de São Paulo
sra.	=	senhora
supl.	=	suplemento
t.	=	tomo
trad.	=	tradução
v ou vol.	=	volume
UBE	=	União Brasileira de Escritores
UEG	=	Universidade do Estado da Guanabara
UFCE	=	Universidade Federal do Ceará
UNESP	=	Universidade Estadual Paulista
UNICAMP	=	Universidade de Campinas
UP ou U.P.	=	Uilson Pereira
USP	=	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

ESTE BAÚ-ARQUIVO-PIRÂMIDE, Aricy Curvello	13
DE TIETÊ E RANCHARIA A PARIS E AZARAQUARA, <i>A. Curvello</i>	17
BIBLIOGRAFIA DE UILCON PEREIRA, <i>A. Curvello</i>	37
FORTUNA CRÍTICA, A. Curvello	45
VIAGEM NA FAMÍLIA	
O Zen com feições de Walter Benjamin, <i>A. Curvello</i>	59
Àssombradamento, <i>David Pereira</i>	63
Saudades de Uilcon: Conficções, <i>Fábio Lucas</i>	67
No mesmo e comum chão de giz, <i>Marina L. Goldman</i>	72
ENTRE/VISTAS	
U. Pereira / Avessos, <i>Hygia T. Calmon Ferreira</i>	77
Baú d' estórias – Auto-entrevista	85
PARLATÓRIO EM ÀSSOMBRADADO	
Uilcon Pereira queria chegar ao íntimo do tempo, <i>Antônio Medina Rodrigues</i>	91

Babilônia, Bizâncio, Babel e Brasil, <i>A. Curvello</i>	95
Algumas das cartas recebidas de Uilcon	108
A última biutice de U. Pereira, <i>Camilo Mota</i>	116
Fragmentos de um discurso postal (Trechos das cartas enviadas por UP a Camilo Mota	118
A educação pelo fragmento, <i>Dalila Teles Veras</i>	121
Poema a Uilcon, <i>Doris Accioly e Silva</i>	124
Lembranças, <i>Eico Suzuki</i>	126
À margem da obra de Uilcon Pereira, <i>Elisa Guimarães</i>	128
O romance da saturação teórica, <i>Eloésio Paulo</i>	132
Outra inquisição, <i>Fábio Lucas</i>	138
Resenhas, <i>Fernando Py</i>	142
O jardim dos dinossauros, <i>Hugo Pontes</i>	144
Àssombrado é aqui, <i>José Pedro Renzi</i>	148
Os escritos à luz de Uilcon, <i>Leonardo Frões</i>	149
Literatura – A anciã dos tempos, <i>Maurício L. Fernandes</i>	152
Só para Uilcon Pereira, <i>Nancy Neves</i>	160
Uilcon Pereira – Um escritor do século XXI, <i>Nilto Maciel</i>	163
O Encontro com Uilcon Pereira à sombra de Ruidurbanos, <i>Ricardo Lima</i>	166
O apanhador na margem do rio, <i>Roberto Goto</i>	175
Morituri te salutant, <i>Sebastião Nunes</i>	179
Resenhando <i>Re-lances do livro de Biúte</i> , <i>Zanoto</i>	181
It' s all over now, baby blue, <i>Zé Pedro Antunes</i>	183
 ONDE TUDO RECOMEÇA, A. Curvello	
Comunicado ao leitor	191
Anotações para o futuro	192
Uma das frases prediletas de Uilcon Pereira	194
Mais material para o futuro	195

SUMÁRIO DAS ILUSTRAÇÕES

Pharmácia Coração de Jesus, em Rancharia	22
Uilcon menino	22
Dona Rosa, a mãe, em foto de 1980	23
Professor Wilcon, o pai, em 1969	23
Dom Quixote, de Albert Piauí	36
Capa do primeiro romance da trilogia (1982)	56
Cena do casamento de UP e Marina Lucy, em 1967... ..	62
Marina Lucy e Uilcon, em São Paulo, em 1993	70
Capa de <i>Ruidurbano: Entre/vistas</i> (1992)	75
Uilcon em Batatais, 10-10-1987	98
Foto de Uilcon, por Eico Suzuki	127
Poema <i>Só para Uilcon Pereira</i>	161
Uilcon em foto de Ricardo Lima (mar. 1992)	168
CT, RL e Uilcon em Jardinópolis (1991)	174
<i>Morituri te salutant</i>	179

ESTE BAÚ-ARQUIVO-PIRÂMIDE

Em Benjamin a tradição é destruição - barbarismo. Ela destrói o que transmite. Sem essa destruição, no entanto, nada seria transmitido. A obra de arte é uma ruína, um local de luto onde a destruição da tradição pode ser reconhecida.

Howard Caygill,
Benjamin, Heidegger e a Destruição da Tradição

Este baú-arquivo-pirâmide

A. Curvello

Os textos aqui apresentados permitem responder a interrogações, não a todas, a respeito do homem e do escritor. Regiões permanecem, a que (ainda) não temos acesso. A prematura morte de Uilcon Pereira fez encerrarem-se várias possibilidades, e é certo que nos abalou, porque, em um momento de invenção e crescimento de sua obra e de seu nome, ele foi abatido em pleno vôo, na hora mais clara.

Ele que nos dizia com aquela sua graça peculiar: “Sou contra a rotina e remoo contra a corrente”. Eternamente insatisfeito, provocador, sal disponível. Não há quem o tenha conhecido que dele possa esquecer-se facilmente.

“Você se inventou como personagem” – é trecho de carta de Fábio Lucas a ele que, sintomaticamente, o incluiu como epígrafe em algumas publicações.

O processo de invenção dessa *persona* decorreria da espécie de ficção que ele escreveu – em que, de certa forma, também ele “se” produziu.

Uma de suas grandes linhas de força: não ter separado vida e arte em departamentos estanques. Intercruzava ambas. Por vezes a ficção “vivia” a vida de Uilcon e vice-versa, não bastasse já ser ele um cursor da intertextualidade (Elisa Guimarães) e da intersubjetividade (Antônio Medina Rodrigues).

Mário Bolognese, ex-aluno em Assis e hoje professor de Filosofia na UNESP/ campus de Marília, mostrou-nos em *Do Esteta ao Literato* o quanto ele esteve alerta e atento desde cedo: “Cético o suficiente, o professor que veio ajudar a instalar o Curso de Filosofia da UNESP (em Assis) não esmorecia diante de uma polêmica. Se abandonou os temas clássicos da Estética para adentrar a pretensa ciência da linguagem de então (Linguística e Semiologia, resultado da presença estruturalista entre nós), o fez procurar uma materialização signica para conceitos inefáveis, que, em sua opinião, nada tinham a dizer.”

A estrutura oscilante que se desfaz (apontada no ensaio *Babilônia, Babel, Bizâncio e Brasil*) corresponderia à “materialização sônica para conceitos inefáveis que, em sua opinião, nada tinham a dizer” (Mário Bolognese) e ao esclarecedor tópico de Antônio Medina Rodrigues: “Daí que as vozes, que se multiplicavam em seus livros, jamais quiseram dizer alguma coisa. Não tinham tempo. Só queriam ser uma construção inter-humana, um ‘passa-passa-treze’, e essa, para ele, era a mais digna das objetividades... Evitou a substância opaca. Preferiu a escrita pluribucal, pedestre, acirandada. De que falava ele? Sempre se fala de alguma coisa. Mas, no caso dele, as palavras eram estugadas a mais não poder, para não se tornarem mesquinhas ou virginais em excesso, para não roubarem o verdadeiro espetáculo, que estava na própria ânsia de vida...”

Tais seriam as sendas mais próprias para se chegar ao cerne da ficção de Uilcon?

Este baú-arquivo-pirâmide – afinal, que gênero literário é este? – tem várias razões de ser e várias respostas diferentes. Tantas, quantos são os autores aqui reunidos para lembrar Uilcon.

Lembremos também suas cartas, porque até aqui ele foi genial (genial, sim) e conseguiu inovar em gênero tão ingrato e quase nada cultivado entre nós. Em cartas e trechos transcritos por Camilo Mota, por Hygia e por Ricardo Lima, é possível perceber o grande dom de Uilcon de se fazer próximo, quase íntimo de alguém pouco conhecido, e de assim falar à subjetividade do outro. Esse o dom a que Uilcon chamava de “cumplicidade”.

Significativamente, ele emprestou a seu próprio trabalho também um caráter de manifestação marginal. Como escritor identificava-se com tudo o que estivesse à margem, pois ele (múltiplice) também se considerava à parte, junto com o trabalho que realizava.

Uilcon se agilizava de uma voz a outra. Como escreveu Antônio Medina Rodrigues: “... para que o texto não tivesse princípio nem fim, e a cidade não dormisse além da conta. Mas agora ele dorme. Que faremos sem ele?”

DE TIETÊ E RANCHARIA
A PARIS E AZARAQUARA

De Tietê e Rancharia a Paris e Azaraquara

A. Curvello

De Tietê e Rancharia

Wilcon Joia Pereira nasceu na cidade de Tietê (SP), em 12 de junho de 1936. Com sessenta anos completos, faleceu em 23 de outubro de 1996 – data de aniversário de seu único filho, em cujos braços expirou – em Araraquara, por complicações decorrentes de diabetes.

Seu nome literário, Uilcon Pereira, é apenas uma variação do nome de seu pai¹, o professor Wilcon Pereira (1909 – Tietê; 1972 – São Paulo), também vitimado pela diabetes, da mesma forma que o avô e o bisavô de nosso escritor. A enfermidade transmitiu-se na família sempre através da linha masculina.

Dona Rosa Joia (1909 – Laranjal Paulista), a mãe, farmacêutica, é uma suave senhora de 90 anos, que vive hoje em São Paulo com sua ex-nora, Marina Lucy Goldmann.

Quando ainda criança, os pais de Uilcon mudaram-se algumas vezes de cidade, até que se fixaram em Rancharia (SP), onde a família se estabeleceu com a Pharmacia Coração de Jesus e Uilcon se criou. Nos anos trinta, as dificuldades de trabalho para a classe média no interior de São Paulo não eram diferentes daquelas imperantes no interior de outras regiões do sudeste brasileiro, como Anderson Braga Horta nos revela a respeito de seus pais – um casal de poetas-professores – no interior de Minas².

1. Esse processo de variação onomástica é central em toda a obra de ficção de Uilcon Pereira.
2. “Mas a vida não seria fácil para o jovem casal. O problema de manter uma família que frutificou ao fim desse primeiro ano e passou a crescer-se, regularmente, de biênio a biênio, levou a dupla de poetas a uma verdadeira peregrinação por uma dúzia de cidades – de Minas, antes da fixação no Rio de Janeiro e, afinal, em Brasília.”

Apontando as características sócio-econômicas e culturais da área em que Uilcon cresceu e em que cursou o primeiro grau escolar, Marina Lucy Goldmann salienta: “Nasceu em pequena cidade de interior, ainda quase uma aldeia, vilinha provinciana...”³ e aquela “região se encontrava ainda em estágio agropastoril e coronelista. (Uilcon) veio a São Paulo cursar o segundo grau, em fins dos anos cinquenta. Trazia uma experiência ligada às formas de vida típicas das antigas províncias brasileiras, de atmosfera existencial morosa, ritmo lento e relações patriarcais, laços comunitários, proximidade da natureza, modelos restritos e aspirações limitadas. Inevitavelmente, um tecido de apoios, sustentações e mútuas cumplicidades gerando mesmice, repetição, conformismo...”⁴

Há “... planisférios onde se inscrevem pelo menos os nomes das cidades invisíveis, Calvícia, Uqbar, Rancharia...” como em um de seus minicontos emblemáticos⁵.

Bisbizâncio, uma das portas da cidade que mais cresce⁶

O choque cultural sofrido pelo adolescente de Tietê/Rancharia, ao instalar-se no torvelinho de São Paulo, não foi pequeno.

O impacto de abandonar um pequeno mundo protegido e passar a viver na metrópole da anomia das multidões, tráfego inesgotável, frieza nos relacionamentos, embates de classes, teve conseqüências duradouras. Estão manifestas em sua opção de

(In) Legado Poético, apresentação ao livro *Caminho de Estrelas*, da mãe do poeta, Maria Braga Horta (1913-1980). São Paulo: Massao Ohno Edit., 1996, p. 14.

3. *Uilcon Pereira ou O Alquimista Que Sabia Javanês*. (Inédito.) Dissertação em Comunicação e Semiótica na PUC-SP, sob a orientação do prof. Dr. Fernando Segolin, São Paulo, 1995,(dat.), p. 19.

4. Id.,p. 20.

5. O miniconto é *Antes sofrer que morrer: eis a divisa dos homens*. (In) *A Educação Pelo Fragmento*. São Paulo: Edit. do Escritor, 1996, p. 45.

6. PEREIRA, Uilcon. *Outra Inquisição*. São Paulo: Edit. do Escritor, 1982, p. 20.

viver no interior do país, bem como em suas declarações. “... em 1964 passei alguns dias em Alexandria, visitei as escavações da provável Babel e as ruínas de Bizâncio⁷...” porém “...Considero-me... um cidadão das pequenas e médias cidades do interior paulista...”⁸

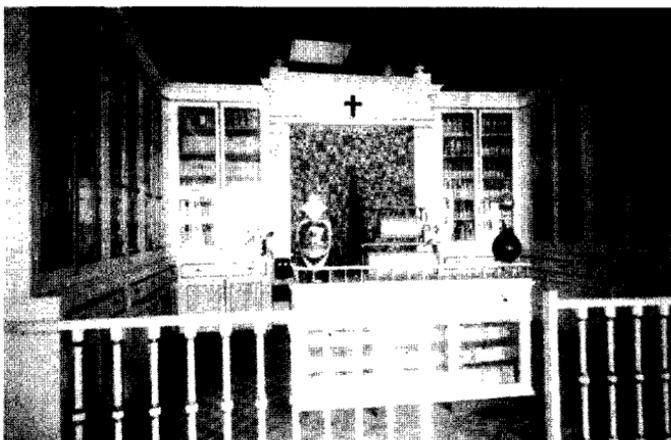
Há uma indiscutível dicotomia em sua obra quanto ao ritmo interno de seus livros. Não há como negar que o ritmo interno dos romances da trilogia *No Coração Boatos* indica conflitos de uma sociedade complexa, de uma megalópole exasperante e descentrada, com número infinito de opiniões divergentes. Por outro lado, o ritmo dos pequenos livros e pequenos contos de Biúte é o de *Assombrado*, “cenário em metamorfose constante, a meio caminho entre o Sítio do Pica-pau Amarelo e Yiknapatawpha County, entre uma aldeia global kitsch e o inconsciente coletivo pós-tudo....”⁹ O que quer dizer: o cenário de uma cidade do interior onde chegam a TV-Globo, a Internet e as publicações que se vendem em bancas de jornais.

A trilogia tem o ritmo de Bisbizâncio. Biúte respira o ar das cidades invisíveis, invadidas pela mídia.

As Bibliotecas de Babel

Ele amou as bibliotecas. A primeira delas, sem dúvida alguma, a da família: “... de porte respeitável, se levarmos em conta a indigência cultural da região – clássicos brasileiros e portugueses, romances em francês, revistas, jornais, sucessos do dia, grandes coleções, dicionários, obras de divulgação científica, história, geografia, assuntos religiosos”¹⁰.

7. Provavelmente um lapso do registro ou do próprio Uilcon. Bizâncio jamais esteve em ruínas. É apenas o antigo nome grego de Constantinopla, hoje Istambul, cidade da Turquia.
8. FERREIRA, Hygia T. Calmn – *Uilcon Pereira: Aessos*. IBILCE/UNESP. São José do Rio Preto: 1987, p. 4.
9. PEREIRA, Uilcon – *(Re-lances do) Livro de Biúte*. Marília, UNESP. 1985; (2ª edição: S. Paulo, João Scortecci Edit., 1986, p. 4.)
10. GOLDMANN, Marina Lucy – op. cit., p. 20.



Pharmacia Coração de Jesus, em Rancharia (SP),
onde Uilson foi criado



Uilson menino



Dona Rosa, a mãe, em foto de 1980



Professor Wilcon, o pai, em 1969

Indo para São Paulo cursar o segundo grau, deparará com bibliotecas fantásticas. A que mais o impressionou é citada no primeiro romance de sua trilogia, anos mais tarde: "... aos que confiaram na sua sobrevivência e reuniram-se hoje nesta sala de conferência da biblioteca municipal..."¹¹

A Biblioteca Municipal Mário de Andrade, na capital paulista, com seu fabuloso acervo de livros nacionais e estrangeiros, obras raras, coleções de revistas e jornais, enciclopédias, é a segunda em importância no país.

Após ter suportado com dificuldades um ano de internato, deixou claro para o pai que não gostara da experiência no Arqui-diocesano. Foi então matriculado no Colégio das Bandeiras, um dos melhores entre os paulistanos da época, onde fez o curso clássico e travou as suas primeiras amizades de longa duração, entre as quais Bento Prado Júnior.

Possivelmente terá sido Bento quem o levou a freqüentar aquela Biblioteca e aderir ao que hoje se convencionou designar de "o Grupo da Biblioteca Municipal Mário de Andrade", entre cujos integrantes citamos o já referido Bento Prado Júnior¹², o professor Maurício Tractenberg e outros¹³ que se destacaram na vida cultural de São Paulo.

Uilcon nunca deixou de se referir a bibliotecas em suas obras, no que denota um real ponto de contato com o argentino Borges: "... queria reescrever, palavra a palavra, todas as páginas de todos os volumes das bibliotecas de Alexandria, Bizâncio, Paris, Assis e cercanias – se me tivessem agraciado com os dons da vida eterna, obviamente"¹⁴. Não sem razão, fez a de Alexandria encabeçar a relação delas.

11. *Outra Inquisição*. São Paulo: Edit. do Escritor, 1982, p.59

12. O professor e filósofo Bento Prado Júnior é hoje docente de Filosofia na Universidade Federal de São Carlos (SP).

13. Um deles, Celso Paulino, teatrólogo e professor de idiomas, já falecido. Outro é Carlos Henrique Escobar. O grupo amplo se dividia em "canalha literária" (os que se interessavam por literatura, filosofia e ciências humanas) e "canalha científica" (os interessados em ciências naturais, exatas e afins).

14. PEREIRA, Uilcon – *Ruidurbano: uma antologia*, p. 11.

Em 22 de dezembro de 640, Alexandria caiu finalmente sob as patas dos cavalos dos exércitos muçulmanos, comandados por Amr ibn al-As, general árabe do califa Omar. Amr consultou por carta Omar sobre qual o destino a dar à famosa biblioteca. “Quanto aos livros que mencionaste” – escreveu-lhe o califa – “eis a resposta: se seu conteúdo está de acordo com o livro de Alá¹⁵, podemos dispensá-los, visto que, nesse caso, o livro de Alá é mais do que suficiente. Se, pelo contrário, contêm algo que não está de acordo com o livro de Alá, não há nenhuma necessidade de conservá-los. Prossegue e os destrói”¹⁶. Cumprindo a decisão do califa, al-As “iniciou o trabalho de destruição. Distribuiu os livros entre todos os banhos de Alexandria, para que fossem usados como combustível das estufas que os tornavam tão confortáveis. ‘O número desses banhos’, escreve Ibn al-Qifti, ‘era bem conhecido, mas eu o esqueci’. (Como sabemos por Eutíquio, eram quatro mil.) ‘Conta-se’. continua ele, ‘que foram necessários uns seis meses para queimar todo aquele material’. Foram poupados apenas os livros de Aristóteles”¹⁷.

Antes de sua destruição, ao longo de mil anos em que a biblioteca alexandrina reuniu o esforço de sucessivas gerações de estudiosos, conseguiu-se reconstruir o pensamento de Aristóteles¹⁸; traduzir o Antigo Testamento hebraico para o grego e divulgá-lo em todo o Ocidente; preparar edições dos poetas gregos, ainda hoje a base do nosso conhecimento do mundo clássico antigo. Ante a barbaridade da destruição da biblioteca, só se pode repetir com Uilcon: “... reescrever, palavra a palavra, todas as páginas de todos os volumes das bibliotecas de Alexandria...”

É medonha a seqüência de destruição de livros e bibliotecas na terrível história da humanidade. A anarquia militar que

15. Refere-se ao Corão.

16. CANFORA, Luciano – *A Biblioteca Desaparecida (História da Biblioteca de Alexandria)*. Trad. de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 92.

17. Id., p. 93.

18. Em vida, Aristóteles publicou apenas diálogos de secundária importância.

marcou o surgimento do poder romano e depois sua decadência, cristãos primitivos, árabes, os antigos povos germânicos, a Igreja Ortodoxa, a Igreja Católica, os protestantes – dificilmente haverá um povo ou instituição religiosa ou política que saia indene em um exame a respeito desse crime. Ao adiantar-se a Idade Média, já haviam chegado ao requinte de compreender que seria mais prático destruir também os próprios autores das obras.

Sabemos que antes da destruição, os sábios e bibliotecários de Alexandria iniciaram o procedimento douto de criação original e resumo de infinitos livros. Não seria, portanto, apenas repetição de sua bricolagem a veemente afirmação de Uilcon de que desejava "... reescrever, palavra a palavra, todas as páginas de todos os volumes das bibliotecas"... Há, também, o outro lado da afirmação, em que estão implícitas a fragilidade da existência, a possibilidade de destruição criminosa dos livros e, também, a eliminação física de seus autores.

Meu fim está em meu princípio

Talvez a influência do professor Villa Lobos, que lhe ministrou a matéria no segundo grau, tenha sido mais um dos fatores que levaram Uilcon a matricular-se em Filosofia, na Universidade de São Paulo, em 1960.

Durante todo o seu período de estudos na USP, Uilcon trabalhou, lecionando em vários cursos de pré-vestibular, entre os quais o da própria USP, o Dreyfus, o Santa Inês, o Castelões.

Bacharelou-se em Filosofia em 1963. No mesmo ano, casou-se com Sílvia e partiu para Paris, onde pretendia cursar seu mestrado, estudando Epistemologia debaixo da orientação de Lévi-Strauss, com quem se correspondera. O projeto de Uilcon não foi concluído, em razão de sua inadaptação às exigências e à disciplina necessária a um estudo sistemático e formal. Durante quase um ano e meio, vagou por salas de conferências, museus, galerias de arte e cinemas, embora não tenha deixado de assistir a um certo número de aulas no College de France e na École de Petits Études da Sorbonne. Ao que consta, teria viajado por alguns países da Europa e do Oriente Médio.

Retornando ao Brasil em 1965, um ano após o golpe militar que submeteria nosso país a um longo período de obscurantismo (1964–1985), Uilcon retomou, em São Paulo, suas aulas no curso pré-vestibular de que era sócio. Nesse ano seu casamento se defez e, em agosto, conheceu Marina Lucy Goldmann, com quem veio a se unir em 1967. Seu único filho (David) nasceu em São Paulo, a 23 de outubro de 1968.

Até o ano de 1972 Uilcon lecionou em pré-vestibulares, tendo chegado a ser sócio de dois deles, bem como foi um dos professores fundadores do Colégio e Cursinho Objetivo. Desde 1968 lecionou, também, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras *Sedes Sapientiae*, onde sua aulas passaram a ser muito concorridas, em vista de sua exposição de novas teorias então em voga na Europa sobre Semiótica, comunicação e uma dezena de outras novidades e modismos, que interessaram à classe média paulistana, como confirmado pelo seu relato a Eloésio Paulo¹⁹.

Desde seu retorno da Europa recebera convite e aceitara também lecionar na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em Assis (SP), à época denominada “Instituto Isolado” da Universidade de São Paulo. Agora, com a esposa e o filho pequeno, enfrentava viagens semanais de ida e volta a Assis.

De ida e volta ao campus da Universidade. De ida e volta a uma cidade do interior.

O Apanhador no campus da Universidade

Em 1972, em definitivo Uilcon mudou-se com a família para Assis. Ali retomou sua carreira universitária e reiniciou seus estudos de filosofia, tendo a Estética como horizonte. Sua esposa Marina Lucy matriculou-se no Curso de Letras que ali concluiu.

O ano de 1972 para Uilcon foi de múltiplas encruzilhadas e tomadas decisivas de posição. Desde sua volta da Europa, o interesse fundamental por filosofia fora suplantado por seu amor

19. PAULO, Eloésio – *Teatro às Escuras (Uma Introdução ao Romance de Uilcon Pereira)*. Pouso Alegre (MG): SIC Edições, 1997, p. 53.

à ficção. Finalmente, editara (e renegara) seu primeiro livro, *Pop Prosa*, que abandonou na Editora²⁰: “Reneguei esse livro-envelope, antes que saísse das gráficas da Editora Ática. Pareceu-me muito ousado para 1972. Havia nele uma dose excessiva de vanguardismo, uma taxa desmesurada de informação estética, preciosismos e formalismos”²¹.

Ao mesmo tempo, a empresa familiar de frota de táxis Quick (por Uilcon administrada) foi declarada falida. Seu segundo projeto de mestrado, que seria escrever uma dissertação sobre *Serafim Ponte Grande*, romance de Oswald de Andrade, foi abandonado.

Por outro lado, seu retorno à vida pacata de uma cidade do interior iria permitir-lhe estudar, refazer sua carreira em uma Universidade, enfim, escrever sua obra de ficção.

Valeu-se de oportunidade surgida de doutorar-se, diretamente, sem ter passado antes pelo mestrado. Concluiu o doutoramento em 1974 com sua tese *Escritema e Figuralidade nas Artes Plásticas Contemporâneas*. (Serviu-se do mesmo tema para a livre docência mais tarde, um estudo sobre a utilização de letras, sílabas, palavras e frases em telas dos pintores cubistas Pablo Picasso, Juan Gris e Georges Braque. Tendo concluído em 1981 a livre docência, obteve em 1989 a titularidade na cadeira de Filosofia das Ciências Humanas.)

Da última vez que forneceu dados biográficos para publicação, destinaram-se à antologia coletiva *Livro de Prata* (São Paulo, 1995), comemorativa dos 25 anos da Editora do Escritor. Na ocasião, informou que:

“É doutor e livre-docente em Estética e Filosofia da Arte; atualmente, professor titular de Filosofia das Ciências Humanas e de Literatura e Filosofia (Programa de Pós-Graduação em Es-

20. Por carta, travei algumas discussões literárias com Uilcon. Em razão disso, em 1979 ou 1980 remeteu-me um exemplar desse livro-envelope, para confirmar o que estivera afirmando. Pedi-me que, após lê-lo, destruísse o exemplar. Fiz melhor: levei-o para a Biblioteca Nacional.

21. FERREIRA, Hygia T. Calmon – op. cit., p. 3.

tudos Literários da UNESP – campus de Araraquara). Publicou por esta editora...” (etc.).

Uilcon Pereira viveu em Assis de 1972 a 1979, e foi um dos fundadores da revista *Transformação*, em que publicou vários de seus artigos teóricos.

A Faculdade em Assis constituía um dos Institutos isolados da Universidade de São Paulo, os quais em 1976 foram reunidos e vieram a formar a Universidade Estadual Paulista (UNESP). A nova Reitoria então criada provocou um trauma, ao deslocar todo o Departamento de Filosofia de Assis para Marília. Hoje, está claro que o Departamento, à época, incomodava bastante por sua participação e por atuar politicamente de forma intensa. Por todos os envolvidos a transferência foi vista como realmente era: uma punição típica dos anos sombrios dos governos militares.

Uilcon no caminho de outra geração

Fábio Lucas assinou e datou de São Paulo, setembro de 1978, o prefácio a meu livro de estréia²². Pouco antes disso, remetera-me o endereço de “... um professor universitário, que vive em Assis, muito talentoso...”, de nome Wilcon Joia Pereira, com quem me sugeriu entrar em contato. Dataram daí as primeiras cartas trocadas com quem alguns anos mais tarde adotaria o nome literário de Uilcon Pereira.

Minhas primeiras impressões foram de que se tratava de alguém bastante crítico, insatisfeito, mas inteligente. Mais tarde um pouco, estaria claro que era um Grande Leitor e um grande e agradável missivista.

Meu primeiro livro foi lançado no final de 1979. Remeti exemplar para Assis: antes, Uilcon avisara que estaria se mudando com a família para Marília. Por isso sua resposta tardou, embora também porque esteve “mergulhado em trabalhos acadêmicos (sempre infecundos e bloqueantes, claro está...)”. Essa

22. *Os Dias Selvagens Te Ensinam*. Belo Horizonte: Editora Vega, 1979.

carta veio datada de Marília, 8 de abril de 1980, e dissecava meu livro. Desde a capa. O que se tornou marca registrada de Uilcon Pereira ao escrever sobre livros de poesia:

“... a capa, forte e expressiva, tão ideograma do nosso capitalismo selvagem e suas metrópoles: e entra em ressonância (afetiva, intelectual) com o seu nome: Curvello, as curvas, os cotovelos...”

“... e ainda nos preliminares essenciais – o excelente prefácio do Fábio, o melhor texto dele a meu ver, comovido e de coragem exemplar, matando a cobra e mostrando o pau, já não se faz um crítico mineiro como antigamente, páginas muito lúcidas e (como sempre) bem escritas, de dar inveja pela clareza e força de convicção. Mas com a generosidade do Fábio, quem jamais receberia as críticas e restrições necessárias ao crescimento? meu estilo é outro, pólos contrários, mais de negar (para provocar, inquietar).”

“polêmica é o meu signo, por voluntária escolha²³. Então, comecemos:

1. você não me parece só um estreante, mas um jovem estreante de notável pique, dos melhores que tenho lido ultimamente; um poeta em caminho, sem dúvida um poeta, sobretudo quanto contém o retórico...” (e lá vieram porrete e disciplina. Com o tempo, Uilcon adoçaria. Suas mudanças de método, sistema e tratamento chegaram a chocar alguns amigos e autores).

E foram páginas e páginas de comentários. Alguns, bem apropriados. Outros, apenas para chocar. Porém era o professor que estava se transformando em amigo. Ao final, cumprimentava-me “pela animadora estréia, estou com o Fábio e não abro: “alinhou-se entre os involidáveis desta época”. Époça, por sinal, ainda insegura. Estávamos navegando sem rumo certo. A abertura política prosseguiria? Haveria a possibilidade de um retrocesso e exacerbamento dos métodos da ditadura militar ou não? Tudo ainda incerto.

A seu modo, Uilcon emprestou sua contribuição à luta

23. Esse gosto pela polêmica só enfraquecerá uns dez anos mais tarde. Então, ele já havia desenvolvido a teoria do leitor cúmplice.

contra a ditadura e pelo retorno das liberdades democráticas, sem o que não há cultura que se preze. De meu lado, ex-presos político, qualquer agravamento da conjuntura poderia ter consequências trágicas. Assim, eu participava das frentes em que me era possível atuar. Uma delas foi a revista *Encontros Com a Civilização Brasileira*, cuja Casa Editora só poderia chamar-se Civilização Brasileira, o seu Diretor Responsável: Ênio Silveira; seu Editor-Chefe: o poeta Moacyr Félix²⁴.

Uilcon acompanhava pela mídia e pelos amigos a situação do país. Ele a vivia conosco. Jamais julguei, porém, que ele estivesse, em final de 1980/ inícios de 1981, escrevendo sua trilogia de romances (*No Coração dos Boatos*) com alta capacidade de estilizar, não só os anos de chumbo que estávamos acabando de viver como também o que Fábio Lucas denominou de “desprograma do caráter nacional”.

Silenciosamente, ele recomeçara sua carreira literária – ou, melhor – ele a iniciava, recomeçando-a. Ao meio de uma feroz crise pessoal. Em 1981 desfizera-se o casamento de Uilcon e Marina Lucy, transformado agora em um relacionamento cordial. Ele atravessava um período difícil, entremeado de depressões psicológicas e outras dificuldades providas da diabetes e de sua vida pessoal e profissional²⁵.

Um pouco para provocá-lo, um pouco para informá-lo e fazê-lo reagir, no período passei a remeter-lhe folhetos, revistas e jornais alternativos. Ele foi se inteirando da rede de edições e dos circuitos alternativos de literatura. Deu-nos um apelido para eles: “redes em delta”.

Algumas publicações literárias mais profissionais o seduzi-

24. A revista *Encontros* já publicara várias de minhas resenhas de livros. Em janeiro de 1980, em seu número 19 estampou cinco poemas meus (pp. 153-155), todos abertamente hostis à ditadura. O primeiro deles se intitulava *Anedota Sul-Americana*, e era uma sátira a qualquer golpe militar latino-americano. Na época, eu morava à rua Marquês de Abrantes, 88, no Flamengo, e podia ir a pé para a Editora, na rua Muniz Barreto, 91/93, em Botafogo.

25. Uilcon, mais tarde, confidenciaria a mim que em 1981 ele se encontrava na situação de um pré-suicida.

am. Ele sempre se declarou encantado com a revista de poesia *Dimensão*²⁶. Como enviara a ele vários números dela, tive de refazer minha coleção com o editor por duas vezes.

Fui surpreendido por Uilcon, quase ao apagar das luzes do ano de 1981, com a informação de que ele estava com um livro pronto e gostaria de saber o que eu sugeriria fazer. Não tive dúvidas de que o melhor a fazer seria procurar a Editora do Escritor, em São Paulo²⁷.

Assim ele editou seu primeiro romance (*Outra Inquisição*, 1982) e iniciou sua carreira literária. Seguiram-se os outros dois títulos da trilogia (*Nonadas*, 1983; *A Implosão do Confessionário*, 1984). Passei-lhe listas e listas de nomes de poetas e ficcionistas para remeter seus livros.

Com a passagem do tempo, meus amigos e conhecidos estavam quase todos se correspondendo com Uilcon. Pela Editora do Escritor ele entrou em contato com Luz e Silva, Enéas Athanázio, Eico Suzuki e outros. Diretamente eu o pusera em contato com um número crescente de aspirantes a poetas, a editores, a ficcionistas, a críticos. Entre todos alguns se sobressaíram como Leila Miccolis, Roberto Goto, Guido Bilharinho, os poetas do *Abre Alas* (Juiz de Fora-MG), Artur Gomes, Barrozo Filho, Touchê, Luiz Ruffato, Eloésio Paulo, Cláudia Bia, Patt Raider, Jairo Jhade Galahade (*Mimeografo Generation*), muita gente, em suma.

Uilcon não fez segredo de que só aceitou realmente os marginais/independentes/ alternativos (para abreviar: alternativos), depois que leu um curto ensaio meu, *A Náusea e o Mimeógrafo: os Poetas Estão nas Ruas*²⁸ e de discussões a respeito. Ele não foi o único a proceder assim, mas teve o brio de questionar e discutir abertamente, e a não agir ambigualmente.

26. Editada pelo advogado e poeta Guido Bilharinho, em Uberaba.

27. Eu conhecia Luz e Silva desde 1973. No ano seguinte lançou a antologia de jovens poetas até então inéditos (em livro) *Vôo Vetor*, de que participei. A Editora do Escritor, uma das primeiras das independentes, foi fundada em 1970, em São Paulo.

28. Escrito por sugestão expressa da professora Regina Zilberman e por ela estampada na prestigiosa revista *Letras de Hoje*, n. 51, ano XVI,

A questão das publicações alternativas colocou-lhe algumas interrogações. Uma delas: ainda existe mercado para a ficção? Outra: se existe uma rede dessas de publicações com leitores certos (assinantes), valer-se delas ou não? Uma terceira, fundamental: que gênero de literatura poderia ele (Uilcon) destinar a essas redes de publicações que cobrem o país?

Nasciam os minicontos. Nascia Biúte. Nascia Àssombrado. E um dos mais belos documentos da entrega de Uilcon às publicações alternativas – e sua final aceitação de que os suplementos culturais da grande imprensa servem à indústria cultural e à Universidade (atualmente, ambas já quase se equivalem) – está no único número da revista *Póstudo* em que publicou seu miniconto (um dos primeiros de Biúte) *Poema Antipedagógico*²⁹.

A Uilcon agradava muito trabalhar com a duplicidade (triplicidade, se possível) de significados, em todos os sentidos. Se o romance *No Coração dos Boatos* se punha como romance de vanguarda e objeto de análise para especialistas, os minicontos de Biúte (ele levou mais de dez anos escrevendo-os) punham-se como literatura pop, minimalistas, capazes de serem estampados em qualquer curto espaço de qualquer publicação alternativa (ou não). O ideal, para ele, seria estar com livros sendo vendidos no mercado e também estar circulando pelas redes em deltas dos alternativos. Ele queria incorporar tudo, donde se vê a estreiteza do erro já repetido tantas vezes em relação à sua obra: vê-la sempre por um único prisma, um único ponto de vista.

mar. de 1983, pp. 7-15, do Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras/Centro de Estudos da Língua Portuguesa, PUC do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Republicado no *Em Revista* n. 18, S. Paulo, Edit. do Escritor, em 1985, pp. 7-16.

29. Revista editada por Marcos de Carvalho e Eloésio Paulo, em Alfenas (MG). Traz entrevista exclusiva de Augusto de Campos e poemas de, entre outros, Cláudio Feldmam, Joaquim Branco. Leila Miccolis, Aricy Curvello.

Uilcon viveu em Marília de 1980 até 1988. Em 1989 fixou residência em Araraquara:

“... os nomes das cidades invisíveis. Calvícia, Uqbar. Rancharia, Kalamaikós, Azaraquara...”, como em seu miniconto *Antes Sofrer Que Morrer. Eis a Divisa dos Homens*.

Em nenhum outro lugar viveu plenamente com definições (ou indefinições?) tão a seu gosto. Já havia construído duas *personae* para si mesmo e para uso público: o professor universitário Doutor Wilcon Joia Pereira, autor de teses e artigos teóricos, para os quais o escritor Uilcon Pereira torcia o nariz. Passara do romancão de vanguarda (a trilogia *No Coração dos Boatos*) aos minicontos minimalistas de Biúte e Àssombradado. Em sua ficção já misturara e recombina o sonho e a vigília, o inconsciente e o consciente, a realidade e a fantasia, tudo o que pudesse ser dúplice ou tríplice como o labirinto, o travesti, o jogo infundável de linguagem. Ao fim, compunha poemas visuais e guardava a sete chaves a sua (talvez) obra-prima, *Grande Inquisição: Veredas*

A esta altura, ele se cansara de fomentar encontros de escritores no interior paulista, como o fizera em 1987 e 1988. Decepcionara-se com o estrelismo de tantos e com o alienado vazio da maioria, conforme se queixou. Tornara-se mais cético.

Sua obra já se fizera objeto de duas dissertações de Mestrado: Eloésio Paulo, na UNICAMP, com *Teatro às Escuras*, e Marina Lucy Goldmann, na PUC-SP, com *Uilcon Pereira ou o Alquimista que Sabia Javanês* – ambas em 1995 e das quais ele chegou a tomar conhecimento, bem como de uma terceira ainda em progresso (Pegadas na Argila, de Nancy Neves, na UNESP/ campus de Araraquara).

É paradoxal o crescente interesse universitário em tentar enquadrar uma obra abertamente libertária e avessa a simplificações sistemáticas ou a qualquer esquema que se pretenda totalizante. Trata-se de uma obra cujo autor a desejou em estado de inacabada em que procurou preservar espaço também para o inconsciente (jamais, porém, no sentido do surrealismo).

Não se queira jamais tomar um único caminho na interpretação da obra de Uilson Pereira. Errar-se-á totalmente de rumo diante da multiplicidade de direções ali existentes... e que se desvanecerão diante de uma visão linear e pesada.

Pude compreender algo, através dos vários nomes com que ele tentou me denominar, como fez com aqueles com quem realmente dialogava e considerava seus íntimos. A cada vez que ele substituía a anterior por uma denominação nova, chegava mais perto da definição que buscava. Em 1987, finalmente, ele, o Buscador da Palavra, escreveu-me: - ô Bibliotecário de Babel!



dialética do mestre e do escudeiro

Uilcon Pereira, que aliás nunca se vangloriou disso, conseguiu depois de muitos anos, noitadas e vigílias – lendo e plagiando velhas crônicas, piadas, reportagens, colunas sociais, novelas realistas, romances de cavalaria, entrevistas com superestrelas da cultura de massa, textos de Franz Kafka – expulsar inteiramente de si aquele perigosíssimo demônio

e o conseguiu tão bem que ele (em *Àssombradado* o chamariam de Dom Evaristo Biutum) então se lançou, sem o menor controle, nas mais loucas aventuras, mas não prejudicava ninguém, por falta de um objeto predestinado, que deveria ter sido o próprio autor de sua existência

talvez movido por um honesto sentimento de responsabilidade, Uilcon Pereira, que era um homem livre, calmamente seguiu o mestre nas descabeladas experiências de guerra, amor e sabedoria, esse moderno Sancho Pança retirou da aparente servidão, até o seu último dia de vida, uma grande e pacífica diversão

(UP, in *A Educação pelo Fragmento*.
São Paulo: Editora do Escritor, 1988.)

BIBLIOGRAFIA
DE UILCON PEREIRA

*Quanto tempo
Vão durar as obras? Vão durar
Enquanto não estiverem prontas.
(Bertolt Brech, De Como Construir
Obras Duradouras)*

Bibliografia de Uilcon Pereira

A . Curvello

A obra de Uilcon Pereira

Não existia publicada uma relação coerente e organizada de livros e trabalhos de nosso Autor. No seu caso específico, há uma dificuldade sobremaneira relevante quanto ao que nos deixou no campo da ficção . Exceto a conhecida trilogia de romances, como romances considerados por todos os que sobre eles se debruçaram e publicaram algum artigo ou resenha, não há definição estabelecida para o gênero literário de outros livros como, por exemplo, *Pop Prosa* (1972) ou *Ruidurbano: entre/vistas* (1992).

Trabalhando sobre a linguagem da mídia e da alta literatura, em constante diálogo com a cultura de massa, bem como explorando os desvãos da crise da narrativa, Uilcon escreveu em nosso tempo talvez o que se possa denominar de pós-romance e pós-conto do século XXI.

A bibliografia ativa que se segue é analítica, como de fato é exigido pelas características inovadoras da obra de UP, que ultrapassa gêneros literários como os conhecemos. Da mesma forma, a bibliografia registra em separado livros e opúsculos, destacando artigos de revistas e jornais. Em cada seção faz-se por ordem cronológica a entrada de todos os verbetes.

1. LIVROS

• Sobre Arte :

001. *Escritema e Figuralidade nas Artes Plásticas Contemporâneas*. (Assinando como Wilcon Joia Pereira.) Assis: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1976.

• **Sobre Ciências Sociais :**

002. *Della Volpe* - organização de Wilcon Joia Pereira. (Coleção Grandes Cientistas Sociais Vol. 14). S. Paulo: Ática, 1980.

• **Ficção**

- • Romances

(O que UP denominava de boataria-colagem)

003. *Pop Prosa*. (Livro-envelope.) Romance experimental. São Paulo: Ática, 1972.

Trilogia intitulada *No Coração dos Boatos*, composta pelos títulos seguintes (004, 005 e 006):

004. *Outra Inquisição*. Com orelhas assinadas por Fábio Lucas. São Paulo: Editora do Escritor, 1982.

005. *Nonadas*. (Nas orelhas há citações de Carlos Artur Ribeiro Nascimento, Luz e Silva, Arthur Hypólito de Moura, Manoel Lobato, Renato Pompeu, Salasar Marques. Na contracapa há transcrição de trecho de entrevista ao autor pelo *Jornal da Tarde*, S.Paulo, 13 nov. 1982.) Id.: id., 1983.

006. *A Implosão do Confessionário*. (Com prefácio de Luz e Silva. Nas orelhas há citações de Hermann José Reipert e Renato Pompeu.) Ib.: ib., 1984.

007. *Ruidurbano*. Romanção de mais de quatrocentas páginas. (Várias cartas de UP tratam dele. Jamais foi editado.) A única cópia existente encontra-se em poder da Dra. Hygia T. Calmon Ferreira, que desobedeceu ordem de UP e não a destruiu. Uma outra esteve em poder de Luz e Silva; perdeu-se, na maior parte usada como papel de rascunho. Uilcon disse-me haver retalhado a obra em quatro partes: ao fim optou por destruir duas

delas e por publicar as outras sob os títulos de *Ruidurbano: Entre/vistas* e *Ruidurbano: Uma Antologia*.

008. *Grande Inquisição: Veredas*. (Inédito. Talvez, a obra-prima.)

• • Pós-romances? Meta-Romances?

009. *Ruidurbano: Entre/vistas*. (Entrevistas inventadas) Coleção Macondo, de livros artesanais, tipografia manual e Papel reciclado. Jardinópolis: Ricardo Lima, editor, 1992.

010. *Ruidurbano: Uma Antologia*. Col. Macondo. Id.: id., 1993.

• • Contos

(O que UP denominava de biutaria ou biutice)

011. *Livro de Biúte*. S. Paulo: João Scortecci Editor, 1985.

012. *(Re-lances do) Livro de Biúte*. Marília: UNESP, 1985.
2ª edição: S.Paulo, João Scortecci Edit., 1986.

013. *A Educação pelo Fragmento*. S. Paulo: Edit. do Escritor, 1987.
2ª ed., id., 1988.
3ª ed. (ampliada), ib., 1996.

014. *Vampiro de Textos*. (Contém uma entrevista de UP ao SLMG e contos.) S. Paulo: Edit. do Escritor, 1989.

015. *Sobre Arte Moderna e Contemporânea*. (Pela definição de UP: conto-zinhos sobre pintura.) S. Paulo: Edit. do Escritor, 1995.

• • Em Antologias

016. *Contos Paulistas*. (Na coletânea, organizada por Deonísio

da Silva., UP participou com *A Vida Como Ela É: Um Vapor na cabeça.*) Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

017. *Livro de Prata.* (Coletânea comemorativa dos 25 anos da Editora. UP participou com três minicontos: *Três Lendas do Futuro: A Segunda Vinda; Mais um Rei Nu; Ficção Científica.*) S.Paulo: Edit. do Escritor, 1995. Edu-

II. TEATRALIZAÇÃO

Em 31 de Março de 1993, no antigo auditório da União Brasileira de Escritores, em São Paulo, o Grupo de Teatro Experimental (dirigido por Hugo Villa Vicenzo) lançou em estréia nacional *Os Alquimistas já estão no corredor*, teatralização de alguns contos de Uilcon.

III. ARTIGOS

001. Arte e Cultura de Massas. *Revista de Letras*, vol. XI, Assis, UNESP, 1968, pp. 207-228.
002. Paul Klee: escrita e figura. (Rev.) *Transformação*, n. 1, Assis, 1974, pp. 117-154.
003. Piet Mondrian: um percurso. *Revista de Letras*, vol. XVI, Assis, UNESP, 1974, pp. 231-251.
004. Sobre a Bienal de número XIII. *Transformação*, n. 2, Assis, 1975, pp. 181-194.
005. A Espacialização da Fala no Cinema. *Transformação*, n. 3, id., 1980, pp. 1-27.
006. Semiologia e Pintura segundo René Passeron. - 1. *Estética*, UNESP- campus de Marília, FEFCSD, 1980, pp. 1-27.
007. Id. *Transformação*, n. 5, Assis, 1982, pp. 1-37.

008. Della Volpe crítico de Lukács. *Transformação*, n. 4, Assis, 1981, pp. 91-103.
009. Poesia Concreta & o impacto no corpo da palavra. *Livrespaço* ano II n. 8, Santo André, out-nov-dez. 1993. (Transcr. por Dalila Teles Veras de uma palestra de UP proferida na Livraria Alpharrábio, em Santo André, entre 15 e 30 set. 1993, por ocasião de Mostra Visual de Poesia.)
010. Poética e Visualidade. (Sobre livro homônimo de Philadelpho Menezes, Campinas, Editora da UNICAMP, 1991.) In: *Salvo Melhor Juízo*. S. Paulo: Edit. do Escritor, 1994, pp. 95-100.
011. Sobre Educação e Literatura. (Parte da comunicação apresent. por UP, em mesa redonda do 8º Congresso de Leitura na UNICAMP, em 25 jul. 1991, sob a coordenação da Profª Letícia Malard.) In: *Em Revista*, n. 21. S. Paulo, Edit. do Escritor, 1992, pp. 57-64.

IV. APRESENTAÇÕES E PREFÁCIOS

001. Apresentação da edição brasileira. In: Benjamin, Walter. *A criança, o brinquedo e a educação*. S. Paulo: Summus, 1984.
002. Apresentação. (Na contra-capá.) In: Cardoso de Souza, Ademair. *Jardinovelíssimas* (poemas). Jardinópolis: R. Lima, editor, Coleção Macondo, 1991.
003. *Poemas. Gráficos. Visuais*. (Escrito sobre poemas de Artur Gomes.) Inédito. Quatro páginas, dat., s. d. (possivelm. primeiro semestre de 1996).

V. OBRA VÁRIA INÉDITA

001. *Os Escritemas na Pintura Cubista*. (Tese de livre docência,

de 1981, sobre a utilização de letras, sílabas, palavras e frases em quadros cubistas de Picasso, Gris e Braque.)

002. *A Estética de Galvano Della Volpe – Arte, Linguagem e Sociedade.* (Trabalho apresentado em 1989, quando do concurso para professor titular na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP/ *campus* de Araraquara, embora não existisse obrigatoriedade de uma dissertação.)

003. Sinopse de aulas, transcritas por (e em poder de) Nancy Neves.

004. *Um diário para o Ano 2.000.* (Diário que estava escrevendo em 1996, de que me deu notícias em cartas, o qual queria distribuir no dia 1º de Janeiro de 2.000.)

005. Poemas visuais, dentre os quais se destaca *Santa Ignorância Padroeira da Cultura.*

(Encontra-se em andamento pesquisa bibliográfica que tenta estabelecer a relação de contos de UP publicados em revistas e jornais, suplementos e folhetins, no Brasil e no exterior.)

FORTUNA CRÍTICA

Da mesma forma que não dispúnhamos da Bibliografia ativa de Uilcon Pereira, também não estava relacionada nem publicada a sua Fortuna Crítica.

Em material de divulgação do último de seus livros publicados ainda em vida, a terceira edição de *A Educação pelo Fragmento* (1996), UP fez a Editora do Escritor estampar uma relação de nomes de escritores e professores universitários que teriam supostamente escrito sobre ele e sua obra. Verifiquei com as pessoas ali apontadas. Várias delas testemunharam-me, por carta, que não escreveram sobre Uilcon. A fraseologia das respostas levou-me a atinar que os critérios de inclusão na lista haviam sido propositalmente bastante flexíveis, a ponto de admitir Cassiano Nunes (hoje em Brasília/DF) apenas pela menção feita ao nome de UP como integrante do “Grupo da Biblioteca Municipal Mário de Andrade”, bem como relacionar o poeta Cláudio Feldman pelo fato único de haver publicado no seu pequeno jornal alternativo *Taturana* um miniconto de UP.

Em vista do comportamento de um Uilcon sempre não convencional, percebi que deveria exercer, durante minha pesquisa, controle também sobre textos críticos, entrevistas e depoimentos que ele algumas vezes anunciou existir ou que ele próprio levou algumas pessoas a registrarem como verídicos. Esse controle foi efetuado por meio de verificação nas coleções de periódicos e no acervo da Biblioteca Nacional e do Museu-Arquivo de Literatura Brasileira (Casa de Rui Barbosa). Quando não localizado ali o trabalho a controlar, foi solicitada ao hipotético autor a remessa de um exemplar original da publicação da resenha, artigo, ensaio ou livro.

Como a relação de nomes publicada pela Editora não contribuiu muito, vi-me obrigado a entrar em contato com

um número considerável de pessoas, mais de uma centena delas. A descoberta de um artigo levou sempre a outros trabalhos publicados. No entretanto, a relação da Editora teve o condão de registrar cabalmente o estilo de Uilcon em ação. Entre os trabalhos críticos que indicou como estampados a seu respeito, em livros, está:

LOPES, Edward. Biúte ou a Semiótica Feliz. In: *Theorie der Text*. Universidade de Kasária, Kasar, 1989, pp. 69-96.

O que não passa de ficção, do gênero daquela que nos vem do argentino Borges, mestre em criar livros imaginários. Até prova em contrário, Uilcon criou, no caso, também uma Universidade imaginária.

Por outro lado, a técnica literária da intertextualidade utilizada por Uilcon foi vista por alguns como se se tratasse unicamente de algo como vampirizar textos alheios. A forma de obra aberta, que ele perseguia, também veio a ensejar outros artigos irremediavelmente equivocados, carnalizantes, quando não apenas carnavalescos. No entanto, como se tratava de registrar uma bibliografia passiva, esses textos foram aqui relacionados.

A seguir, estampa-se a Fortuna Crítica de UP, de modo analítico. Os textos publicados em livros e opúsculos estão registrados em separado daqueles que vieram a lume em revistas e jornais. Todos os verbetes fazem sua entrada por ordem alfabética.

1. ENSAIOS, ARTIGOS E RESENHAS

1.1 - Publicados em livros

001. CURVELLO, Aricy, et alii. *Uilcon Pereira: no coração dos boatos*. S.Paulo: Giordano, 2000.

Pela primeira vez são publicadas a biografia, a bibliografia, a Fortuna Crítica de UP e uma iconografia. Também, uma coletânea dos melhores textos publicados sobre a obra bem como depoimentos e poemas referentes a UP.

002. ENCICLOPÉDIA DE LITERATURA BRASILEIRA. Oficina Literária Afrânio Coutinho: direção de A. Coutinho e J. Galante de Sousa. Rio: FAE, 2 v., 2ºv., 1989, p. 1048.

003. ENCICLOPÉDIA DELTA LAROUSSE. Livro do Ano. S. Paulo: Delta Larousse, 1985. (Verbete: *Literatura no Brasil*.)

004. GOTO, Roberto Akira. *Apanhador no campo das palavras*. In: *A letra ou a vida*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992, pp. 32-41.

005. LUCAS, Fábio. Texto de apresentação do livro, na orelha de *Outra Inquisição*. S. Paulo: Edit. do Escritor, 1982.

006. LUZ E SILVA, Benedicto. Prefácio ao livro *A implosão do Confessionário*. S. Paulo: Edit. do Escritor, 1984.

007. — . No coração dos boatos. *Interpretações críticas*. S. Paulo: Edit. do Escritor, 1987, pp. 78-82.

008. PAULO, Eloésio. *Teatro às escuras (Uma introdução ao*

romance de Uilcon Pereira). Pouso Alegre: SIC Edições, 1997.

Dissertação de mestrado defendida na UNICAMP em setembro de 1995, desenvolvida sob a orientação de Jesus Duringham.

009. SOARES, Elisabete. Uilcon Pereira, meu primeiro crítico. In: *Contatos não tão imediatos*. S. Paulo: Edit. do Escritor, 1997, pp. 51-53.

1.2 Publicados em jornais, revistas e opúsculos

010. AMARAL, Luiz Antonio & Vieira, Ney. Um redemoinho em torno do nada. *Itinerários - Revista de Literatura*, n. 14. UNESP / Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Pós-Grad. em Letras/Estudos Literários, 1999, pp.165-178.
011. BARBOSA FILHO, Hildeberto. Uilcon Pereira e o saque textual. *O Norte*, João Pessoa, 17 mar. 1987.
012. BOLOGNESE, Mário. Do Esteta ao Literato. *Encarte do Programa de Pós-Graduação em Letras e Est. Literários*, UNESP/ campus de Araraquara, nov. 1996.
013. CARVALHO, César de. Vircolino, o criador dos Biútes. *Encarte do Programa de Pós-Graduação em Letras e Est. Literários*, UNESP/ campus de Araraquara, nov. 1996.
014. CURVELLO, Aricy. Babilônia, Bizâncio, Babel e Brasil (Ou A per-versão da linguagem). *Revista de Letras*, vol. 12, n. 1/2 ano II, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, jan.-dez. 1987, pp. 285-295.
015. — Id., op. cit., *Suplemento Cataguases*, n. 12 ano II, Cataguases, jul. 1987.

016. FERREIRA, Hygia T. Calmon. *Uilcon Pereira : avessos*. São José do Rio Preto: IBILCE / UNESP, 1987, (op.).
017. — Id., op. cit., *Letras e Artes* (Convênio *Jornal de Letras/ Fundação Rio*) ano I n. 9, Rio de Janeiro, 1987.
018. FRANCO, Renato. Dialética do mestre e do escudeiro. *Itinerários - Revista de Literatura*, n. 14. UNESP / Fac. de Ciências e Letras de Araraquara, Pós-Graduação em Letras e Estudos Literários, 1999, pp. 159-164.
019. FRÓES, Leonardo. Febre municipal altera as letras do país. Caderno B, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 out. 1984, p. 3.
020. GUIMARÃES, Elisa. Diálogo do Arbítrio. *Leia Livros*, ano 5 n. 54, S. Paulo, 15 fev-14 mar. 1983.
021. — Uma obra prenhe de reticências. Supl. *Cultura, O Estado de S. Paulo*, 23 out. 1983.
022. — Animada Festa Verbal. Supl. *Cultura, O Estado de S. Paulo*, 20 jan. 1985.
023. — À margem da obra de Uilcon Pereira. *Literatura - Revista do Escritor Brasileiro*, ano IV n. 8, Brasília, jun. 1995.
024. KRONEMBERGER, Ana. Uilcon Pereira: ficção realidade. *Poiésis Literatura*, ano III n. 2, Petrópolis, out. 1995.
025. LEONTINO FILHO, R. Cenas dos próximos capítulos. *Literatura - Revista do Escritor Brasileiro*, ano II n. 4, Brasília, jun. 1993, pp. 74-78.
026. LOBATO, Manoel. Texto onírico. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, n.874, Belo Horizonte, 2 jul. 1983.

027. LUCAS, Fábio. Outra inquisição. *Em Revista*, n. 13, Edit. do Escritor, S. Paulo, 1982.
028. LUZ E SILVA, Benedicto. Uilcon Pereira. (Coluna) Casa do Escritor. *Folha de Mairinque*, 4 jan. 1997.
029. — Uilcon Pereira é o personagem desse livro. *Correio do Sul*, Varginha, 10 set. 1998.
030. — Id. *Literatura - Revista do Escritor Brasileiro*, ano VII n. 15, Brasília, dez. 1998, pp. 28-30.
031. — Id. *O Escritor - Jornal da União Brasileira de Escritores*, n. 86, S. Paulo, jan. 1999, p. 8.
032. MACIEL, Nilto. Uilcon Pereira: um escritor do século XXI. *Poiésis Literatura* ano VI n. 55/56, Petrópolis, jan-fev. 1998.
033. — Nonadas uilconianas. *Literatura - Revista do Escritor Brasileiro*, ano VIII n. 16, Brasília, jun. 1999, pp. 35-40.
034. MARQUES, Nelson Salasar. A volta do parafuso: a sexta volta. *Em Revista*, n. 16, S. Paulo, Edit. do Escritor, 1983.
035. MARTINEZ, Vinício Carrilho. Wilcon Pereira: um professor jóia. *Diário*, Marília, 29 out. 1996.
036. MOTA, Camilo. Fragmento e refinamentos do “Ruidurbano” de Uilcon Pereira. *Poiésis Literatura*, n. 23, Petrópolis, mai. 1995.
037. — Id. *Blufon Cultural*, n. 50, Blufon,— Ohio, Estados Unidos, 1997.
038. — Uilcon, moderno & contemporâneo. (Coluna) Impressões Literárias. *Culturarte*, Petrópolis, out. 1996.

039. — Luto. (Coluna) Livros & afins. *Gazeta Petropolitana*, Petrópolis, 30 nov. 1996.
040. — A última biutice de Uilcon Pereira. *Poiésis Literatura*, ano IV n. 42, Petrópolis, dez. 1996.
041. — Mais Uilcon a caminho. *Poiésis Literatura*, n. 57, Petrópolis, mar. 1998.
042. — Id. *Literatura - Revista do Escritor Brasileiro*, ano VII, n. 14, Brasília, jun. 1998, pp. 19-20.
043. PAULINO, Bianor. Notícias de Uilcon Pereira. (Coluna) Em cartaz. *Suplemento Cultural. Diário de Natal*, 29 fev. 1996.
044. — Contos. (Coluna) Em cartaz. *Diário de Natal*, 28 ago. 1996.
045. PAULO, Eloésio. Do inquisitório à outra inquisição. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, Belo Horizonte, 25 nov. 1990.
046. — Fragmentação e alegoria no romance pós-64. Cad. de Sábado, *Jornal da Tarde*, S.Paulo, 6 mai. 2000, p. 3.
047. POMPEU, Renato. Entrevista. Cad. *Cultura. Jornal da Tarde*, S. Paulo, 13 nov.1982, p. 12.
048. — Outra inquisição: crítica e defesa. Id., id., id., 16 dez. 1983.
049. PONTES, Hugo. O jardim dos dinossauros. *Jornal da Cidade*, Poços de Caldas, 30 abr. 1992.
050. — Sobre arte moderna e contemporânea. Id., id., 19-20 ago. 1995.

051. PRANDI, Daniela. *Ruidurbano* traz entrevistas saídas do universo de Pereira. *Correio Popular*, Campinas, 20 ago. 1992.
052. PY, Fernando. Ruidurbano: uma antologia. (Coluna) Leitura. *Diário de Petrópolis*, 9 abr. 1995.
053. — A educação pelo fragmento. Id. id., 23 mar. 1997.
054. RIBEIRO, Antônio Carlos. Boatos implodidos. Caderno B, *O Momento*, n. 6, João Pessoa, 2-8 jul. 1985.
055. RODRIGUES, Antônio Medina. Uilcon Pereira queria chegar ao íntimo do tempo. Supl. Cultura. *O Estado de S. Paulo*, 16 nov. 1996, p. 11.
056. RUFFATO, Luiz Fernando. Existe isso? *O Escritor - Jornal da União Brasileira de Escritores*, S. Paulo, fev. 1985.
057. SALERNO, Márcio. O dadaísmo na obra de Uilcon Pereira: os biútes e as biutices. *Tribuna de Petrópolis*, 1º ago. 1996.
058. — O “underground” brasileiro perde mais um escritor de vanguarda. *Tribuna de Petrópolis*, 15 nov. 1996.
059. SILVA, Antônio Manoel dos Santos. A máquina de conversações. *Jornal do Livro*, n. 4, Curitiba, Criar Edições, ago. 1984.
060. SILVA, Deonísio da. Eu te adoro, Adorno... *Suplemento de Domingo. Cultura. Correio Popular*, Campinas, 10 jul. 1983.
061. — Almanaque literário regional. Supl. *Folha Nordeste. Folha de S. Paulo*, 3 jul. 1992.

062. VERAS, Dalila Teles. A educação pelo fragmento. (Col.) Viaverbo. *Diário do Grande ABC*, Santo André, 18 set. 1996.
063. — Uilcon Pereira por ele mesmo. *O Escritor - Jornal da União Brasileira de Escritores*, n. 86, S. Paulo, jan. 1999, p.9.
064. Vida acadêmica e literária de Uilcon Pereira. *Encarte do Programa de Pós-Graduação em Letras e Est. Literários*. UNESP/ campus de Araraquara, nov.1996.
065. VIEIRA, Ney & Amaral, Luiz Antonio. (V. 010.)

2. INÉDITOS

066. GOLDMANN, Marina Lucy. Uilcon Pereira ou o alquimista que sabia javanês. 1995, 144 páginas, dat.

Dissertação de mestrado defendida na Pontifícia Universidade Católica de S. Paulo, em agosto de 1995, sob orientação de Fernando Segolin.

UILCON PEREIRA

OUTRA INQUISIÇÃO



Capa do primeiro romance da trilogia *No Coração dos Boatos*, de 1982, com que Uilcon realmente lançou sua carreira literária

VIAGEM NA FAMÍLIA

O Zen com feições de Walter Benjamin

Aricy Curvello

Após o luto, a mente começou a tatear em busca do que seria o futuro sem a presença de Uilcon. Antigas e eternas perguntas se adiantaram e vieram à tona.

Hoje, após haver lido dezenas de depoimentos e conversado com quase uma centena de pessoas a respeito de UP, sua obra, sua vida, sua passagem por Assis/Marília/Araraquara e até S. Paulo, mesmo sobre os movimentos culturais que desencadeou e auxiliou a desencadear no interior paulista, posso ver mais claro.

Uilcon foi/é um homem do agora, do presente. Ainda quando contraditório – e ele o foi também. Mas foi/é o professor zen que dizia/diz: “Faça logo, senão você não vai ter tempo para fazer.”

Zen: porém com feições de Walter Benjamin, seguramente o filósofo que o marcou em definitivo.

Sendo um homem do agora, ele desejou/deseja incorporar tudo. Sua obra jamais é linear, monocrômica, unívoca. Pelo contrário, é um trabalho em labirinto. Quem apontar *Serafim Ponte Grande* (Oswald de Andrade) como decisivo em deflagrar os processos literários utilizados por UP, ter-se-á esquecido de que *Macunaíma* (Mário) também está presente, da mesma forma que Lima Barreto e, bastante nitidamente, Guimarães Rosa, Joyce, Borges, Kafka, os principais autores da ficção contemporânea e do passado, inclusive o *Eclesiastes e As Mil e Uma Noites*.

O desejo em Uilcon de filtrar e de incorporar tudo traz-me um esboço de explicação para algumas perguntas que eu me vinha fazendo há cerca de vinte anos – e que Fábio Lucas e Marina Lucy explicitam abertamente. Alguma espécie de resposta fui também encontrar através dos artigos de Maurício Leandro e de Zé Pedro Antunes. Porém ninguém me respondeu: por que (sendo tão duro e exigente conosco, com seu círculo mais ínti-

mo) Uilcon aplaudia em público, às vezes, escritores e poetas tão fracos, para não dizer equivocados de vocação?

Em alguns casos, UP me responderia talvez ao modo zen: "Porisso mesmo..." (auxiliando-me a compreender através do aparente paradoxo: "Fizeram um esforço imenso, desproporcional em relação ao pequeno ou nenhum talento que têm.").

Em outros casos, tratar-se-ia do fato de que Uilcon durante a leitura "colaborou" com o Autor. Os críticos literários dos Estados Unidos não se cansam de repetir que Baudelaire "leu" um Edgar Allan Poe que absolutamente nunca existiu.



ARICY CURVELLO

Uberlândia, Minas Gerais, 1945. Quando estudante, atuou em favor das reformas sociais almejadas no início dos anos sessenta. Durante os governos militares sofreu prisões e perseguições. Participou intensamente em publicações literárias e movimentos no Rio, São Paulo, Minas e outros Estados. Seu livro de estréia (*Os Dias Selvagens te Ensinam*, 1979) teve muita boa acolhida por parte de críticos como, entre outros, Fábio Lucas, Fritz Teixeira de Sales, Edgard Godói da Matta Machado, Hemann Reipert, Waldemar Cavalcanti, José Afrânio Moreira Duarte, Fernando Py, Ascendino Leite, Roberto Goto. Seu segundo título de poesia, *Vida Fu(n)dida*, é uma plaquete editada em prelo manual pelo artista plástico paranaense Hélio Lete em 1982. Mencionado no Catálogo de Imprensa Alternativa, organizado por Leila Mícolis (Rio Arte, Secretaria de Cultura do Rio de Janeiro, 1986). Gradou-se em Direito, pela Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte. Viveu vários anos no Rio de Janeiro e Niterói. Um ano na Amazônia, no norte do Pará, a serviço de empresa de mineração de bauxita, do Grupo Cia. Vale do Rio Doce. Atuou em outros projetos de construção de usinas de alumina e de alumínio da CVRD, de interesse nacional, como a Valesul, Alunorte e Albrás. Viagou muito. Desde 1980 é sócio da União Brasileira de Escritores, Seção de São Paulo. Em 1998 ligou-se ao Projecto Cultural Sur – presidido pelo escritor chileno Tito Alvarado, com o apoio da União de Escritores e Artistas de Cuba (UNEAC), o que já o levou a Havana duas vezes. Correspondente no Brasil da revista literária portuguesa *Anto*. Integra o Conselho Editorial de *Literatura-Revista do Escritor Brasileiro*, de Brasília. Reside na Praia de Jacaraípe, Serra, no Espírito Santo.

Livros de poesia: *Os Dias Selvagens te Ensinam* (Belo Horizonte: Vega, 1979); *Vida Fu(n)dida* (Ubatuba: H. Lete Editor, 1982); *Mais que*

os *Nomes do Nada* (S. Paulo: Edit. do Escritor, 1996). A ser lançado: *Viver para Viver*.

Antologias coletivas: *Voo Vetor* (São Paulo: Ed. do Escritor, 1974); *Sopoesia* (id., 1976); *Antopoé* (ib., 1978); *Sociedade dos Poetas Vivos* – Volume XIII: *Volúpia* (Rio de Janeiro: Blocos, 1999).

Antologias nacionais: *Cem Poemas Brasileiros* (que reuniu os vencedores do concurso nacional da revista *Escrita*, org. de Y. Fujiyama com Vladimir Nader. São Paulo: Editora Vertente, 1980); *Brasília na Poesia Brasileira* (org. de Joanyr de Oliveira. Brasília/Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/ Ed. Cátedra, 1982); *Varal de Poesias ao Sabor do Vento* (org. de Douglas Carrara, efeito da primeira Expô de Poesia no Metrô; Rio de Janeiro: Ribro Arte Editora, 1986, com apoio da Cia. do Metrô carioca e Secretaria Municipal de Cultura, com patrocínio da Editora Vozes); *A Poesia Mineira no Século XX* (org. de Assis Brasil. Rio: Imago, 1998) e internacionais como *International Poetry* (University of Colorado, Boulder, EE.UU., 1983); *Hermanos – Antologia Brasil-Cuba* (São Paulo : João Scortecci Editora; Salvador: Grupo Cultural Pórtico, 1997) e duas da revista literária portuguesa *Anto* (n.3, 1º sem. 1998, e n.6, 2º sem. 1999), bem como de *Poesía de Brasil* (Proyecto Cultural Sur). Poemas seus foram traduzidos e publicados em espanhol, francês, inglês e sueco.

Verbetes: *Enciclopédia de Literatura Brasileira* (Afrânio Coutinho e J. Galante, 1990); *Dicionário Biobliográfico de Escritores Brasileiros Contemporâneos* (Adrião Neto, 1998 e 1999); *Enciclopédia Internacional de Literatura* (Varsóvia).

Ref. Bibliográficas: Ascendino Leite (*Um Ano no Outono; Euismos; Por Uma Saudade Azul*); Assis Brasil (*A Poesia Mineira no Séc. XX*); Eloésio Paulo (*Teatro às Escuras*); Fábio Lucas (*Crítica Sem Dogma*); Hygia T. Calmon Ferreira (*Ulcon Pereira: Avessos*); José Afrânio Moreira Duarte (*Impressões Críticas*).



Cena do casamento de UP e Marina Lucy, em 1967; ao lado do casal estão os pais do noivo

Àssombradamento

David Pereira

Meu caro Aricy,

Estou enviando o material:

- texto inédito de UP. Achei que algo bem-humorado e de timbre metalingüístico cairia melhor (número 1);
- texto meu, à moda de UP, tocando em algo que ele insistia em me ensinar: mais calma, mais vida espiritual... será que aprendi? será que aprendemos??? (número 2);
- frase declaração-de-princípios, encontrada por mim numa das cadernetas de UP. Talvez pudesse aproveitá-la na abertura do volume, algo como epígrafe, já que o teu projeto, de certa maneira, vai de encontro a tal idéia (número 3).

.....

Fico por aqui e deixo um abraço no amigo
do

David.

Araraquara, 9 de setembro de 1997



As formigas e a ciência da escritura

Uilcon Pereira

Uma formiga que caminhava perdida sobre a folha de papel, na escrivaninha do mestre Biúte, viu uma pena que desenhava traços negros e finos.

- Que maravilha! - exclamou - Que coisa notável! Tem vida própria e até parecem formigas, milhões de formigas traba-

lhando juntas nos rios e vales, subúrbios e veredas de Assombrado.

Contou seus pensamentos a outra formiga, que ficou igualmente interessada e elogiou os poderes de observação da irmã.

Mas chegou uma formiga-decana e disse:

– Tenho observado há anos esse estranho objeto. Tirei uma conclusão: não é só ele que impulsiona o trabalho. A pena deve estar ligada a outros objetos que a rodeiam e conduzem. Talvez sejam as origens do movimento sobre o qual refletimos.

Desse modo, as formiguinhas acabaram por descobrir os dedos.

Passado algum tempo, uma delas caminhou sobre os dedos de Biúte e percebeu que faziam parte da mão. Explorou-a total e minuciosamente, ao estilo das formigas, esquadrinhando-a toda.

Voltou então para junto de suas companheiras e gritou-lhes:

– Povo das formigas! Trago importantes notícias. Aqueles pequenos objetos sobre a escrivainha fazem parte de outro mundo infinitamente maior. Esse é o que realmente move tudo.

Depois, descobriram que a mão do escriba ligava-se a um braço e o braço ao corpo; que não existia só uma, e sim duas mãos; e que existiam dois pés, que não escreviam.

As investigações prosseguiram.

Assim, chegaram a ter uma idéia bastante adequada da mecânica da escrita.

Através de seu método de investigação costumeira, entretanto, nada conseguiram saber a respeito do sentido e da intenção daqueles gestos, nem sobre como, finalmente, eles eram determinados: as formiguinhas nunca souberam ler nem escrever.



Àssombradamento

— uma prosa desentranhada à maneira d Uilcon Pereira —

David Pereira

De sua janela que dava para a praça do mercado, Uilcon de Àssombradado viu um de seus discípulos, caminhando apressadamente. Chamou-o, convidando-o a subir.

– Biúte, disse, olhaste o céu esta manhã?

– Não, rabino.

– E a rua, Biúte, olhaste a rua?

– Sim, rabino.

– E agora, ainda a vês?

– Si, rabino, eu a vejo.

– Diga-me o que vês.

– Gente, cavalos, carroças, escribas, vendedores de micros e de forminhos a laser.

– Mercadores gesticulando, camponeses excitados, homens e mulheres indo e vindo, empurrando-se uns aos outros?

– Sim, mestre, é o que vejo.

– Biúte, Biúte, daqui a cem anos, daqui a cem vezes cem anos haverá, neste mesmo lugar, uma rua como esta e um mercado parecido com este. Outras carruagens trarão outros comerciantes a fim de vender e de comprar alfaces ou eletrodomésticos. Mas eu não mais estarei aqui, nem tu. De forma que te pergunto, amigo Biúte, qual é o sentido de ficar correndo assim, para cima e para baixo, se nem ao menos tens tempo de olhar o céu e ler o que está escrito no sol, na lua, nas nuvens, nas estrelas fixas ou cadentes? Somente as nossas lendas da tribo podem salvar, as estórias das nossas dinastias, Rebe de Bratislav e Rebe Nathan, Marinão, Dr. Rosa da Pharmacia Coração de Jesus, Batuta, Manduca, Evaristo Sueco do Burgo. Perceba com todas as forças que não podemos esquecer. O que está em perigo é o próprio sentido da vida humana na Terra, o que se acha em risco é a nossa sobrevivência enquanto seres humanos, não esqueça, não esqueça!

DAVID PEREIRA

São Paulo (SP), 23 de outubro de 1968. Formou-se em Psicologia pela Universidade de São Paulo, em 1992. Professor na Universidade de Franca (SP). Editor do folheto de poesia *Canguru*, cujo número 3, datado de junho de 1996, foi sobre Fernando Pessoa – *Em Seu Centenário*. Filho único de Uilson Pereira, reside atualmente em Franca (SP).

Saudades de Uilcon: conficções

Fábio Lucas

As cartas de Uilcon Pereira sempre trouxeram para mim um toque especial de ternura, inteligência e criatividade. Confidenciais, denunciavam, em faíscas, componentes de carinho e afeto, tornando o dia de recebê-las uma clareira de paz, um domínio de irradiação e simpatia.

Recordo-me agora de uma vez em que, instigado pela obra e pelos recados telegráficos de Uilcon, comparei o seu trabalho, pelo mero efeito do jogo de palavras, às *Confissões* de Santo Agostinho. Só que, caro Uilcon, as suas são *Conficções*, eu dizia. Ele gostou. E explico: Uilcon utilizava o saber, a memória e a imaginação para amalgamar o seu texto. Ficcionava o real. Confessava-se por meio das fantasias: conficções.

Passei, então, a guardar cópias das cartas que eu lhe enviava. Só para documentar a excitação mental que a produção e as palavras amigas de Uilcon me suscitavam.

Hoje, ausente o interlocutor e silenciado o conficcionista do amigo, passo a Aricy Curvello, devotado companheiro, de equiparável honradez na seara das letras, o traslado de duas cartas.

Devo esclarecer que o Uilcon me disse que aproveitava trechos de minhas cartas ou pronunciamentos para inseri-los disfarçadamente nas suas publicações. Ou atribuí-las a personagens imaginárias, entre as tantas que ele gestou, tudo dentro daquela confusão da prosa/poesia do escritor/filósofo. Daí, o meu PS da carta de 30.8.92: "Use de meus dizeres como lhe aprover."

Ao divulgar estes dois capítulos de nossa conversa, o que procuro é tentar a restauração de um diálogo que não deveria nunca ter sido interrompido. E cuja interdição, tão inesperada, constitui mais uma prova, se necessário fosse, do absurdo de nossa vida.

São Paulo, 30 de agosto de 1992

Meu caro Uilcon.

De retorno da viagem psicodélica ao mundo do *Ruidurbano* e de malas prontas para a capital do vício, Brasília, refreio a caravana para um diálogo. Oásis:

Você, na sua imaginação incandescente, criou uma prosa de faíscas. Visão de um mundo desprogramado, de cujas brechas escapam cintilações poéticas e filosóficas, muitas vezes revestidas de absurdo. Linguagem estocástica, não serial. O que conta, freqüentemente, são os atos falhos, os ruídos fora da pauta. Ruidosurbanos.

A personagem Uilcon, entre-vistada, se traveste em pregoneiro do labirinto e da alquimia, Tira ouro das palavras.

Às vezes, se apresenta na qualidade de mártir da palavra.

Mas o instinto lúdico acaba levando-o ao jogo aberto da loteria da vida e da arte.

Você é capaz de escrever a escatologia de H. Miller para o solo tropical, produzindo um fluxo de imagens e querelas.

Você capta os “apelos de homens sem qualidades, mas falantes”... “quando as surpresas triunfam...”

No seu dizer, tudo cai na rede: “amor, risos, alegria, festança, escárnio, desesperança, crítica social.”

Pois, meu caro Uilcon, no mistério do mundo, “choramos pelo vazio que acabamos de ganhar.”

No mais, você sempre aposta na floresta dos símbolos, conforme o diz e prova.

Parabéns, meu caro, por este viveiro de espantos que é o *Ruidurbano*, no qual a noção do vazio e do nada é de imediato preenchida pelo saber da linguagem, pela ânsia da expressão.

É tempo. A voz do dever estridula nos meus tímpanos. Grato pela oferta das entre/vistas. Muito sucesso para a obra. Muito êxito na sua vida.

Lembranças para o David e para a Sônia.
Abraços de amizade do

Fábio Lucas

PS. Use de meus dizeres como lhe aprouver.



S. Paulo, 23 de julho de 1996

Meu caro Uilson.

Obrigado pela remessa de *O Canguru*. Pude ler, finalmente, *A educação pelo fragmento* (S. Paulo, Edit. do Escritor, 1996).

Creio que você atingiu o esplendor de sua imaginação criadora. Há trechos (fragmentos) de tal modo expressivos que mais parecem microorganismos com a propriedade de representar a totalidade de que saíram. Viram microcosmos, partículas atômicas do universo da expressão.

Você explora muito bem o imponderável que milita entre o depoimento vivencial, soma de experiências cerebrais, e o exercício da imaginação. Deste modo, o que é tradição e raiz se entrelaça ao que se traduz por simples fantasia.

O que mais cintila do seu texto é a realidade ficta, soerguida dos escombros culturais e do malabarismo histriônico do fazedor de mágica e de prodígios.

Eu diria que repousa em você uma inconsciente preferência pela primitiva arte da parataxe, livre, quase sempre, das conexões, dos conectivos da hipotaxe, fervorosa amiga das hierarquias, das gradações e dos discursos apologéticos.

Ilá em você um justiceiro anárquico, como o contista dramático da *História do olho*.

E citações-abonações de alto poder reflexivo, como a evocação de Glauco Matoso (p. 12), ou a de Gide (p.24). Em contrapartida, você apresenta cenas e episódios espirituosos, irônicos, às vezes pelo simples uso jocoso da farsa. Jogo de alegrias.



Marina Lucy e Uilcon, na Semana de Letras, da Faculdade Santana e São Paulo, em São Paulo, em 1993. Uma das raríssimas fotos de Uilcon trabalhando

Outras vezes, temos a busca da essência poética ou narrativa. A fábula de “minuscolina” é exemplar (p. 44). E a quiddidade do humor se entremostra em “a invenção da nova arte humorística” (p.79).

A parceria com Schlegel (p. 57) é esclarecedora: nomeia e exalta o fragmento.

Entre várias fontes de significado de seu texto, haveria de contar-se o estudo da onomástica. Você faz piruetas incríveis com os nomes, tanto os adotados, quanto os inventados.

Bem, meu caro, por aqui fico eu. Vou aprontar as minhas malas, que amanhã embarco para BH. Receba o melhor abraço de estima e amizade do

Fábio Lucas



FÁBIO LUCAS

Esmeraldas (MG), 1931. Autor de extensa e importante obra de Crítica literária. Em homenagem que lhe foi prestada pela grande imprensa de Minas Gerais em 1997, por ocasião de seu aniversário, em Belo Horizonte, Roberto Drummond expressou publicamente o pensamento de todos: ao lado de Antônio Cândido e de Wilson Martins, Fábio representa o que há de melhor na Crítica em nosso país. Professor universitário de renome, sofreu perseguições políticas durante os anos de chumbo dos governos militares (1964-1974), as quais culminaram com a retirada de sua cátedra na Universidade Federal de Minas Gerais. Ministrou inúmeros cursos sobre literatura brasileira em Universidades do exterior. Ex-Diretor do Instituto Nacional do Livro. Atual presidente da União Brasileira de Escritores, Seção de São Paulo. Membro da Academia Mineira de Letras e, também, da Paulista. Publicou, entre outros: *O Caráter Social da Literatura Brasileira* (Prêmio Jabuti 1970) 2ª ed., S. Paulo, Quiron, 1976; *Razão e Emoção Literária* (Prêmio “Os Melhores de 1982” da Associação Paulista de Críticos de Arte) S. Paulo, Edit. Duas Cidades, 1982; *Crítica Sem Dogma*, Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1983; *Vanguarda, História e Ideologia da Literatura*, S. Paulo, Ícone, 1985; *Mineiranças*, Oficina de Livros (Coleção Nossa Terra), Belo Horizonte, 1991.

(Fábio foi um dos primeiros a analisar a obra de ficção de Uilson. Este o chamava de Padrinho.)

No mesmo e comum chão de giz

Marina Lucy Goldmann

Uns vão, outros chegam. É a vida.

E o Uilcon foi embora, num dia de muito calor, muito barulho, muitas vozes, uma mais alta, da Elba Ramalho, num nosso comum chão de giz, cantando “no mais estou indo embora, no mais estou indo embora...”

O Uilcon saiu de cena tão depressa e de repente, que eu não conseguia pensar em muitas coisas. Só a música voltava a se insinuar na minha memória. “Desço dessa solidão, espalho coisas sobre um chão de giz...” Essa era a música, talvez porque o Uilcon tenha me ensinado a pisar, como ele mesmo, num chão de giz. Ele era um professor tão eficiente, que ensinava o aluno a ser, ele também, um professor. Pelo menos, foi o que aconteceu comigo, que sou professora até hoje.

Naquela tarde, todo o barulho cessou de uma vez e eu só tinha pela frente o asfalto banhado pelo sol escaldante e uma estranhamente precisa lembrança de ter lido *Clarissa* quando era muito jovem, tão jovem que ainda nem conhecia o Uilcon, mas com a sensação de estar entendendo, só naquele momento, tantos e tantos anos depois, com a clareza de uma percepção muito profunda e completa, o sentimento de fragilidade e impotência do personagem, ante o irreparável.

Conheci o Uilcon na década de 60. Por isso éramos tão jovens. Já então, ele queria escrever literatura. Foi nessa ocasião que ele começou a experimentar todos os caminhos. Ele tinha para com a palavra escrita o fascínio e a adoração de um discípulo aplicado. Dividia o trabalho experimental de escritor com as atividades docentes, tendo escrito inúmeras páginas importantes de Estética, além das teses todas exigidas pela vida acadêmica, e participado de simpósios e congressos. Falar em público era uma das coisas de que Uilcon gostava muito. De resto, ele era uma pessoa muito metódica, de rotina fechada e vida abso-

lutamente normal, que em nada indicava a efervescência mental do curioso que ele sempre foi, a formular perguntas ao mundo, aos livros, às telas do cinema, das artes plásticas e da TV, e até às pessoas. Não é por acaso que seus romances se desenvolvem em diálogos...

Nós começamos a viver juntos numa época de grandes tensões políticas, num Brasil aterrorizado e mudo. Às vezes falávamos baixinho e andávamos pela casa nas pontas dos pés, como se alguém pudesse nos observar. Nosso filho nasceu no auge da repressão, quando até as modinhas estavam proibidas.

Era um tempo sombrio e nós resolvemos ir para Assis, pois o Uilcon ingressara como Professor Assistente na Faculdade de Filosofia, da hoje UNESP, onde eu me formei em Letras e ele se doutorou em Filosofia. A vida era construída no dia-a-dia, encarando o que o Uilcon chamava de "realismo caboclo". Nosso menino cresceu e nós crescemos junto com ele.

No aspecto intelectual, Uilcon fez e desfez, leu e releu, cortou, escreveu, copiou. Abriu muitos caminhos. Na carreira profissional, por sua vez, cumpriu todas as etapas, chegando, com bastante rapidez, a Professor Titular. Foi sempre coerente e objetivo: jamais assumiu um cargo. Passava, sempre que possível, e até mesmo quando impossível, ao largo e à distância de toda e qualquer tarefa burocrática.

O Brasil foi se transformando, a universidade brasileira começou a ganhar importância, a literatura do Uilcon foi se concretizando, ganhando novos contornos. Na minha Dissertação de Mestrado, *Uilcon Pereira ou O Alquimista Que Sabia Javanês*, faço um estudo dessa literatura, de sua evolução e importância no cenário das artes contemporâneas.

Nossa relação também foi ganhando uma feição específica, que perdurou até o final, na cumplicidade de uma dimensão acima do bem e do mal. E, como se faz com uma cúmplice em quem se confia muito, Uilcon legou-me muitas alegrias, de sua raiz ao seu fruto: a mãe, Dona Rosã, que vive hoje comigo; o filho, David, que com nossa nora Liene, está me dando, muito em breve, um neto, nos traços de quem, tenho certeza, reconhecerei, aqui e ali, a presença do avô.

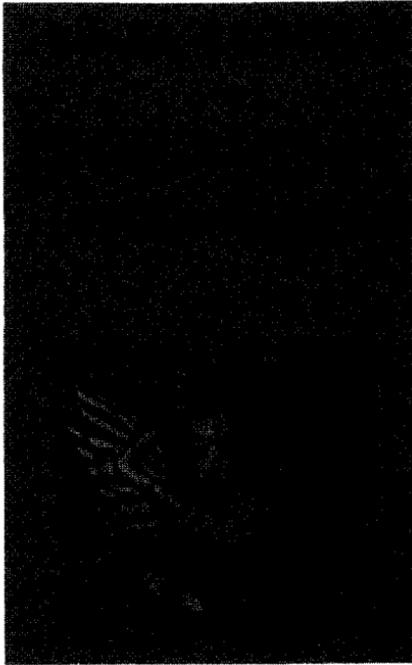
No mesmo e comum chão de giz, recomeço minha pesquisa, agora sobre os originais dos romances inéditos que Uilcon deixou, em pacote fechado, para mim.



MARINA LUCY GOLDMANN

São Paulo (SP), 23 de novembro de 1944. Graduada em Letras (Português/Inglês) pelo Instituto de Letras, História e Psicologia da UNESP/Campus de Assis, em 1977, tendo concluído Alemão no ano seguinte. Graduada em Pedagogia (Administração e Supervisão Escolar de 1º e 2º Graus) pela Faculdade de Educação Campos Salles, de S. Paulo, em 1983. Pós-graduação em Comunicação e Semiótica, pela PUC de S. Paulo, concluída em dezembro de 1993, de que resultou a dissertação *Uilcon Pereira ou O Alquimista Que Sabia Javanês* (ainda inédita). Atualmente, professora de Humanidades e Língua Portuguesa, na Faculdade de Tecnologia de S. Paulo (FATEC/UNESP – SP). Ex-professora de várias Faculdades e Universidades paulistanas. Publicou vários trabalhos de cunho educacional. Esteve casada com Uilcon desde 1967, acompanhou-o na mudança para Assis em 1972, como também na transferência para Marília em 1980, onde o casamento se desfez – e se transformou.

ENTRE
/
VISTAS



1. Uilcon Pereira: Avestos

Uma antientrevista que resultou principalmente de troca de correspondência entre Uilcon e Hygia, de 84 até... um dia.

— Quem é Uilcon Pereira?

U: eu sou aquele que sou, eu não quero luxo nem lixo meu sonho é ser imortal junto com ele nosso herói, o herói da nossa gente ele também não queria luxo nem lixo só queria saúde pra gozar no final mas que importância eu tenho, eu posso ter, eu poderia ter nesta confa que os senhores montaram, ó chefes?

H: conhecido nas Babilônias da vida, como pai de um ou dois filhos – Evaristo ou Biúte, & um & outro –, natural de Tietê (SP) & bisneto de Nhô João “Sueco” de Lara, o filhote de D. Rosa é “vidrado no que se diz, na falação e na boataria” & renega arduosamente a prosa de ficção que não consegue balançar “o coreto da nossa mesmice”. quando escreve seus textos, “ integra”, no cenário uilconiano, Flaubert & Guimarães Rosa, Drummond & Joyce, Lautréamont & Borges, Bocage & Gilda de Abreu, Camões & Joãozinho Trinta, Camilo & Roland Barthes, Glauber Rocha & Mallarmé, Henfil & Buda, Paracelso & São Jorge, Macalé & Tirésias, Barbarella & Ferreira Neto, Reagan & Lênin, Pound & Jesus Cristo, Caím à côté. & Abel?

— De onde retira a matéria-prima para os seus escritos?

U: de informes sem nenhuma cor, das sementes do tempo, dos jornais cotidianos, das revistas femininas, dos romances realistas, das figuras que produzia nas noites de insônia e fastio

H: de sua extraordinária & incansável capacidade de imaginar.

— Defina a “ficcioneria”

U: ara, seo, uma padaria fabrica pão, uma ficcioneria só pode

mesmo ser uma fábrica de contos de fadas e contos do vigário, de poemas e romances-colagem, de parlandas e futricarias, de tudo quanto for coisa ficta: montes de papéis com palavras escritas, à tinta ou à mão, impressas ou xerocadas

H: é a arte de ousar uma escriptura que rompe seus próprios limites ficcionais & se projeta para o XXI, tendo como sustentáculos nada mais, nada menos, que o insólito, o provisório, o fragmento, o ambíguo, o relativo, o mutante.

— No experimento uilconiano, de onde vem a força mítica de seus heróis? Dos seus nomes?

U: os nomes são moedas que perderam sua efigie: hoje só entram em consideração como metal, não mais como verdadeiras moedas – para Evaristo Evarista, não nos esqueçamos jamais: basta experimentar um novo apelido e, a médio prazo, estaremos criando também novas auroras, outras aventuras, além do bem e do mal, sempre

H: se em James Joyce (*Finnegans Wake*), o “princípio masculino” está centrado em Humphrey Chimpden Earwicker & o “princípio feminino” em Anna Livia Plurabelle, em Uilcon Pereira (*Outra Inquisição, Nonadas, A Implosão do Confessionário*), masculino/feminino estão centrados num único personagem, Evaristo Mil & variantes – EVARIANTI: Evaristo Boca de Caçapa, Evaristo Pedaco de Mim, Evary Quatorze, Evarysma, Evaristo Pantchatantra, Varistória da Gata, Eva Ana O, Varyswift & por aí adiante. é o andrógino sedutor/seduzido do final do século. já sua outra criação – Biúte, Biutim, Biútico – é o alterego de UP, o daimon evaristuyilconiano: “sou Biúte, respiro-o, alimento-o, deixo-me atravessar por ele”,
BIÚTE(RO)

– O que acha do leitor (seu ou em geral)?

U: leitor, na minha mitologia pessoal – pessoal mas transferível, ainda bem... – leitor é agente tão importante quanto o próprio escritor. centenas de vezes *mais decisivo* que o crítico

profissional, de militância na imprensa ou ex-cátedra – em geral perdido nos esquemas pseudo-pedagógicos ou nos apressados impressionismos dos papos de redação, arrrggghhh

H: não há meio termo: tem de ser cúmplice/parceiro ou largar de vez, para quem insistir, um aviso: com simples toque de invisível mas poderosa “varinha de condão, o caduceu de serpentes enlaçadas”, o bruxo Uilcon Pereira deixa drogados os seus leitores, tempo suficiente para encaminhá-los à Barca de Evarisgleyre, rumo in/certo (depende de cada leitor) ao país das sombras, ao país da alegria, à “pátria das lograções, bernardices e calinadas” – ONDE? ONDE? – no próprio “coração dos boatos”. paixão instantânea por parte do leitor: é ver & vibrar com as fantásticas mutações do personagem central; é ler & transar o nível alucinatório da linguagem; é viver & relacionar o fragmentário dos romances ao caótico dia-a-dia de cada um de nós.

– Seus escritos são lenda, história, (des)estória, fábula, conto, romance e o que mais?

U: principalmente, causos da era eletrônica, causos relatados pelo matuto mágico que eu desejo mesmo ser. Causos de um caipira em plena viagem para a aldeia global do século XX/1 – mar de estórias recontadas, recontares para vencer o medo do futuro que já se aproxima com tanta radicalidade. mil noites do sertão, revivendo e reatualizando séculos de experiências humanas, a fim de entender um pouco as vertigens que nos assolam, no momento em que o país se deixa atropelar pelas máquinas do “progresso”.

H: e mais: I Ching, tarô, novela, caso verdade, canção de gesta, crônica, relato, épica, documentário, reportagem, antibiografia, biografema, auto, relatório, videotexto, cliptexto, manifesto, peça teatral, filme, pop-prosa, poema, policial, charada, enigma, estorietas supérfluas, fímulas, swingnificados, falares, rompecucas, fofquinhas, futriquinhas, psico(t)dramas, piadinhas, lorotas, lérias, anedotas, mutretas, plás, papos furados, mexericos, boatos, palrações, colagens, repetições, plágios,

clichês, deformações, paródias, revisitações, recriações, invenções, NONADAS.

– *Pop-Prosa* está mais para *Un coup de dés* (o Lance de dados mallarmaico), para o “micro-macrocossmo” joyciano, ou para a arte concretista (Pound-Mallarmé-cummings-Weber-Appolinaire-Eliot-Schönberg-Boulez-Calder-Gomringer-Stockhausen-Valéry-Kandinsky-Mondrian-Maliévitch-Eisenstein-Augusto&Haroldo de Campos-Décio Pignatari)?

U: reneguei esse livro-envelope, antes que saísse das gráficas da Editora Ática. pareceu-me muito ousado, para 1972. havia nele uma dose excessiva de vanguardismo, uma taxa desmesurada de informação estética, preciosismos e formalismos. a cultura brasileira necessitava – ou melhor: eu julguei que ela necessitasse, naquela época – de arte mais pobre, simples, direta, imediatamente comunicativa. recuei diante do acúmulo de beleza gráfica, requinte no design, envelope de luxo, páginas e páginas em branco, dezenas de variações tipográficas. recuei e demorei quase dez anos para voltar a escrever, a partir de novos projetos, intenções, crenças e esperanças. na trilogia *No coração dos Boatos* (*Outra Inquisição*, *Nonadas*, *A Implosão do Confessionário*), editada entre 82 e 84, já navego sem qualquer dependência das vanguardas históricas, embora deglutindo-as todas: o concretismo e a pop, Joyce e gibis, clips ou performances, prosa poética ou colagem de frases cafonas. tudo isso, hoje, vem redimensionado, redirigido e pessoalizado até a medula. e também simplificado e condensado, para ser lido com prazer, humor, ludismo, gosto e gozo. qual a força vital que me dirige, então, no texto que acabei de produzir? *Um Livro de Biúte* exercita constante balanço entre a cena brasílica e os fluxos do inconsciente, uma fabulação que se move no fio da navalha entre figuras da perversidade polimorfa e a nossa tragicomédia terceiro-mundista.

H: 1972: nascimento & morte de *Pop-Prosa I*, por decreto de UP. quem não viu/engendrou esse livro-envelope, jamais saberá que:

– de sua páginas ergue-se Bizâncio – berço de Evaristo, Biúte & Uilcon Pereira;

- Lúcifer, Satã, Belzebu, Leviatã & outros demônios formulam um pacto pelo qual o “leitor-operador” receberá algumas concessões – dentre as quais “o amor dos rapazes, a flor das virgens, a honra das monjas e o favor dos meninos inexperientes” –, em troca de “uma frase escrita com seu próprio sangue”, “uma vez por semana”;
 - à “Mamãe” é dirigido um “palimpsesto”, misto de lamento e reflexão, sobre o papel do copista: de simples repetidor a criador de texto.
- tudo isso (e muito mais) nos leva a protestar por tão triste fim & a exigir o retorno às bancas, à revelia do autor.

— Você se considera cidadão de Bizâncio &/ou de Alexandria?
Fale-nos desse fascínio.

U: que nenhum leitor se deixe iludir pelas aparências... em 1964, passei alguns dias em Alexandria, visitei as escavações da provável Babel e as ruínas de Bizâncio. e, naturalmente, estudei um pouco de história antiga, folhio álbuns e leio sobre Ur, Tebas, Creta, Cartago, Messina, Ulisséia. considero-me, porém, um cidadão das pequenas e médias cidades do interior paulista. há um fascínio, sim, pelas palavras. pelos sons em questão – Babel, Babilônia, Bizâncio, Lutécia, Sumer, Florença, com todos os seus poderes de mistério e sugestão. sobretudo, localizo também um encantamento muito decisivo: a força de presença desses nomes, tão prestigiosos, no contexto da nossa paisagem mais cotidiana. brinquei no Bazar Istambul, quando menino, em Rancharia. hoje tomei café no Bar Paris e depois fui ao Cine Veneza, em Araraquara. já dei aula em Assis. você, minha entrevistadora, mora em Nova Granada e leciona em São José. afinal, Cristo nasceu em Belém do Pará e tivemos um Medici guiando os destinos do país. Aricy Curvello – grande poeta e ensaísta – escreveu uma generosa interpretação dos meus livros, chamada Babilônia, Bizâncio, Babel e Brasil. acrescentei Biúte, nome do personagem central do meu último escrito. deu, assim, B2 ao quadrado. por “acaso objetivo”. como dizem

os surrealistas: Babel, Bizâncio, Brasil e Biúte. nesse jogo de espelhos eu me reconheço integralmente.

H: Em *Pop-Prosa 1*, encontramos a descrição de

“BIZÂNCIO

no meu e no vosso coração
aldeia universal
dentro das gavetas do espaço
velha cadela desdentada
algumas pilhas de livros rotos
capital de usura e do travesti
onde a boca de Evaristo Gulp, sempre
mordendo o vácuo
em Bizâncio, paraíso das loucuras ingênuas
a capital do plágio
uma civilização remendada
longínqua e só
enredamento de casebres
fossado monstruoso
sendal de brumas
noiva da colina
umbigo do mundo
prisão ideal
caqueirada humana”,

o que explica ainda mais o fascínio do autor. porém, o que seduz mesmo em UP é a sonoridade + idéia de *duplicação*, *d(o) a Outr(o)a*, contidas em *bi(s)*:

Bisbizâncio, Biztínia, Ibisrarema, Bisíput, planeta Bistrígones, Labislônia, Bambisluá, Trabiszonda, Biroscos, Obisvion, Bierce, Evaristúbis, Evari Bilitis, Evaristo Bits,

BIÚTE: BI + UTE (UTAR-OUTAR-JOEIRAR-ESCOLHER)

dupla escolha ou mais possibilidades de (B ao quadrado?)

espalhadas por todos os seus escritos. Alexandria entra por tabela & completa, com Taj-Mahal, Freguesia do Ó, Tróia, Pompéia, Tietê & Assombrado, o pano de fundo do cenário uilconiano, rota para Bizâncio, “cidade de portas de ouro”, “de onde jamais serão expulsos os que roubam macaqueiam ou assinam e apresentam como seus os trabalhos alheios”.

— Uilcon Pereira é um criador de mitos?

U: tenho uma caderneta de capa dura e preta, na qual vou anotando as frases-chave que me causam espanto, inspiram ou consolam, dão fôlego e autoconfiança. eis a primeira delas, transcrita há vários anos: “Desejo ser um criador de mitos, que é o mistério mais alto que pode obrar alguém da humanidade”. Fernando Pessoa, um dos mestres do meu coração intelectual e inteiro.

H: diz Uilcon Pereira, em *Ruidurbano* (romance ainda não editado):

“sempre de modo implicitamente explícito, cada um de nós está à sua procura, em busca do mito perdido à *minha procura, portanto*”

efetivamente, Uilcon Pereira é, ele próprio, um mito, que tentamos recuperar nesta antientrevista, a partir de suas (nossas) cartas & de seus intrigantes escritos.

(Maio de 1987)



Carta aberta de Hygia para:

Uilcon,

é assim que o vejo: pluridimensional, alquímico, inquisidor, mutante. E muito presente.

Um dia, você me perguntou: de onde é que retira essa energia toda? todo esse empenho? deve haver uma fórmula, um segredo, um abracadabra qualquer...

Mas você sempre soube a resposta. Está em Gabriel, Artur, Aricy, Zanoto, Márcio, Fábio, Nilto, José Carlos, Henrique, Erorci, Raider, Ademir, Eloésio, David, e em você mesmo, amigo Uilcon, colega, visita carinhosa ainda que breve, cartas, um presentico e outro; amigo-cúmplice do projeto central, companheiro de viagem na experiência medular: sofrer as dores do parto artístico, a doença da expressão, “escrevivendo” (segundo a linda palavra de Guimarães Rosa).

Palavras em espelho que, nesse mesmo dia, afetosamente, a mim dirigiu.

Até qualquer hora, Uilcon. Beijos para você e D. Rosa da Hygia Maravilha Ferreira dos Textos (como sempre me chamou) ou simplesmente.

Hygia

Nova Granada, 1º de outubro de 1997.



HYGIA THEREZINHA CALMON FERREIRA

Nasceu em Nova Granada (SP). Professora do Depto. de Letras Vernáculas e Clássicas do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – IBILCE/UNESP de São José do Rio Preto. Mestre em Literatura Brasileira com a dissertação *A Sagrada 'Escritura' de João Guimarães Rosa*. Publicou: *Redação através de História em Quadrinhos*, Nova Granada, Horizonte, 1978; *E Assim Começou a Viagem do Argonauta Caetano Veloso*, (In) *Poesia e Música* (org. Carlos Daghljan) S. Paulo, Perspectiva, 1985. Vários artigos publicados sobre Carlos Drummond de Andrade, Décio Pignatari, Ignácio de Loyola Brandão, Dalton Trevisan, teatro, literatura infantil e juvenil, censura e outros temas. Doutorou-se em Literatura Brasileira com a tese *João Guimarães Rosa: As Sete Sereias do Longe* (1991), que lhe deu o Prêmio Joaquim Nabuco (de Memórias e Biografia), da Academia Brasileira de Letras (1992). Na referida tese, revelou a existência do livro *Magma* (poemas, 1936) e o esboço de novela *O Imperador*, ambos de autoria de Guimarães Rosa.

O Que Canta a Prosa

Baú d'estórias

Uílcon Pereira é escritor (*Outra inquisição, Nonadas e A Implosão do Confessionário*, que formam a trilogia *No Coração dos Boatos*, entre 1982, e 1984; *A Educação pelo Fragmento*, de histórias breves, 1987) e professor universitário de Filosofia das Ciências Humanas na UNESP, Campus de Araraquara.

O texto a seguir é uma auto-entrevista em que UP mapeia lúcida e substantivamente a mais recente prosa de ficção no país.

Livrespaço – Seus amigos o chamam “Vampiro de Textos”...

UP – Exagero deles, sem dúvida. Ou intriga da oposição, talvez.

Mas aproveito a solidão e tranqüilidade provinciana afim de ler e refletir, com fervor e atenção, sobre poesia, ficção, estética, teoria da literatura e da arte. Sim, mordo e sopro, degluto, canibalizo os textos e depois transformo-os em plasma vital nas conferências, aulas, bancas de tese, artigos, resenhas, outros livros, conversas com alunos e colegas.

Livrespaço – Sabe-se que você procura manter-se informado também a respeito dos “alternativos”, “marginais” e publicações fora do eixo São Paulo/Rio.

UP – De fato, na medida do possível e do tempo disponível, divirto-me e aprendo com o *Agosto* do Rubem Fonseca ou com plaquetes dos poetas de Juiz de Fora, tanto com o *Estorvo* quanto com os narradores menos publicitados, editados às vezes em condições materiais precárias e “fora da Broadway”, se me permitem a metáfora. Busco o metal precioso lá no fundo da mina, se for mesmo indispensável. Não sou consumidor de butiques culturais e já me diplomei em vertiginosas lições de abismo.

Livrespaço – Abra-nos um pouco o seu baú de preciosidades.

mergulhemos então nesse Brasil cultural que ninguém conhece, para usar o lema tão em moda na publicidade.

UP – Vejam, por exemplo, este *À Luz das Velas de Sebo*, reunindo os últimos contos de Delermundo Vieira, escritor de Goiás, que nos chega indicado pelo Deonísio da Silva, Moacyr Scliar, Hélio Pólvora. Foi editado pela Secretaria da Cultura da Prefeitura de Goiânia, em 1987. Encontramos aí enredos e situações-limite de grande tensão, climas humanos – psicológicos e sociais – de mistério e densidade. Trata-se de um autor cultíssimo, capaz de usar nas referências Tchekhov, a *Bíblia*, Mallarmé, Henry James, ou Virgílio. Sua obra-prima, aliás, traz como subtítulo *Eneida* e *Virgílio*, em curiosa narrativa onde a mão – que escreve, age, acarícia, destrói – surge como protagonista dos eventos.

Livrespaço – Nem sombra de regionalismo ou limitação provinciana, se entendemos bem.

UP – Exatamente. No caso, uma produção artística de raiz e horizonte cosmopolita, urbana e contemporânea. Assim como o pequeno volume dos contos, ou até minicontos, do Miguel Marvilla, de Vitória, no Espírito Santo. Podemos ler, no caso, páginas que ultrapassam de longe as fronteiras convencionais entre poesia e prosa, incorporando as novíssimas técnicas da vanguarda – espacializações das frases, enredos paralelos, monólogos interiores, alusões e elisões, cruzamento de temporalidades distintas ou fusões entre épocas e níveis de consciência, sonhos e descrições do cotidiano, fantasiações e experiências do real. Aproveito a chance para indicar-lhes também o seu livro de poemas, *Lições de Labirinto*, de 1989, que revela um poeta de valor fundamental, a ser descoberto por aqui, nesta porção do Sul Maravilha. A Universidade Federal do Espírito Santo marcou dois pontos decisivos, ao editá-los.

Livrespaço – E as pequenas editoras “alternativas”, Uilcon, também publicam romance, contos, novelas?

UP – Mais raramente. Se não me engano, o esforço delas se concentra na divulgação dos poetas, e da poesia tradicional inclusive, em versos, estrofes. No entanto, a exemplar Noa Noa, de Florianópolis, acaba de editar *Manual de Zoofilia*, de

Wilson Bueno – talvez o livro de ficção de maior importância no quadro da literatura brasileira atual. São trinta pequenos blocos de histórias, nos quais de novo os limites entre prosa e poesia foram explodidos, implodidos, entrelaçados, transcendidos. Na resenha que fiz para *Nicolau*, em julho deste ano, mostrei como os minicontos do Wilson Bueno vão muito além das fábulas e narrativas com bichos em papel de destaque – Moby Dick, Baleia, Burrinho Pedrês, Lúcio, Rocinante. Na verdade, lemos trinta breves e densos relatos de metamorfoses dos animais em seres humanos, demasiado humanos. Neles, animaizinhos quase inofensivos à primeira vista, se transformam em amantes cruéis, devastadores, bestializados; ou vice-versa, tigrezas viram doces gatinhas e leões se oferecem mudados em feras de pele macia. Por todas as linhas e parágrafos, de história em história, impera nestas lendas perversas e pós-contemporâneas um senhor absoluto do nosso destino: Eros, Desejo, Tesão, Amor Louco, Anjo de “tacões e mausers geladas”, “bambo e noturno”, “feito de bofetões, solidão e trapaça”.

Livrespaço – Você presta homenagens, no mesmo lance, a um inventor de linguagens e a uma editora de vanguarda. Há outro caso de fusão assim tão perfeita?

UP – Sim, lembro ainda o pequeno livro-labirinto de magia verbal e descobertas existenciais, *Jardinovelíssimas*, do Ademar Cardoso de Souza. É a segunda publicação da Editora Macondo, de Ribeirão Preto, criada por jovens ligados à Oficina Cultural Cândido Portinari. Eles trabalham numa linhagem de “arte pobre”, com papel reciclado e composição na tipografia da *Folha de Jardinópolis*. Importa destacar, porém, a qualidade do produto final, enquanto objeto estético e ousadia no lançamento dos textos, bom gosto e exigência, na seleção dos escritos. *Jardinovelíssimas* reúne poemas em prosa, crônicas, recordações de infância e narrativas curtas. Aos poucos, desenha-se um variado e coloridíssimo painel, mosaico ou caleidoscópio, no qual ressurgem uma cidadezinha de província, uma espécie de arquétipo dos vilarejos agropastoris desse Brasil de muito pioneirismo, colheitas, café e algodão, doces

caseiros e namoricos de praça igreja, conflitos de terra e sexo reprimido, emigrantes, normalistas, fantasmas e assombrações. “A farmácia ficava em frente”, é o mote que se repete obsessivamente, fixando a poesia das velhas farmácias do interior – pontos de vista privilegiados, lugares de observação e memória, futrica e alcovitagens, brigas políticas ou troca de informações sobre o mundo, vasto mundo. “Livrinho de enlaces e rupturas, convergências e fragmentações: o máximo no mínimo, o menos é mais”, está na apresentação. Espero que a Macondo não neguefogo, depois de editar Artur Gomes e Ademar Cardoso de Souza. Afinal, a Califórnia Brasileira não pode viver somente de bares e restaurantes, indústria e comércio, exportação e rodeios. Há que abrir um livrespaço também para a nossa melhor produção artística.

Uilson Pereira

(Transcrito da revista *Livrespaço* n. 1, Santo André,
jan. – fev. – mar. 1992, pp. 29 – 30).

PARLATÓRIO
EM
ÀSSOMBRADADO

*falem de mim, não me deixem morrer
reúnam-se todos os anos aqui em Àssombra-
dado, seleccionem dentre as minhas biutices
aquelas mais engraçadas e voltem a contá-las
este será para mim o melhor momento*

(Fragmento encontrado por David em uma
caderneta de anotações de Uilson, de 1996.)

Uilcon Pereira queria chegar ao íntimo do tempo

Antônio Medina Rodrigues

– ...Em sua paródia, Guimarães Rosa, autor de *Grande Sertão Veredas*, perde toda aquela floresta gótico-mineira, aquela escravidão ao não-saber.

Há dois tipos de literatura, a subjetiva e a objetiva. A primeira centra-se num *eu*. A segunda num *outro*. Uma se cola na alma. outra se cola na coisa. Uilcon Pereira, o provocativo escritor, que acabamos de perder, passou a vida a trabalhar esse dilema: quem vale mais, o mundo ou eu? Ou: quem será o senhor e quem o escravo nessa relação? O impulso de Uilcon era anular os dois, para que os dois se confundissem. Mesmo nas aulas, tão singulares, que ele dava, quer nos tempos do Santa Inês, quer na docência da Unesp, a luta desse estranho escriba foi um fundo exercício de intersubjetividade, e isso, aliás, contrastava um pouco com o fascínio que nascia dele. Um fascínio sutil, algo Ariel. Por isso ele tomava precauções contra si mesmo. Não falava de si. E não por astúcia ou timidez, mas só pra não perder a profusão das vozes, que ele consultava uma a uma, dado que para ele era isso que constituía nossa história. Era, portanto, breve, dietético nas aparições. Não por pressa, mas para fugir à substância do discurso, que sempre começa a pesar infinitamente depois do primeiro cálice. Uilcon morria na rua e reaparecia no pátio, na livraria, no cruzamento da avenida. Não era excitado. Era móvel, distributivo, ubíquo. O espírito ligeiro de seus livros teve o ritmo dos passos que ele deu. Em seus textos, curtos, os procedimentos, tão caros à vanguarda, vinham aos borbotões, não para aparecerem como tais, mas para se deslocarem a si mesmos, a se incendiarem numa consumação pedestre, muito próxima da morte.

Sob esse aspecto, ele foi único. Porque nele a palavra ou a mensagem não se valorizavam a si próprias, como costuma exigir a consciência estética de nossos tempos. A rigor, Uilcon não tinha mensagens. As palavras que ele empregava não valiam nem por si

mesmas, nem pelo que indicassem, mas pelo fato de se empurrarem para a frente. Ora, isto é mais do que ser objetivo ou subjetivo.

O que quer um poeta subjetivo? Simplesmente não morrer, ou ser lido depois da morte. O poeta subjetivo quer o Olimpo, e não adianta a psicanálise, porque esse é imperativo humano, profundamente humano. Psicanalistas consertam erros, não consertam naturezas. E o poeta objetivo? Esse, talvez por atavismo, quer retornar à natureza, e sem deixar vestígios, como Empédocles, ou como quem planta, sem mais olhar o que plantou. Assim era Uilson, com a diferença de que se enganava, como prova sua trilogia (*Outra Inquisição*, 1982; *Nonadas*, 1983 e *A Implosão do Confessionário*, 1984), onde a nota pessoal, mesmo amordaçada, não se abafa nunca. Quanto mais ele fugia, mais se tornava pessoal, não no sentido biográfico, mas no sentido moral dessa palavra. Se as intenções fracassavam, seu trabalho vingava. Ora, eis a ética do sublime: a beleza é tanto mais real quanto menos interessada.

Mas não era por causa do sublime que ele agia assim. Assim agia por não ter intenções. E a vanguarda o favorecia, porque tinha pressa de chegar antes de qualquer conteúdo, substância, esteticismo. Chegar ao íntimo do tempo, coisa que é mais forte do que tudo isso. Isso, para ele, era o encontro do real. Um real que ele pudesse merecer, como prêmio dessa andança, e um prêmio não apenas *dado*, mas igualmente *construído*. Não sei como ele faria isso sem a vanguarda. Mas só com a vanguarda não faria isso.

Daí que as vozes, que se multiplicavam em seus livros, jamais quiseram dizer alguma coisa. Não tinham tempo. Só queriam ser uma construção inter-humana, um “passa-passa-treze”, e essa, para ele, era a mais digna das objetividades.

A literatura da objetividade sempre existiu, mas em dois períodos teve poderes sobrenaturais. Um foi o dos gregos. Em Homero, o mundo exterior é mais interessante do que qualquer eu, e, portanto, é o mundo exterior que constitui inteiramente o eu. A intimidade não tinha vez na tecnologia homérica. A mesma coisa aconteceu na era industrial, só que de maneira contestada, polêmica. Porque a objetividade industrial abriu-se para a nostalgia solitária tanto quanto para a euforia progressiva, dois grandes mitos da “substância” e que só se opõem aparentemente: porque a

indústria só isola uma alma depois de lhe ter socializado o corpo, ou vice-versa. Tal objetividade, portanto, é falsa. Falsa em Homero (como mostrou Hegel na *Fenomenologia*) e falsa na modernidade (como mostram nossos olhos).

Por isso Uilcon evitou os objetos, fossem estéticos ou referências. Evitou a substância opaca. Preferiu a escrita pluribucal, pedestre, acirandada. De que falava ele? Sempre se fala de alguma coisa. Mas, no caso dele, as palavras eram estugadas a mais não poder, para não se tornarem mesquinhas ou virginais em excesso, para não roubarem o verdadeiro espetáculo, que estava na própria ânsia de vida. No máximo, a glória dessa palavra para ele valeria como um fósforo: uma luz, e a merecida morte. Assim o texto virava gesto, e de fato se fazia história. Não a história *representada*. Mas a história realizada, nova, e sem terrores. Veja-se, por exemplo, o modo como Uilcon taquigrafa Guimarães Rosa. Na paródia de Uilcon, Rosa perde toda aquela floresta gótico-mineira, aquela escravidão ao não-saber. Enxuga a frase, e pega um táxi. Não vira mimese ou emblema nacional, como horrosamente vem acontecendo. Vira uso, mixagem. Não apenas a si mesmo, mas a tudo Uilcon torna bucha de canhão, matéria real de futurismo, e, notem: com naturalidade, com emoção. Ele pode ter tido alguma idéia errada, porque a vanguarda é ampla e tormentosa. Mas acertou no farejar o anonimato. Uilcon se agilizava de uma voz a outra, para que o texto não tivesse princípio e nem fim, e a cidade não dormisse além da conta. Mas agora ele dorme. Que faremos sem ele?

(Transcrito de *O Estado de São Paulo*, Suplemento Cultural,
16 nov. 1996).



ANTÔNIO MEDINA RODRIGUES

São Paulo (SP), 1941. Graduado em Letras Vernáculas pela Universidade de São Paulo, em 1972. Mestre em Literatura, com a dissertação *Introdução a Odorico Mendes: Poética da Encicla Brasileira* defendida na USP em 25 de outubro de 1977. Doutorado pela USP, com a tese *Odorico Mendes, Tradução da Épica de Virgílio e Homero*, defendida em 17 de

junho de 1981. Obteve a livre docência em 5 de junho de 1990, com a tese *Reflexões Sobre o Cômico em Aristófanes: Um Estudo de "As Aves"*. Professor Associado de Grego, em Letras Clássicas da USP, desde 5 de junho de 1990, efetivado em 20 de abril de 1991. Entre os cinco doutorandos e mestrandos que atualmente orienta estão Mariza R. Ribeiro Donatiello (Mestrado, USP), com a tese *Tradução e Estrutura do Fédon de Platão*, e João Ângelo de Oliva Neto (Doutorado, USP) com *As Formas da Lírica Latina*. Entre outros livros, publicou: *Odisséia de Homero (Manuel de Odorico Mendes)*, introdução, estabelecimento de texto, notas e comentários; 2ª ed., S. Paulo, EDUSP, 1992; *Cantos do Destino e Outros Cantos*, S. Paulo, Iluminuras, 1994; *Idéias*, S. Paulo, Experimento, 1994. Entre capítulos de livros: *A Dor do Outro em Ésquilo*, in *Corpo-Mente: Uma Fronteira Móvel*, org. por L.C. Junqueira Filho, S. Paulo, Casa do Psicólogo, pp. 37-47; *Pequena Introdução aos Estudos Literários*, in *Literatura Portuguesa*, S. Paulo, Ática, 1994, pp. 1-7.

Sua produção no campo das artes já é extensa, incluindo traduções de peças, apresentação de livros de poesia e, inclusive, um roteiro de filme (Dir: Júlio Bressane; 35 mm-color e p&b – 30 m., Rio, Embrafilme, 1992). Traduziu *As Bacantes*, de Eurípedes, peça dirigida por José Celso Martinez Correia (Cia. de Teatro Comum Uzyrna Uzona).

Babilônia, Bizâncio, Babel e Brasil (ou A per-versão da linguagem)

Aricy Curvello

(Para Fábio Lucas
o bibliotecário de Babel oferece)

Uma fronteira pouco freqüentada

A obra de Uilson Pereira, pseudônimo mais conhecido do autor de *Outra Inquisição*, *Nonadas* e *A Implosão do Confessionário*¹, é uma experiência instigadora. Trata-se de um romancão de 449 páginas, lançado separadamente em três títulos, compondo uma trilogia denominada No Coração dos Boatos.

Obra incomum. Apesar do que já se escreveu a respeito, é um romance-rio experimental, peculiar e raro nas literaturas em Português.

A primeira leitura é enganadora e desconcertante. A arquitetura do texto consiste basicamente de perguntas e respostas, um dos mecanismos essenciais da comunicação verbal – um fluxo raras vezes interrompido por digressões dos inquisidores ou perguntadores. Um infundável inquérito levantamento. Sem solução alguma. Aparentemente, desconexão, *nonsense*, parataxe.

Uma comédia nem divina nem humana? A Comédia das perguntas e das des-respostas?

O que surge superficialmente na obra de Uilson Pereira – a arquitetura baseada em perguntas descentradas dos inquisidores e des-respostas dos que são chamados a falar, a fronteira do estilçamento aí mostrada, a aparente negatividade, o interregno que não passa disso, um atoleiro de onde não se sai, um areal onde se marca passo – apenas são alguns elementos de uma estratégia literária, a da construção da obra.

1. São Paulo: Editora do Escritor, respectivamente, 1982, 1983, 1984.

Vê-se, também, que o autor foi costurando seu texto após ter usado a tesoura para re-talhar e depois re-montar, em uma determinada direção, uma parte do acervo literário universal.

Entretanto não se trata, somente, de se aderir à seminal sentença de Hebbel — “numa obra de arte o intelecto faz perguntas; não as responde”. Trata-se de muito mais. Mais do que colagens de textos alheios. Mais do que saquear, também, a historiografia.

Veremos que se trata de uma experiência radical de linguagem sobretudo. Os recursos retóricos utilizados erguem uma arquitetura oscilante que se faz e se desfaz.

A arquitetura que se ergue, em um primeiro e claro nível, é um jogo de linguagem. Não uma espécie qualquer de construção lingüística, está em operação a linguagem da ilusão, segundo nível da obra, que vem a se constituir como um duplo jogo de linguagem muitas vezes obscuro e enigmático, até que cheguemos a compreender o que é o verdadeiro coração dos boatos.

Longe da escrita linear e transparente

Não se destina aos desavisados a obra de Uilson Pereira, embora o Autor expressamente a tenha entregue ao leitor hipócrita. O texto comporta mais surpresas do que se poderia perceber em uma análise menos acurada. Só após a uma atenta des-montagem do imenso texto é que se pode descortinar os seus desconcertantes procedimentos, níveis e semânticas.

Em verdade, só conseguiremos desmontá-lo e compreendê-lo em seus elementos constitutivos, se passarmos a questioná-lo estrategicamente.

Em uma obra de ficção é fundamental situarmos o *lugar* de onde o texto narra. Começemos por aqui.

Onde se situa o tribunal em que se desenrola aquele infindável fluxo de perguntas-respostas-perguntas-respostas? Tentei rastrear a solução nos três volumes da obra. A seguir, nomeio os *locais* do tribunal, seguidos de números cardinais indicando a página-referência em cada um dos livros.

ONDE SE SITUA O TRIBUNAL?

- Em *Outra Inquisição*:

nosso comitê inquisitorial 9, - no convescote que organizamos para a Grande Companhia de Mistério e Novidades 11. - aqui no Radiocentro 16, - em plena era eletrônica, nesta aldeia universal 27, - corte rápido. façam girar o palco. outro cenário 28, - aqui no fundo do quintal, às margens do regatinho 33, - na nossa convenção do partido, hoje em reunião decisiva, nesta câmara de representantes do povo 43, - nesta sala de conferência de biblioteca municipal 59, - desta oficina de boatos 60, - neste super-fórum 63, - diante desse tribunal de exceção 79, - aqui na clareira, no meio da mata virgem 96.

- Em: *Nonadas*:

aqui no plenário do Serviço de Censura da Superintendência Regional da Polícia Federal 92, - deste Clube da Insônia sob a lua 99, - reunião semanal do Reino da Confusão 123, - espaço lúdico 123, - aqui neste comitê de informações psicodélicas nesta central de pesquisas a respeito das grandes sensitivas e dos grandes iniciados 132, - no palco deste psicodrama 135, - neste programa dito "campeão de audiência" 137.

- Em: *Implosão do Confessionário*:

desta Central de Produção 15, - estamos em pleno deserto 16, - aqui no tribunal interno de exceção 17, - aqui na sede do fã-clube de Evarista Bombasta Paracelsa 27, - aqui no Destacamento Ordinário da Terceira Comarca 95, - aqui no povoado 105, - por estas bandas das terras altas do Tietê 111, - neste concerto-happenig que se organizou na Capitania dos Portos, Mares e Águas Fluviais 120, - aqui na Semana do Orgulho Gay 121, - na platéia do Rancho Celestial 123.

Passamos a compreender que o tribunal está constantemente em mutação. Começa-se a ver o texto como um admirável jogo de linguagem. O fluxo do Tribunal é também uma cifra estética, não apenas uma aparente miragem agora percebida. Adiante veremos seu significado.



Uilson em primeiro plano. Maurício Leandro, encostado, conversa com Paulo Brusck (de barba). Em Batatais (SP), 10 de outubro de 1987

QUEM SÃO ESSES INQUISIDORES QUE SEMPRE SAEM CORRENDO?

A maneira de descobri-los só poderá efetivar-se através de inferições e pelos títulos e designativos que lhes atribuem os depoentes. Relacionaremos exemplos significativos, apenas.

- Em: *Outra Inquisição*:

senhor comissário 16, – condestáveis e vossa mercê 17, – caros entrevistadores 19, – ilustríssimo senhor juiz de paz 20, – senhor auditor 25 – eminência 25, – general de brigada 30, – senhor fiscal 35, – meu doutorzinho 40, – seu núncio 42, – ilustríssimos senadores da república 48, – eminência parda 49, – doutor delega 55.

Ocorre à página 57 o fato significativo de um depoente descrever *todos* os inquisidores do Tribunal e seus funcionários. Ficamos sabendo que ali estão o grão-mestre de inquisição e maçonaria, um guarda de trânsito, secretário, coletor, escrivão, monges copistas, datilógrafos, moças estenógrafas [e logo a seguir, um arceprestel]. Por um princípio básico de Lógica Formal, os inquisidores antes indicados no livro deveriam também estar presentes. E já não mais estão aí o comissário, o núncio, o cardeal (eminência), o general etc. Se tentarmos, também, fazê-los coincidirem com um determinado local em que já esteve o Tribunal, em grande parte não o conseguiremos. Percebemos, já não restam dúvidas, que os inquisidores são fluxos de imagens, embora não apenas isto. Em outro nível, mais subentendido, representam o Poder e a repressão, o controle da opinião e da fábrica de boatos, em suas mais diversas formas, aparências e significados. A essa metáfora distendida ou sucessão de metáforas é que se denomina figuração alegórica². Prosseguindo:

2. *Enciclopedia dell' Arte Antica Clássica e Orientale*. Istituto Poligrafico dello Stato. Roma: 1958, 1º volume, pp. 261-262.

Definição citada por Aurora F. Bernardini e Homero F. Andrade, tradutores e apresentadores do romance alegórico *O Deserto dos Tártaros*, Dino Buzzatti. Rio: Edit. Rio Gráfica, 1986.

Harry Shaw. *Dictionary of Literary Terms*. New York/London: McGraw-

intendente 61, – guru de plantão 61, – senhor secretário de imprensa e difusão 61, – jurados deste programa 62, – professor 70, – grande psissiquélogo [sic] 73, – herr promotor 75, – almirante inquisitor 77, – generalíssimo 77, – caros juizes de cinema e jurados de dramalhão circense 84, – senhores do Comitê do Controle da Opinião Pública 89, etc.

“... acho que a cortina já pode descer sobre o último ato deste infeliz julgamento, a derradeira cena deste bionbo chinês, que pretende esconder um falso tribunal, uma suposta corte de justiça. só resta o epílogo: qual será? qual não será?” [99].

- Em: *Nonadas*:

senhor gerente de produção aqui da Loja dos Teatros 9, – governador geral da colônia 42, – Inspetor da Santa Irmandade 92, – meu coronel 135.

- Em: *À Implosão do Confessionário*:

senhor presidente do Júri da Consciência Nacional 24, – senhor sub-procurador do Tribunal de Recursos 48, – padre-mestre 71, – doutor angélico 119.

Títulos e designativos já esclarecem as parcelas de poder e autoridade [militar, jurídica, religiosa, médica, de controle e repressão] de que dispõem os Inquisidores. O fato está graficamente acentuado no texto: a fala da autoridade é precedida de travessão. O alegorismo acentua-se, inclusive, no fato de que vários títulos estão com iniciais em letras maiúsculas, quando todo o texto é composto com caixa baixa [exceção para as metamorfoses de Evaristo, e para Vidente na primeira página do livro, bem como para o nome das cidades de Babel, Bizâncio, Babilônia].

QUEM SÃO OS DEPOENTES FALADORES, FALASTRÕES,
FUXIQUEIROS, BOQUINHAS NOS COTOVELOIS?

Hill Book Co., 1972.

Geir Campos, *Pequeno Dicionário de Arte Poética*. São Paulo: Edit. Cultrix, 3ª edição, 1978.

- Em: *Outra Inquisição*:

cronista-mor do reino 17, – porteiro noturno de prédio, com linguajar nordestino 24, – um preso torturado 30, – um caixa d'óculos 36, – um dedo-duro 43, – moço de bom trato e de muitas leituras 45, – o padrinho do Beijoqueiro 50, – detetive particular 55, – amigo da onça e advogado do diabo 58, – agente de recenseamento 60, – escudeiro 62, – o barão 67, – a mulher do cinto de castidade 78, – almoxarife 85, – dono de motel de alta rotatividade 87, – eu sou aquele que sou 90, – biógrafo do presidente Jango deposto 91, – padre 95, – general derrubador do último presidente da república velha 100, – jornalista 103, – ex-líder da maioria 109.

Idêntico procedimento pode ser aplicado em relação aos dois outros volumes. Vemos que os depoentes, homens e mulheres das des-respostas que não coincidem com as questões formuladas pelos inquisidores, são os mais diversos possíveis. Dir-se-ia que se trata de estudo de casos clínicos e de investigação das várias formas de comportamento e personalidade, que as criaturas humanas assumem – falando, deblaterando, reprimindo-se ou desrecalcando-se, fuxicando, ironizando, caluniando, deturpando, agitando-se... e desvanecendo-se.

PROCESSO EM TORNO DO QUAL

Um tribunal que se desloca vertiginosamente de local e cenários. Inquisidores que também são, alegoricamente, fluxos de imagens. Depoentes que são vozes de vozes e ecos de ecos de seres humanos [e de todo um acervo literário universal que se deixa re-viver e re-falar]...

Finalmente, é necessário indagar: e os autos do inquirido, os autos do processo – a documentação acumulada?

- Em: *Outra Inquisição*:

“– a propósito, qual a sua opinião a respeito desta nossa entrevista?

assim de bate-pronto, no sufoco e no arrocho, eu lhes digo, ó

membros da intentona, que lembra uma partida de xadrez: séria demais para ser um jogo e gaiata demais para ser uma ciência..." [23].

"– jamais aboliremos o acaso?" [40].

"– porém o cavalheiro fica desde já intimado a particularizar, a ajudar a compor mais um sensacional capítulo do processo que a união move contra o papagueador de mente suja.

mas é um plágio, do princípio ao fim, não passa de uma paródia de tribunal, de juiz, de réu, de acusações e defesas, não vai além de um pasquim acerca do gênero humano"... [45].

"– voz populi?

todos esses inquisidores de merda oportunistas e impertinentes que nunca assumem completamente as sindicâncias, limitam-se a um exame severo, vexatório, desumano... perguntam e depois saem correndo..." [59].

"– você também quer colaborar na rede nacional de boatos? com muito prazer dona eu acho que posso explicar os sonhos de Evaristo Nansen... minha própria experiência revela que passou pelo estado normal do sujeito que tenta de novo... por um falso caminho por linhas cruzadas longos rodeios acaba mesmo descobrindo coisas novas mas não tanto como imaginava nem sempre tão inéditas conforme desejara..." [68].

Não restarão mais dúvidas, caso se leia as des-respostas que se seguem a duas perguntas que indico:

"– em que pé está o processo, afinal?" [76].

"– qual deles?" [80].

Levantamento procedido da mesma forma em relação aos dois outros volumes revelou-me idênticas características configuradoras.

Certificamo-nos de que o objeto das perguntas e des-respostas – o aparente cerne do descentramento do romance, porque, jamais fixado e delimitado – o objeto mesmo é também um fluxo ininterrupto de imagens: personalidades históricas, personagens de ficção, mitos, a cena brasileira, materiais da mais diversa procedência.

Apresentados sob as contínuas metamorfoses de Evaristo[s],

presentificam-se prostitutas e travestis, heróis, perversões sexuais, enfim... o ser humano sob as mais diversas faces, disfarces, crenças e circunstâncias, de Dom Quixote ao enigma de Kasper Hauser, da citação de catecismos espíritas de Alan Kardec às *Mil e Uma Noites*.

NO LABIRINTO DA PERVERSÃO DA LINGUAGEM

Um jogo de linguagem, através da aparentemente simples arquitetura de perguntas e des-respostas, ergueu:

- um tribunal [um fluxo alegórico de imagens] em contínua mudança de tempo e de lugar;
- inquisidores e depoentes [também fluxos] que se presentificam fugazmente, de modo alegórico;
- um processo e um objeto jamais delimitados e que se estendem indefinidamente.

Estaremos nos aproximando do coração do romance, ao percebermos que seu texto alude a algo mais que ele não diz, algo mais essencial do que tudo o que nele transparece e se deixa ler. É uma construção alegórica, já o sabemos, no entanto algo nos escapa e oscila dentro daquela arquitetura. A[s] existênci[a]s ou metamorfoses interiores-exteriores de Evaristo só nos chegam, no enredo, pelo lado de onde são julgadas a partir do exterior, através de um determinado procedimento de linguagem.

Qual será esse procedimento lingüístico que faz oscilar toda a arquitetura do romance de Uilson Pereira?

O nome próprio confere ao sujeito um lugar na linguagem e assegura uma ordem na prática sociolingüística. Se falamos de alguém como objeto da linguagem, ocorre o mesmo: o seu nome próprio [ou pronomes substituidores] assegura[m]-nos aquela ordem. Os depoentes e inquisidores no romance efetuam um *desvio*, apresentando uma estranheza de Evaristo como objeto do discurso ["ele é outro"] – donde se tornou necessário atribuir a essa aberração um outro nome próprio, o que foi ocorrendo sucessivamente [Evaristo Boca da Caçapa, almirante Evaristo Nékuia, Evaristo da Silveira, Evaristo Peçaço de Mim, Evary Sinhá Moça etc.]

A pluralidade das identificações provenientes de uma tabela onomástica em torno de Evaristo denega a possibilidade de uma localização, de uma identidade, embora sem negar os códigos sociais envolvidos [literários, sexológicos, políticos, psicanalíticos etc.] Os códigos permanecem, mas os falantes no romance os transgridem. Escorregam de lugar para lugar, recusando, pela sua trajetória, qualquer nome definido estável³ – nenhum valor determinado pode ser, então, lingüísticamente atribuído ao *ele* [Evaristo] e ao *eu* dos falantes [inquisidores e depoentes], de maneira estável.

A rotação indefinida do *ele*, principalmente, numa lista de nomes próprios em torno do nome Evaristo, faz funcionar o discurso do romance. Contudo, ela o obriga a repetir indefinidamente a operação denominadora. Este procedimento de perversão da linguagem⁴ é, no romance de Uilcon, o equivalente daquilo que Rimbaud enunciava, sob a forma de um comentário de sua poesia: “É falso dizer: eu penso. Dever-se-ia dizer: pensam-me”. Rimbaud continua: “Eu é o outro...” Em nosso caso, “Ele [Evaristo] é o outro” duplamente, indefinidamente.

Este procedimento per-vertedor desapropria, torna impróprio, lingüísticamente, o “ele”, da mesma forma que o “eu” e o “tu”. O texto do romance não fornece a chave de sua linguagem, se não atingirmos o seu oculto fundo do poço – ou o coração dos boatos. Boatos, pois os indicadores “eu”, “tu” e “ele” são signos “vazios” que se tornaram “cheios” porque falantes os assumiram, porém remetendo-se aos deslocamentos pervertidos ou subvertidos da linguagem. Nesse lugar lingüístico de apropriação focalizam-se os combates e os artifícios que se referem à subversão da linguagem em relação à identidade de quem fala, de quem se fala, do que se fala e de onde se fala.

Cada nome próprio torna-se um espaço de jogo, um espaço lúdico. No centro tem-se o nome; em volta dele, uma série de frases ou equivalentes verbais. O Autor da obra brinca com o leitor,

3. Michel de Certeau, A Linguagem Alterada in: *A Escrita da História*, tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio; Forense Universitária, 1982, p. 255.

4. M. de Certeau, op. cit., p. 255.

abusa dele e se ri à socapa. Os jogos de identidade são jogos retóricos encadeando-se [metonímia, metáfora, alegoria]. Quem se deteve/detiver nesse nível de linguagem, perdeu/perderá a partida de xadrez, no jogo com o Autor e o texto.

O procedimento pervertedor ou subvertedor da linguagem condena a operação identificatória a um recomeço indefinido. Não se sai dele jamais. O processo que instaura lugares e tempos é incessantemente revertido a outro ponto de partida por causa do deslocamento dos falantes para alhures lingüísticos e, por conseguinte, da necessidade de retomar do zero o trabalho de os estabelecer em lugares onomásticos e temporais. Finalmente, como a prisão no dicionário literário não se fecha, acaba sendo também substituído por outro dicionário [psicanalítico, sexológico, histórico etc.] também descentrado.

O dicionário completo só será constituído pela reunião dos *fragmentos de sistemas diferentes*, e já representa como que um quadro social numa hierarquia subvertida de culturas e poderes. Obedece a outras regras que não a da organização literária, apenas. Denuncia, através dessas fissuras e divisões internas, a lei de uma ordem política da qual ele é a grande alegoria, embora à revelia dos inquisidores e depontes⁵. E mesmo esse “lugar” de significação ou de classificação já é a alegoria de uma outra ordem⁶; remete a outra coisa além daquilo que enuncia. Não deixa de funcionar como um procedimento de acesso à palavra, porém sob a forma de um jogo duplo de linguagem. Entrar nesse repertório é descobrir um lugar, mas um lugar que oscila, sempre comprometido pelas interferências dos diversos dicionários porque é um texto que se faz e se desfaz. “Uilcon Pereira era sua Penélope”, parodiando o verso de Ezra Pound.

Esta subversão instalada numa ordem [e conceitos] que se desfaz[em], perverte também a semântica e a lógica que postulam

5. *id. Ibid.*, p. 262

6. Cheguei a desenvolver toda uma análise, considerando como o “lugar” e o “tempo” os das recentes ditaduras militares do Brasil (1964-1985), o que se revelou ser um equívoco de minha parte. Apenas a referencialidade histórica não é capaz de fornecer a chave para a linguagem do texto.

para a linguagem um locutor estável, um objeto estável, um tempo e um espaço estáveis de onde se fala. Não existe no texto de *Nô Coração dos Boatos*, rigorosamente, um discurso do outro, porém uma alteração dele. Esse é o alcance da subversão procedida, em que todos os grandes referentes e locutores podem ser apagados da prosa do mundo⁷.

A linguagem mudou de estatuto no espaço lúdico do romance uilconiano. Põe-se em causa não apenas a sua relação com um locutor [falante] que era o “ser” e a “verdade” da língua, mas também, por conseqüência, toda a construção que fundou esta relação e que dava às palavras, classificadas segundo uma hierarquização do real, a função de deixar aparecer os seres, coisas e fenômenos.

No nível em que se combinam os significantes, não se pode mais afirmar se eles entram na categoria de “verdade” ou na de “mentira”; se eles se referem à realidade ou a um jogo de linguagem. O discurso do texto desfaz-se, como o indicam os seus falantes, aproveitando-se desse jogo para esboçar na linguagem da ilusão a questão do sujeito, do objeto, do lugar e do tempo⁸.

Se designarmos para a obra de Uilcon Pereira as etiquetas de niilismo, negatividade ou anarquismo, continuaremos na linguagem da ilusão. Do mesmo modo, se a enfocamos apenas por um de seus “dicionários” ou por um de seus “lugares”. O jogo de linguagem se perpetuaria em novos boatos e boatarias, conosco [novos falantes] preenchendo signos antes “vazios”.

Na apresentação do primeiro volume da trilogia, em 1982, Fábio Lucas já advertia, agudamente, para os escolhos a vencer, a fim de se fruir o prazer desse texto. Um texto incomum e que põe em xeque toda uma filosofia que se desenvolveu a partir de Parmênides. Um texto muito raro nas literaturas nacionais em Português.

Trata-se de uma obra que se situa na fronteira entre Babilônia, Bizâncio, Babel e Brasil.

(Ensaio originalmente publicado em:

7. M. de Certeau, op. cit., p. 263.

8. *id.*, *id.*, p. 264.

- I. *Revista de Letras*, vol. 12, nº 1/2, ano II. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, jan-dez. 1987, pp. 285-295. Publicado por atenção do prof. e poeta Sânzio de Azevedo.
- II. *Suplemento Cataguases*, nº 12, ano II, jornal, Cataguases, jul. 1987.

Algumas das cartas recebidas de Uilton Pereira, versando sobre *BABILÔNIA*, *BIZÂNCIO*, *BABEL E BRASIL*.

No início de 1987, remeti a UP um esboço de meu estudo sobre sua trilogia de romances. Tivemos várias discussões por carta e por telefone. Então, remeti-lhe um segundo trabalho, cancelando o primeiro. Transcreverei suas cartas, algumas delas, a partir desse fato. Para melhor leitura, coloquei pontuação (UP não gostava do ponto ao final de uma oração) e reduzi os espaços (de que se utilizava bastante) em branco, porém de forma a respeitar o estilo dele.

I.

Aricy, Ar ici, Auricy

recebi o seu B-II. acho que dessa vez saiu *perfeito*, nenhuma reclamação

1. sem as brincadeiras, andamento de ensaios mesmo, tudo a sério, scholar

2. encadeamento, concentração em alguns tópicos, aprofundando, escavando

3. ótimo: menos teórico e mais analítico, que é hoje, o fundamental; há muito discurso abstrato por aí – alegorias, pósmodernos, generalidades mil; no entanto, o decisivo é ler as obras, comentar e interpretar as nossas produções

volta às próprias coisas

tratamento de cura zen

4. penso que se trata do último ensaio a respeito de *NoCdosB*¹ – e, sem dúvida, o melhor, o que abarcou um número maior de parâmetros essenciais (sonho, história, linguagem, inconsciente, fragmentação da vida, do homem e da escrita)

5. agora, desta vez, senti um frio na espinha: talvez, sem que eu tenha consciência plena disso, a trilogia seja mesmo importante,

1. Forma típica de UP abreviar *No Coração dos Boatos*.

espécie de clarão, de torvelinho

beleza pura, a sistematização que você organizou, a sucessão de frases, saques verbais, invenções deliciosas

6. quase você me convence... a retomar, limpar, enxugar, adensar, polir

7. ou (pior ainda, mais grave, existencialmente) – *quase* você me convence a escrever outra explosão/implosão dessas, com empenho total, mescla de vômito e cristalização do mais pessoal e irreversível, inconsciente e cheio de sabença

8. bom, vamos publicar, né? onde? quem toma as iniciativas? só ficou ruim o Carpeaux/Merquior, p. 3: acavalamento de colocações. sem desenvolvimento que se baste²

Aricy: jamais saberei/poderei fazer por você tudo isso que você já realizou *por mim*, pela minha saúde mental, artística, existencial

zil agradecimentos, comovidíssimo

muitos escreveram sobre o livro

você, porém, foi um dos poucos a *ler*, ler *mesmo*, até o fim dos tutanos e medulas, excrementos e vias urinárias

terminei, hoje, a revisão do Biúte

alimento uma esperança: que você *leia* os meus contos, também eles, leia assim, atento e forte, com flor e garra, emoção e lucidez, leia como alguém descascando cebola, camada após camada, no rumo do chão, do solo *real* da trama semiótica, solo: no sentido forte da

palavra: *Boden*⁴

“guerra na Biblioteca de Babel” seria o nome para a vinheta¹ e

2. Eis o professor rigoroso, mas exato.

3. Ele levou mais de dez anos escrevendo e reescrevendo os minicontos de Biúte, que vi nascer. Eu não poderia, em sã consciência, escrever sobre uma obra em progresso. Hoje, em 1998, apenas comecei a compreender parte do *solo* real da trama semiótica a que UP se referiu nessa carta.

4. Além de publicações literárias (jornais, folhetos e revistas) eu lhe remetia vinhetas e pequenas gravuras para sua análise e posterior aproveitamento nos contos de Biúte.

mando-lhe um Archimboldo⁵, o famoso homem de livros feito –
nosso arquétipo?⁶

informação quente: estou de mudança, para quorar mais o sol⁷;
ali por 5 de abril espero já instalar-me; vou dirigir lá um Centro de
Literatura Contemporânea e Oficinas de Texto; é uma tentativa de
somar Universidade e Casa de Cultura, para juntar pessoas de todo
o interior – Ara é o centro geométrico, grande entroncamento
rodoviário. na linha do governo Quércia: interiorização, up para os
matutos (mágicos ou não), verbinhas iniciais

vamos nessa onda, para *sondar*

1º semestre de 88: pintura e oficinas experimentais; 2º semestre: a
crise da narrativa, e dá-lhe oficinas, conferências, mesas, congressos,
encontros

sem nenhuma pressa, mas germinando sempre, até virar árvore –
eis o projeto, humilde e realizável, espero, espero

escreva, por enquanto, para o *mesmo* endereço, há malote diário⁸
recebi *Dimensão*: beleza, beleza, beleza

quero comentar o seu poema, com tranqüilidade, na Semana Santa,
para estréia da Casa Nova Casa

abração e admiração, amizade forte e saudades de um bom papo
“in galetos”⁹

Uilcon 15.3.87

5. UP equivocou-se. O nome correto desse pintor italiano renascentista é Arcimboldo. Eu não o conhecia. A gravura remetida fez-me procurar conhecer esse interessantíssimo artista do século XVI. Na gravura, UP escreveu-me: Aricy, é este o Bibliotecário de Babel?
6. Sim, e hoje é capa deste livro.
7. Em cartas anteriores UP tratara da possibilidade de se mudar para Araraquara. Eu brinqueei que ele iria quorar o sol ali.
8. A mudança para Araraquara não se efetivou realmente nessa época, mas em 1989.
9. UP estivera no Rio, no segundo semestre de 1986, em um Encontro promovido pela RioArte (Prefeitura Mun. do Rio) e levava seu filho David. Diabético, Uilcon não bebia, mas gostava muito de um galeto na brasa. Em janeiro de 1987, ele retornara ao Rio e nos encontramos outra vez em torno de um galeto.

II.

Aricy, oh meu
exegeta principal
desta vez, sim, você tem a razão toda: saiu perfeito, bom-bonito,
claro e profundo¹⁰
virtude maior: é leitura de uma obra, mesmo – e não palração, só.
gosto disso: hoje, quando me falam em teoria já ameaço tirar a
pistola e quando sou “eu” o enunciador? quero suicidar-me ali, na
hora, peço meus sais e meus antialérgicos
pé na estrada, mais 2 dias em Marília, apenas.

.....

mando-lhe um Biutim, o último desta safra, para amigo próximo/
inevitável/futuro
perfeita, mesmo: a vinheta que você escolheu, tem tudo a ver com
o espírito, a alma – do livro e da pessoa que o inventou, ali com o
espírito, a alma – do livro e da pessoa que o inventou, ali por 81/
82 *tudo a ver*
gosto sobretudo, à p. 8, conclusão do item – casos clínicos // e
“desvanecendo-se”
no alvo! na veia! na medula!
até o *Kardec* você kardecou... ô bibliotecário de Babel, porra!!!
bom: está pronto e finido, fin/ido; agora cuidemos de publicá-lo
instalo-me em Ara (até a Santa Semana) e depois ajudo-o a procurar
uma revista que seja lida
então, sim – fin/lido/ido
abração procê, seu maluco beleza
Uilcon 31.3.87

III

Aricy, mestre
falei em Rio Preto, na Faculdade, sobre os meus livros; e foi um
desastre: pouca gente, desânimo, desinteresse de todos por tudo,
cansaço meu, clima de final de época

10. Eu lhe remetera, então, a terceira revisão do ensaio, a definitiva, que
saiu publicada na Rev. de Letras da UFCE e no *Suplemento Cataguenses*
(julho de 1987).

.....

e indiquei você e Leila (11), para o Festival de Ouro Preto, julho, curso a respeito de literatura alternativa; será que o convite chegou até você?

.....

estive com o Fábio, aqui, na Roça Grande, segunda e terça, ele em banca de tese; falamos, *sempre e muito*, de você, seus poemas, o texto sobre meu livro.....

um abraçãõ procê

Uilcon 17 maio 87

IV

Aricy, meu irmão

cheguei, e mergulhei direto em Cataguases 12¹²

emoção integral, completa, terminal

beleza plena: jornal, paginação, visual, ilustrações, título, seu texto, companheiros desta edição comoção em estado puro hoje me restabeleci, três dias após, e já posso escrever-lhe com a “tranqüilidade posta em sossego”

acho assim: final de um ciclo, meu

um ciclo – experiências meio às cegas, sem projeto definido, vôo para o que desse e/ou viesse, tipo acerto-e-erro, em labirinto mais desconfianças que certezas

improvisações, pressas, desbundes, facilidades – pecados nítidos, equívocos bem transparentes

apesar disso – graças aos deuses do verbo! – recolhi alguns amigos, grupos de apoio, cúmplices: você, Fábio, Elisa, Hygia, César, Luz, 10 ou 12 mais, talvez cem ou duzentos, como sabê-lo?

havia uma *força* na trilogia, um elan, um elan, um “frisson”, a poesia da linguagem, pulsões e tensões, fantasmas e obsessões – lá isso eu reconheço sim muita radicalidade, coragem, ousadia quase de um pré-suicida, entre a vingança e o tédio, a meio caminho entre a loucura e a profecia

assim: como aflorou, eu desovei, para libertar-me

11. A poeta e romancista carioca Leila Miccolis.

12. O *Supl. Cataguases* nº 12, em que Rosário François Fusco, o editor, teve o descortínio e atenção de publicar meu ensaio sobre os três romances de Uilcon.

soltar Biúte pelo mundo em 88, vejamos vou cuidar da
republicação do B4¹⁴, depois do festival em Batatais, outubro, 9 a
12 – outro B na minha vida! – estarão presentes algumas vedetes
da imprensa e procurarei também revista acadêmica
tudo com máxima tranqüilidade, esperando acontecer, porque esse
é o meu ritmo, hoje posto = em sossego
por enquanto, o plano é este: publicar o seu texto, o prefácio do
Luz e as três resenhas da Elisa¹⁵ em 3 cadernos como o da Hygia
pequena biblioteca sobre a minha biblioteca de bolso
ainda em 87/férias de 88, vou providenciar
quero ler o seu conto, curiosidade forte
a sensação no momento é de completa esterilidade
leio sem parar: *Eclesiastes*. Homero, *Mil e Uma Noites*, Rosa, Machado
de Assis, gramática, poesias dos nossos contemporâneos, Câmara
Cascudo, causos mineiros, e outros zil, todos ao mesmo tempo
sem dar aulas, até 3^o de março próximo – viva!
abração e saudades
Uilcon 14 ago. 87

VI

Aricy, meu caro

depressão funda, por vários motivos: tédio provinciano em seguida
ao “pique” mineiro; meu filho no quartel, cansadíssimo, de saco
pleno; e falta de grana, para não perder esse tão velho hábito, putz
e não escrevo porque tenho medo de repetir a *tri*¹⁶ e/
ou reescrever só biutérias de novo
acho que vai ser maravilha, para você, desatar assim os nós; estou
na mesma veredinha, liberando-me dos compromissos burocráticos
correspondência? será que vale mesmo a pena, *se e quando* levada
a sério? no geral, empurro com a barriga, sou formal e
jesuíta, curto e gentil
menos: você, Luz, poucos mais; com vocês, sim, há um bom prazer
de companhia, cumplicidade, mágica (magia e rigor são

14. Simplificação do título do ensaio para B4.

15. A professora universitária (USP) Elisa Guimarães, participante da
coletânea de textos deste volume.

16. Sua trilogia de romances.

companheiros, afinal, né mesmo?)

Cat. 12 – de lá, nenhum, pode?

hoje recebi duas publicações que despertam muita emoção, muita ternura: *ocridade média*, do Sérgio, um folheto¹⁷ e *Poemas da água e da terra*, do Werk¹⁸ – ambos, por sinal, trazidos à minha fraternidade graças às suas indicações, e agradeço-lhe também isso... vou escrever-lhes, após leitura bem cuidadosa – posso dizer-lhes o que penso? sim, então vamos nessa barcarola, vamos “conversinha adulta e antiga”, Rosa é disso que precisamos, gentes e poetas

.....
faça-me um grande favor (especial): saímos, eu/Hygia/antientrevista no *Jornal de Letras* (da RioArte?), começo do mês ou 10/12, por aí, pesquise, xerox e mande-nos abraço e promessa de carta menos deprê
Uilcon 25 ag 87

(VII)

alô, Aricy, meu amigo, ôi
Bibliotecário-em-chefe
a deprê suavizada, e só isto paciência, humildade,
autocrítica, *astúcia* também: no lema joyceano: “silêncio, exílio e
astúcia”... guardei 4 *Cataguases*, para uso essencial,
no futuro, se houver algum futuro, claro....
acho que você – como sempre – acertou (em cheio: no mesmo
dia, enviei xerox para Hygia, alegro-me com a alegria dela)¹⁹

.....
abraço e saudades
Uilcon 10 set. 87²⁰

17. Ocridade média: trocadilho com a palavra “mediocridade”. O autor, Sérgio, de Olinda (PE).

18. O poeta amazonense Alcides Werk que, infelizmente, hoje perdeu quase completamente a visão.

19. Refere-se ao jornal que eu lhe remetera com a publicação pela RioArte do trabalho de Hygia obre UP – *Uilcon Pereira: Avessos*.

20. UP, durante muito tempo, até o fim, ainda se referiu ao B4.

A última biutice de Uilcon Pereira

Camilo Mota

A notícia chegou de surpresa. Estava lendo o jornal *O Escritor*, da UBE, quando li a notícia: “Faleceu, no dia 23 de outubro, o escritor Uilcon Pereira”. Desnecessário dizer do susto e do engolir seco. Uilcon, aos 60 anos de idade, tinha nos deixado. Professor titular de Filosofia da Unesp, em Araraquara-SP, UP deixa um legado importantíssimo à cultura nacional: seus escritos. Ficcionista nada ortodoxo, tinha por mérito uma capacidade incomum de recriar estruturas e apropriar-se do discurso alheio – aqui ele redimensionava o próprio conceito de plágio, fazendo-nos crer e descrever ao mesmo tempo em sua narrativa. Seus textos são um desafio, pois desestruturam, como eu disse certa vez, a própria idéia que temos de ficção.

Meu primeiro contato com a obra de Uilcon Pereira se deu em 1989. Naquela época, ele me enviou o exemplar da primeira versão de *A Educação pelo Fragmento* – nossa relação começou inusitada: ele havia lido um de meus poemas publicados numa edição de *Abre Alas* (suplemento organizado pelas Edições D’Lira, em Juiz de Fora); tomou a decisão e enviou-me o livrinho pelo correio aos cuidados de um amigo-postal comum, o Luiz Fernando Ruffato. Por um desses descaminhos da vida, nossa correspondência só começou mesmo em 93, quando iniciei a publicação de *Poiésis*, ainda um suplemento do Jornal Cultural *Obelisco*. Já no número 2, reproduzi o contozinho (como UP gostava de descrever seus textos) *ficção científica*. De lá para cá, Uilcon foi dos mais ativos correspondentes do jornal, sendo responsável, inclusive, por sua divulgação entre vários amigos escritores.

Receber suas cartas – e os novos livros que ia lançando – sempre foi um grande alegria; talvez por causa do humor que permeava suas linhas e entrelinhas. Nas cartas, uma caligrafia, às vezes com caneta verde, que parecia se adaptar à forma do papel – lacônico, às vezes, mas objetivo – extenso e muito à vontade

quando a folha de papel era maior e permitia outros vôos. As frases se encadeavam aleatoriamente, como fragmentos de um discurso por fazer – o “vampiro de textos” vampirizava a si mesmo.

Em sua última carta, datada de 2 de setembro de 96, ele contava, meio decepcionado, que estava sendo molestado por um vírus. Havia seis dias que passava mal. Mal sabíamos que o “bichinho” (um biúte-vírus) seria responsável por agravar seu estado de saúde (Uilcon era diabético) ao ponto de levá-lo embora. O criador do mundo mítico de *Assombrado* viajou para a terra mítica, à luz dado.

Sua última missão, como escritor, ficou completa ao publicar este ano *A Educação pelo Fragmento* (pela Editora do Escritor), uma versão ampliada daquele mesmo livrinho que eu conheci há sete anos atrás. Uilcon dizia ter sepultado para sempre seu protagonista Biúte e suas biutezas e biutices.

Nesta edição de *Poiésis*, quero deixar registrado esse pequeno depoimento escrito ainda sob o peso da perda de uma pessoa tão querida. Uilcon foi capaz de me cativar somente pela escrita (através das cartas e dos livros), mas o suficiente para ocupar um lugar destacado no coração, mente e vida.

(Publicado originalmente no tablóide *Poiésis Literatura*, nº 42,
Petrópolis, dez. 1996.)

Fragmentos de um discurso postal

(Trechos das cartas enviadas por UP a Camilo Mota)

“coisa, rapaz, essa viagem do Demétrio, poeta de primeira – parada e gongos da civilização, mesmo, mando-lhe alguns poemas da velha Índia, traduzidos por amigos daqui”. (6.7.95)

“Você me deu novas forças – esse milagre! Compreendeu *todas* as intenções e entrelinhas já de cara, você registra o fundo do projeto, ou sua raiz e truque central: qualquer sujeito que escreva *sobre* vira personagem, sim; todas as falas dos outros podem (devem) ser consideradas como variantes, comentários, glosas, paródias, paráfrases(...) enfim só posso agradecer-lhe e oferecer-me para ajudá-lo a levar esse andor cheio de festas, emoções, luzes na fundão do túnel medonhível no qual o país vai atolar-se (já se atolou?) (...) no meio de junho sairá *sobre arte moderna e contemporânea*, plaquete com 14 contoziinhos, apesar do título *pseudo-erudito*, de pura gozação e malandragem”. (29.5.95)

“Vale contar-lhe, também, que no dia 11/8 será a primeira tese a respeito da minha estréia, a trilogia No coração dos boatos; nomes do trabalho: UP, *um alquimista que sabia javanês*. Pode? (...) os alternativos vão entrando (sem pedir licença) a passos de pomba” (6.8.94)

“há uma frase, na sua nota, sobre farsa/verdade, que usarei no livreto-propaganda/desfortuna crítica; do *próximo [a educação pelo fragmento]* em junho ou julho de 96, 122 contoziinhos para fechar a porta e apagar a luz desse tal de Biúte, que me devorou a medula e o tempo durante 10 aninhos. (4.12.95).

“falta-lhe tempo para escrever, você me diz; invente para você, então, um *tempo de prazer*” (23.10.95).

“entreguei meu novo livro para o editor, *a educação pelo fragmento*,

120 contoziinhos; fecha-se um ciclo, com grande depressão pós-parto, desânimo, fodido mesmo”. (26.12.95)

“[Leonardo] Fróes me escreveu, dizendo que me lê, em *Poiésis*, sempre rindo bastante, pois mora ao lado de você e não acha tempo para entrar em contato, trabalha no Rio, etc. (...) se você quiser, mande-me algumas perguntas sobre Fróes, eu respondo de forma tip-top, dará um tijolinho para a página 7 (curti o miniconto, agora vou exercer a mini-entrevista – risos), parece-me que o livro [*Argumentos invisíveis*, de Leonardo Fróes] merece, o autor idem, a culturica brasiluca também. (...) puta revelação! puta descoberta, rapaz! quem é Steven White, afinal? (...) qualquer dia desses eu vou embora pra Petrópolis, passear e papear com vocês, aguardar a volta do FHC, ver de longe o Imperador Atual e sonhar com o Rei Velho”. (1.2.96)

“mando-lhe último livro, saindo da fornalha e pedindo boa vontade, compreensão, generosidade. despeço-me do Biúte, biutices e biuterias – adeus, marvado, que me sugou o sangue durante 10 anos”. (16.7.96).

“estou doente há seis dias; diagnóstico? febre, inapetência, estômago virado, dizem os caras: é vírus! sim, vírus... (...) entre soneca e outra, fui lendo o conjunto [*Poiésis*], leitura febril (literalmente). *Sonhos*, do Nilton [Maciel], é excelente; eu gosto dos textos breves lá dele, onde chega mais próximo à perfeição; este, por exemplo, saiu tip-top (...); ontem, vi um filme do Kusturica, *Underground*, 3 horas e 15, assim não dá! piorou minha virose! minha estafa! minha alergia! (...) bem, eu gosto cada vez mais de fotografia, pintura, desenho, performance, instalação...” (2.9.96).



CAMILO MOTA

São João Nepomuceno (MG), em 24 de agosto de 1965. Reside em Petrópolis (RJ) desde 1970. Estudou Letras, na Universidade Federal de

Juiz de Fora, onde travou contato com o grupo de poetas da publicação *Abre Alas*, da qual chegou a participar do conselho editorial (1985). Membro titular da Academia Petropolitana de Poesia Raul de Leoni, e da Casa do Escritor (São Roque-SP). Desde 1994 edita em Petrópolis o zine-jornal (tablóide) *Poiésis Literatura*. Tem poemas estampados em *Literatura - Revista do Escritor Brasileiro* (Brasília-DF), *Argila* (RJ), *Correio de Poesia* (PB), *ComunicArte* (MG), *Compasso* (MG), *Luz Vermelha* (EUA), *Magnólia* (EUA), *Pensaminto* (MG). Publicou: *Cântico* (poemas, 1992), *Bálsamo* (poemas, 1994). Em 1997, recebeu o título de Mérito Cultural, da União Brasileira de Escritores/Seção RJ, pelo seu trabalho desenvolvido à frente do *Poiésis Literatura*.

A educação pelo fragmento

Dalila Teles Veras

falarei aqui de um livro que você certamente não encontrará nas gôndolas dos mais vendidos nas livrarias dos shoppings centers, pois foi publicado pela editora do escritor, sp, que, assim como tantas outras nanicas do ramo, não tem cacife para enfrentar este mundão continental e atingir todos os seus recantos e, agravante maior, mesmo que o tivesse, dificilmente a maioria desses livreiros encontraria a prateleira adequada à sua exposição, por tratar-se de obra que foge aos padrões do que se convencionou classificar como gênero literário. para nossa sorte, o editor soube perceber a singularidade desse trabalho e a competência de seu autor. falo de *a educação pelo fragmento* de uilcon pereira, assim mesmo, com letras minúsculas, e por isso mesmo esta coluna sai também em letra minúscula, homenagem singela a um trabalho maiúsculo.

uilcon é um silencioso escritor que, nas horas em que não está escrevendo, costuma dar aulas no curso de pós-graduação da unesp de araraquara, onde se refugia das badalações e balocabacos literários da metrópole. antenado, entretanto, com o vastomundo ao seu redor, principalmente com a arte produzida no planeta, matéria de sua especialização, uilcon brinda os seus leitores com uma obra em constante estado de alerta e progresso.

nos intervalos de cada livro, é comum oferecer aos seus leitores re-lances, ou seja, pequenas plaquetas com fragmentos, entrevistas, microcontos – textos, enfim, que tanto podem anunciar um novo livro como re-lançar um outro olhar sobre obra já publicada. é o caso deste livro que, já em 1988, foi anunciado numa plaqueta com o mesmo nome. *a educação pelo fragmento* (alheio), de acordo com o seu autor, é composta de “apropriações, trans passagens e inter/in/venções”. que não se assuste o leitor mais desavisado, pois o plágio consciente não é coisa assim tão fácil. interferir e recriar falas de grandes escritores e artistas plásticos, recortar notícias e frases cotidianas para transformá-las em obra legítima é tarefa para

poucos vampiros legitimarem como sua. uilcon faz isso com muita propriedade e ainda justifica, citando polonius: “desvario, sim, mas tem seu método”. no seu desvario, uilcon optou por um método de criação único que, apesar de incorporar tantas vozes, é inimitável.

o humor é uma de suas marcas desde a trilogia *no coração dos boatos*, publicada pela mesma editora entre 1982 e 1984, e atenua a erudição que, por vezes, deixa transparecer através da farta intertextualidade, a qual, sem o lado lúdico do humor, poderia parecer pedante.

esta faceta atinge a plena maturidade em *a educação pelo fragmento*, onde, muito mais que humor, o autor destila uma finíssima ironia ao criticar e ordenar as idéias pescadas dos veículos da grande mídia ou das conversas de botequim, múltiplos personagens transformados em um único: biúde, biutim ou biut qualquer coisa, conforme a ocasião. ninguém escapa da câmara giratória do perfeito cozinheiro das alminhas penadas deste mundo: a violeira helena biutrice de tróia meirelles — “(...) meu avô era paraguaio, e muita paraguaiada que tocava ia lá na casa dele. aprendi a embrabecer uma viola assim, guardando no ouvido tudo o que eles faziam”; o bispo Dom heitor cony, tornado cura de àssombrado onde a tudo resistia; o doutor ezra emil que, ao ser indagado sobre a palavra “biutegandres”, disse: “é um grão só de alegria, um fruto somente de amor — um olor de poesia contra o tediário”, ou ainda, a hilária “corrente da felicidade, para homens casados com biutus e biútus, biutucas e buitiquinhas – e esgotados, como você”.

a chave para compreender essa forma de dizer em literatura, o próprio autor nos dá no texto “a invenção da nova arte humorística”: “biurf inventou uma nova espécie de anedotas, que só fazem efeito muitas horas passadas. todos ouvem com infinito tédio, enfarados, porém, como um pavio que arde em silêncio, como um rastilho queimando em surdina, acordamos à noite, na cama: de repente, súbita euforia nos leva a sorrir como um recém-nascido bem amamentado”.

tal qual balzac, uilcon bem que poderia re-afirmar: biúte sou eu, ainda, biúte são todos vocês, biutins habitantes de

àssombrado, ou se assim o quiseram, do formigueiro terráqueo, tão diversos e tão semelhantes.

dou o mapa da mina para facilitar a procura: editora do escritor: rua barão de itapetininga, 262, sala 227, cep. 01042-000, são paulo – sp.

(Transcrito do *Diário do Grande ABC*, Santo André/SP, 18 set. 1996.)



DALILA TELES VERAS

Funchal (Ilha da Madeira, Portugal), 1946. Radicada em São Paulo desde 1957. Livros publicados: *Lições de Tempo* (SP, 1982); *Inventário Precoso* (SP, 1983); *Madeira: Do Vinho à Saudade* (Portugal, 1989); *Elemento em Fúria* (Teresina, 1989); *Forasteiros Registros Nordestinos* (SP, 1990, plaquete); *A Palavrparte, Pequenas Prosas em Poemas* (Alpharrabio Edições, Santo André, 1996), todos de poemas. Selecionou os contos e prefaciou o livro *O Mistério da Casa Velha*, de Cora Coralina, (SP, Global, 1989). Participante em quase duas dezenas de coletâneas no Brasil e no exterior. Animadora cultural, há quase duas décadas organiza cursos, seminários e congressos. Como convidada da UNESCO, participou do Colóquio Imprensa de Língua Portuguesa no Mundo, realizado em junho de 1991, em Paris, com a comunicação *A Imprensa Alternativa no Brasil Como Resistência Cultural*. Fundadora do Grupo Livrespaço de Poesia, que desenvolveu de 1983 a 1994 intensa atividade cultural, publicando livros, promovendo oficinas, recitais e semanas culturais. Foi uma das editoras da revista literária, trimestral, *Livrespaço*, que circulou nacional e internacionalmente de 1992 a 1994, e conquistou o Prêmio APCA 1993. Diretora e Secretária Geral da União Brasileira de Escritores, Seção de São Paulo, por três gestões.

Poema a Uilcon

Doris Accioly e Silva

A UILCON

*Hate, hate
against the death of the light*
(Dylan Thomas)

Amizade breveterna
chegou pelo correio
Outrainquisição
Nonadas
Pelo fragmento
a educação
Ruidurbano
à sombra da poesia
.
A vida a meio
meio-dia, meio tom
acordissonante
meia lua, flauta transversal.
Redimido o mundo
pela voz do amigo.
Assombradada lucidez

Inquirição
Inquirisomos
Kyrie eleison

Kyrie eleison
A morte não se elege
Kyrie eleison

Dinossauros do futuro
Seguimos modernos
ainda que mortais
Desse moinho
quem recolherá o grão?
Quem fará da pedra
jorrar a água?

A morte
e a memória depois dela
são domínios do outro.

– O que pode o corpo fixo, imóvelalma,
ante lembrança e olhar alheios? –
Lembrança e olhar doravante
recortam
recontam
nova narrativa.

(Araraquara, novembro de 1996)



DORIS ACCIOLY E SILVA

Araguari (Triângulo Mineiro), 31 de dezembro de 1952. Suas raízes familiares cobrem parte do Brasil e se alongam até Portugal, Espanha, Itália e Holanda. Estudou no pequeno colégio de D. Wanda Pierucetti, em Araguari, e com ela aprendeu e com a avó, Dhália Accioly, com os pais, a gostar de música, de poesia, de árvores, águas, estrelas e bichos. E de gente que gosta de tudo isso. Aprendeu com seus mestres a querer um mundo libertário, de iguais na diferença. Mestre em Ciências Sociais pela UNESP/Campus de Araraquara. Doutoranda em Ciências Sociais na PUC de São Paulo. Leciona na UNESP de Araraquara desde 1996.

Lembranças

Eico Suzuki

São Paulo, 14 de outubro de 1997

Amigo Aricy

Conheci o Uilcon Pereira em Assis, em 1975. Meu pai, Takeshi Suzuki, minha mãe e eu estivemos ali, na Faculdade de Letras, para uma apresentação de teatro clássico NÔ com o HAKUIÔKAI. Esse grupo, dirigido por meu pai, o único da América Latina a divulgar o gênero.

O ponto alto foi a peça *Hagoromo* (Manto de Plumas). Tem por tema principal fazer a donzela celeste dançar para as pessoas da Terra. Ela é um anjo da lua, um dos trinta que constituem suas fases segundo antigas crenças. A peça tem um único ato e é a mais apreciada entre as duzentas e trinta obras representadas hoje do acervo do teatro NÔ.

Um professor da Faculdade esteve muito interessado. De óculos, sério, mas gentil, gravou a peça em fita de rolo.

Em 1982, qual não foi minha surpresa ao saber que ele, Uilcon, estava publicando seu livro pela Editora do Escritor.

Há um provérbio nipônico – abrigar-se à sombra da mesma árvore, beber a água do mesmo regato, é tudo consequência de vidas passadas.

Nas reuniões da Editora, muito freqüentes na época, encontramos-nos, conversamos, trocamos livros.

Minha mãe e eu fomos a Recife (PE) no fim de janeiro de 1985, a convite da Fundação Japão, e hóspedes na casa do Cônsul Geral, muito parecido com o Presidente Figueiredo, porém mais alto. A palestra sobre o NÔ foi na Universidade Federal. A diretora de uma Faculdade – não me lembro se a de Letras – fez questão de mostrar-me todas as dependências, antes do evento, sob calor de 30°C, por volta das 10 horas da manhã. O suor fazia deslizar os óculos. E falei para um bom público entusiasmado.

Na primeira reunião na Editora contei à turma:

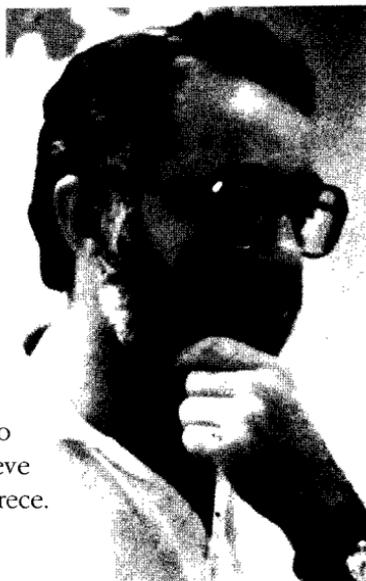
– Quem dirige a Escola deve se orgulhar dela, mas perturbou-me a concentração, fazendo-me andar daquele jeito.

– Pois eu – opinou o Uilcon – chego e vou avisando: quero só muito sossego antes da palestra.

Alegre, bem humorado, sorrindo – eu não sabia de seu problema grave de saúde.

Uilcon partiu muito cedo, o que é uma grande perda. Mas deve estar mesmo em paz, bem o merece.

Eico



Uilcon em foto de Eico Suzuki

EICO SUZUKI

São Paulo (SP). Arquiteta pela Universidade Mackenzie, de S. Paulo. Primeira autora publicada pela Editora do Escritor: *Desafio ao Imortal* (contos, 1970) – livro muito elogiado pelos críticos paulistanos. Seguiram-se: *Dick – Aventuras de Um Cão Dinamarquês* (romance infantil, 1972); *NÔ – Teatro Clássico Japonês* (ensaio, 1977); *Literatura Japonesa: 712-1868* (ensaio, 1979). Alguns de seus livros mais recentes: *Recordações de Mamãe* (memórias, 1994); *NÔ – Teatro Clássico Japonês-3* (ensaio, 1995). Todas as suas obras foram lançadas pela Editora do Escritor. Eico Suzuki é também conferencista e ilustradora. Dezessete livros editados, doze prêmios literários.

[É de sua autoria a foto de Uilcon Pereira inicialmente publicada na contracapa de *A Implosão do Confessionário* (terceiro título da trilogia de romances *No Coração dos Boatos*, 1984), sem o devido crédito “Foto: Eico Suzuki”. UP não gostava de ser fotografado, porém apreciava essa: contudo foi clicado de surpresa por Eico, em uma reunião na Editora. Fotografia que tem sido reproduzida mesmo pela grande imprensa, sem informar o crédito, como *O Estado de São Paulo* (Supl. Cultura, p. 11) de 16 de novembro de 1996].

À margem da obra de Uilcon Pereira

Elisa Guimarães

O leitor que se proponha a um exercício de sistematização da obra ficcional de Uilcon Pereira se desincumbirá penosamente da tarefa, uma vez que um dos traços inconfundíveis do estilo do autor representa-se justamente na fragmentação.

Submeto-me, no entanto – professora que sou – a uma tentativa em busca de aspectos que, a seu jeito, acabam por se identificar como eixos da produção literária de Uilcon Pereira.

Tarefa que se cumpre, ainda que teimosamente, à luz do beneplácito do autor, de quem recolho entre outras tantas esta declaração: “nunca fomos – nem eu nem a criatura de ficção – anarquistas metódicos ou institucionalizados”.

A dupla terminológica – método ou institucionalização e anarquia – pouco acomodável a uma mesma área de significação – ilustra, talvez, o paradoxo de meu intento: explorar eixos disciplinadores de uma obra rotulada de anarquista por seu próprio criador.

Mas vamos à tarefa. Aí está o texto envergando foros de plurisignificação e, por isso mesmo, acumpliciado com possível diversidade de formas de interpretação e crítica.

Num primeiro momento, o leitor será capaz de saborear a maestria com que Uilcon articula conteúdo e forma. Já em *Outra Inquisição*, publicado em 1982, a sintonia conteúdo/forma aprimora o extenso diálogo que se sustenta ao longo da obra.

Aí se descreve um contexto social ferido pela conturbação dos desmandos políticos – descrição configurada num discurso ousado, desafiante, de jogo vocabular pródigo em espontaneidade.

O autor empresta ao relato dos acontecimentos ritmo vertiginoso, descompassado, retrato de nossa realidade social – ritmo que também se espelha nos sinais de pontuação ou na ausência desses sinais. (Corre-se o risco de perda de fôlego na leitura da obra, como corremos o risco de também perdermos o fôlego no enfrentamento dessa mesma realidade).

Em *Nonadas* – publicação de 1983 – o autor retoma o complexo de questões ou o mesmo mundo de incógnitas representado em *Outra Inquisição*.

Assiste-se a uma homologia de conteúdo sob a mesma feição narrativa: cortes superpondo cenas diversas.

A carga semântica de *Nonadas* articula-se perfeitamente com um estilo notadamente marcado por exclamativas e interrogações: “A que conclusão nós chegamos?” indaga o narrador no final da obra – ao que ele próprio responde: “Melhor não concluir nada, caríssimos, querer concluir é a pior tolice. O problema se resolve é com a parolagem, mais discurso vazio até que o tédio nos vença”.

Em 1984, com a publicação de *A Implosão do Confessionário*, completa-se a trilogia *No Coração dos Boatos*.

Não obstante a independência de cada volume da série, interligam-se os três na exibição da sintonia conteúdo/forma – esta encerrando não um sentido único, mas um conflito de sentidos: o próprio emaranhado da condição humana. Um rosário de curiosidade verbais – uma variadíssima “festa verbal” (expressão do Autor) traduz esse emaranhado, num atento exercício de elaboração estilística: pensamentear – homo desmunhecantis – cupinchada, envivecer, etc.

Ainda requintes de estilo compõem a harmonia conteúdo/forma no *Livro de Biúte*, bem como no *Ruidurbano*. Aí, mensagens justapostas ou sucessivas, sempre aceleradas e fragmentadas, apontam para uma técnica revolucionária de relatar acontecimentos. E Biúte declara: “A alegria é a prova dos nove também para quem se liga principalmente em substantivos, adjetivos, verbos, metáforas e metonímias, perífrases e parágrafos, ritmos das frases e epígrafes”.

Rico manancial de formas fluindo sobre não menos rico manancial de idéias – assim se pode definir a produção literária de Uilson Pereira.

Um segundo eixo em torno do qual é possível ver girar essa produção está na arte da criação e da sustentação da personagem. Curiosíssima variedade de tipos humanos movimentada-se na trama dos romances.

Em *Outra Inquisição*, criaturas vítimas de um sistema injusto e opressor – reminiscência das aberrações da Inquisição de outrora.

Ressurge em *Nonadas* o personagem Evaristo, que encarna várias figurações e que experimenta aventuras individuais ampliando-se ao âmbito de nossa realidade social.

Alonga-se a discussão inquisitorial em *A Implosão do Confessionário*, onde Evaristo ainda é o outro, é muitos, refletindo a complexa semelhança das pessoas sujeitas, no dia-a-dia, às emboscadas da vida e do sistema.

Em *Ruidurbano*, que o próprio autor define como um “conto de fadas servido à maneira pós-moderna”, assiste-se à convocação de um sem-número de personagens cruzando visões as mais diversificadas, retratando, afinal, o que se passa na sociedade. A personagem central de *Ruidurbano* surge em dezenas de nomes diferentes: Blume, Evarista, Magdalena, Maria de Fátima, Bijuta, etc.

Fixa-se, aliás, como característica especialmente marcante da obra de Uilcon a diversidade de nomes atribuídos a um só personagem. Nota-se a atração do escritor pelos nomes.

Ao repórter que lhe perguntou o sentido dos nomes, ele respondeu: “o leitor recebe uma certa imagem mental, um sentimento visceral, apenas com os nomes, ao mesmo tempo sonoros, potentes e descritivos. Eles dão corpo aos agentes e falantes: Perdita, Fortuna, Trás-os-Montes, Evaristo Brandão da Silveira”.

Um terceiro aspecto digno de relevância no trabalho de Uilcon é a intertextualidade.

O termo intertextualidade é criação da autora Júlia Kristeva, numa atualização ou numa modernização da expressão do autor russo Mikhail Bakhtin, que fala em “dialogismo textual”, em “polifonia de vozes” – o que se identifica com o fato de existir, num texto, reminiscências de outro ou outros textos.

“Continuo – declara Uilcon – um formidável vampiro de textos alheios, cada vez mais diversificados, múltiplos, heterogêneos e complexos”.

O que é preciso ressaltar é que Uilcon realiza a verdadeira intertextualidade, ou seja, efetuar aquilo que se identifica com o

cerne, a essência do trabalho intertextual – o exercício de transformação do texto complementando o ato da absorção, segundo a definição de Júlia Kristeva.

As citações, a reprodução freqüente de textos alheios colocam-se com tanta propriedade e em lugar tão adequado, que esse acerto na colocação é que se pode encarar como transformação do texto – que Uilcon realiza com maestria.

Um quarto aspecto que tipifica e valoriza a obra em análise representa-se no que me permite chamar meta-romance – curiosidade presente em vários momentos da obra.

Lembra-me *Ruidurbano*, quando o leitor recebe instruções sobre a narratividade: o que é narrar – como se articula um relato de ficção – quando a estória pode exercer influência sobre o contexto histórico.

Valendo-me da força do intertexto, eu pediria o beneplácito de Autran Dourado para ver no romance também de Uilcon Pereira uma *poética do romance: matéria de carpintaria*.

Os quatro aspectos explorados nesta exposição, ou seja, conteúdo/forma, personagem, intertextualidade, metalinguagem compartimentada em meta-romance, parecem formalizar as linhas fundamentais do pensamento de Uilcon Pereira – linhas que, por sua vez, convidam o leitor a refletir sobre aquilo que se lê nas entrelinhas: o romance como gênero tende a figurar a sociedade e a incitar à meditação sobre ela.



ELISA GUIMARÃES

São Sebastião do Rio Verde (MG). Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo. Professora nos cursos de pós-graduação da área de Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP. Orientadora de dissertações de Mestrado e Doutorado na mesma Universidade. Publicou: *A Articulação do Texto e Tipografia do Texto*, ambos pela Editora Ática. Palestrista em Congressos sobre Língua Portuguesa promovidos pela Associação de Língua e Filologia da América Latina, em diversos países: México, Itália, Espanha. Participante de Seminários realizados na Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara e Los Angeles. Professora de cursos de Língua Portuguesa, ministrados para Professores da rede oficial de ensino do Estado de São Paulo.

O Romance da Saturação Teórica

Notas à margem de uma dissertação sobre o romance de Ulcon Pereira

Eloésio Paulo

Parece estar desfazendo-se ultimamente o discutível consenso de que a literatura brasileira pouco produziu de significativo após o golpe militar de 1964. Empreendimentos críticos como o livro *Sincretismo*¹, de Pedro Lyra, estão a mostrar que a idéia de um “vazio cultural” durante a ditadura é, em primeiro lugar, falsa. Em segundo lugar, provavelmente resulta da dificuldade, ainda existente hoje, de se articular num único estudo as inúmeras produções textuais posteriores ao golpe. Como indica o texto do livro de Lyra, em que o autor trata da poesia do período, a variedade de tendências dificulta a investigação sobre a fisionomia literária da época.

Vazio cultural? Os levantamentos já disponíveis mostram que a quantidade de obras literárias publicadas no período 1964-1984 é fantástica. E como em meio à quantidade surge a qualidade, alguns leitores se surpreendem diante de livros como *Armadilha para Lamartine*, de Carlos Süssekind, uma das obras-primas da ficção brasileira contemporânea.

O problema é mais de acessibilidade das obras. Poucos estudiosos têm a oportunidade de ler livros como *Mez da Gripe*, de Valêncio Xavier. O autor destas linhas corre há três anos atrás de *Mês de Cães Danados*, de Moacyr Scliar. E estamos falando apenas de romances. Benedito Nunes, em estudo sobre esse gênero, menciona cerca de 30 obras que considera “elos perdidos” entre a tradição moderna e a ficção contemporânea². Quanto à

1. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

2. *O livro do seminário*. São Paulo: LR Editores, 1983.

poesia na trabalho referido Pedro Lyra nos lembra a existência até mesmo de uma vertente épica de que hoje pouco se tem notícia, representada por nomes como Neide Archanjo e Oswald Barroso.

É nesse contexto que se pode discutir *No Coração dos Boatos*, objeto de minha dissertação de mestrado defendida em 1995 na Unicamp. Como a maioria dos livros significativos do vintênio militarista, a obra uilconiana está à espera da reedição que já mereceram *Confissões de Ralfo*, de Sérgio Santana, e *Em Liberdade*, de Silviano Santiago. No caso de Uilcon, seu livro praticamente pode ser colocado no mesmo plano da poesia marginal: tiragem limitada, circulação restrita às possibilidades logístico-financeiras do autor, além de um suporte gráfico de pouca qualidade.

Em minha dissertação, intitulada *Teatro às Escuras*, procurei demonstrar que o romance uilconiano é uma obra das mais originais de sua época, que em certo sentido se apresenta como um corte na periodização literária, pois, como notou Antônio Cândido, os autores dos primeiros anos posteriores a 64 fizeram uma “literatura contra”, de oposição ao golpe militar. E, como mostraram outros estudos, a posição do autor diante da ditadura e de seu congênito sistema de comunicação eletrônica encabeçado pela Rede Globo determinaram em muito as formas assumidas pela literatura do período.

A originalidade de *No Coração dos Boatos* está na forma criada para problematizar o abismo histórico do homem brasileiro culto e do indivíduo-autor. Situando-se na confluência entre a “literatura contra” e as manifestações inequívocas do que hoje se chama “pós-moderno”, nosso autor, em primeiro lugar, transita da referencialidade ligada ao momento histórico à reproposição da vanguarda, numa época em que a literatura vanguardista já se mostrava um veio exaurido. Os leitores desarmados ou de primeira viagem dificilmente reconhecerão em *No Coração dos Boatos* mais do que um amorfo interrogatório sem sentido, aparentando não passar de blague. É um julgamento próximo daquele que alguns ainda fazem a respeito de Panamérica, de José Agrippino de Paula, que no entanto já esgotou uma reedição e cujo quinhão de

glória ganhou recentemente o reforço de ter sido citado inúmeras vezes por Caetano Veloso no depoimento *Verdade Tropical*³.

Meu primeiro problema foi por onde iniciar uma abordagem do romance uilconiano, aliás dificilmente reconhecível como romance na primeira leitura. A estrutura de *No Coração dos Boatos* é aparentemente simples: um pingue-pongue de perguntas e respostas em que a identificação dos falantes oscila constantemente. Mas qual seria o papel das referências culturais inseridas na conversa infundável? E o da apropriação evidente de textos e falas alheias, procedimento-padrão na montagem das perguntas e respostas?

Minha opção foi começar por uma vinculação de Uilcon à tradição moderna. Mesmo assim, o número de referências possíveis (temáticas, teóricas e formais) tornava difícil escolher, como ponto de partida da análise, entre Joyce e Kafka, Flaubert ou Dostoiévski. As duas linhas mestras da ficção moderna estão lá, na estrutura do interrogatório uilconiano, oferecendo-se o tempo todo como pistas tentadoras e incontornáveis.

A escolha recaiu sobre o Flaubert de Bouvard et Pécuchet, devido a uma ligação intuitiva logo estabelecida entre o "tolicionário" flaubertiano e o conceito uilconiano de *boato*, categoria importante a ponto de figurar no título geral da trilogia que compôs o romance em análise. Provavelmente as conclusões seriam as mesmas se se tivesse partido de Kafka ou Dostoiévski. Este último, a propósito, tem a vantagem de estar no centro da investigação de Bakhtin sobre o dialogismo, evidentemente um conceito-chave da poética ficcional uilconiana.

Enfim, era preciso entrar por alguma das janelas. A confusão do leitor a respeito da nebulosa de referências literárias de vários teor é justamente uma das armadilhas de Uilcon na qual caíram críticos qualificados...

Àquela nebulosa chamo *saturação teórica*. É preciso compreender como fato fundante que o autor Uilcon Pereira foi

3. Fio-me no comentário de Flora Süssekind, que menciona essas citações, publicado no caderno de livros do *Jornal do Brasil* em 20/17/97.

também o professor Wilcon Joia Pereira, que durante a elaboração de trilogia trafegou por praticamente toda a teoria literária disponível, como estudante de pós-graduação e depois como docente do ensino superior.

O interrogatório uilconiano tem um modelo invocado pelo autor, *L'Inquisitoire*, de Robert Pinget, que acabei ganhando de presente. Ojetei certa vez a Uilcon que poderia ter sido o episódio do Bordel, capítulo do *Ulysses* de Joyce. Ele respondeu que só se fosse uma mimesis indireta ou inconsciente.

A forma do interrogatório leva à cena (pois estamos tratando de um “teatro às escuras”, definição encontrada no próprio texto) o paroxismo dialogístico: amplia ao máximo o conceito bakhtiniano, reduzindo espaço-tempo e a consciência humana a um bate-papo infundável. Mas quem fala? Todos e ninguém, já que a identificação dos falantes é tão mutável quanto especular: quem fala, em geral, atribui um nome ou qualidade ao interlocutor, e esses nomes e qualidades modificam-se de página para página.

Na expropriação dos textos e falas, temos uma aplicação evidente do conceito de *intertextualidade*, que, afinal, é o resultado de se levar às últimas conseqüências o dialogismo. Procurei esclarecer que o procedimento-padrão (copiar um texto, como os patetas flaubertianos ou Pierre Menard) é subvertido, como todas as outras convenções do inquisitório uilconiano. O texto é um móbile.

A mutação, se é total, obviamente atinge a relação entre perguntas e respostas, que começa logo a desviar-se do padrão para degenerar-se, em determinadas partes, em puro *nonsense*. Em suma, flutuação constante do sentido é provocada pela metamorfose incessante das regras do jogo. O personagem-coringa Evaristo, com seus “mil e um pseudonomes”, corporifica essa mutabilidade que Uilcon procura estender a todos os níveis de seu texto. Sob esse aspecto, remete-nos ao que Umberto Eco chamou “obra aberta”: o teórico-professor Uilcon Pereira levou essa abertura, ou quase indeterminação, a tais extremos que se aproxima de uma ausência completa de sentido.

A intencionalidade e o rigor da operação intertextual uilconiana é indiciada o tempo todo pela metalinguagem. As

autodefinições de que o interrogatório está repleto armam uma rede de pistas para a compreensão do leitor. Somadas à observação dos “engates” entre blocos de texto, permitem-nos reconhecer uma característica estável no interrogatório: o embate entre duas instâncias essencialmente antagônicas às quais podemos dar os nomes provisórios de *autoridade e vontade*, sob as quais se ocultam inúmeros outros binômios possíveis: lógica/poesia, consciente/inconsciente, academia/Uilcon-doutorando, etc.

No mais, todo o conhecimento humano pelo qual pôde o autor trafegar até seus anos de maturidade é reduzido a boato. Essa categoria central da semântica uilconiana, depois de feitas as contas, envia-nos à relatividade do conhecimento humano: desde os mitos imemoriais até as fofocas sobre a vida dos artistas, passando pela filosofia metafísica, tudo é boato, todas as supostas verdades são feitas de possíveis enganos ou delírios, individuais ou coletivos. A verdade, pois, está em constante mutação, sem que possamos imobilizá-la em um ponto ideal. E assim *No Coração dos Boatos* acaba numa classificação que jamais suspeitaríamos inicialmente: a das obras que encenam o que há de mais universal e eterno, a busca da verdade pelo homem. Ironicamente, retornamos da pós-moderna intertextualidade ao... diálogo socrático!

(1998)



ELOÉSIO PAULO

Areádo (MG), 1965. Aos 18 anos, começou a trabalhar como repórter no *Jornal dos Lagos* (Alfenas-MG), onde logo passou a divulgar livros em coluna semanal, em que estampou seu primeiro comentário sobre a obra de Uilcon Pereira. Publicou seus primeiros poemas através da antologia *Tempoesia*, editada em Alfenas, em 1983. No ano seguinte, *Tempoesia* II. Graduou-se em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Alfenas, em 1985, ano em que publicou, juntamente com Marcos de Carvalho e Francisco Assis de Carvalho, *Troços Traços e Troças*, além do único número da revista *Póstudo*, em que editou uma

entrevista exclusiva com Augusto de Campos e trabalhos de Uilson Pereira, Luiz Fernando Ruffato, Cláudia Bia, Leila Mícolis, Aricy Curvello, Cláudio Feldmann, Joaquim Branco, Akemi Waki, Batista de Lima, Artur Gomes, Patt Raider. Em 1990 fez sua estréia individual em livro com *Canguru – Ontologia Poética* (editora João Scortecci, São Paulo). Mestrado em Teoria Literária concluído na UNICAMP em novembro de 1995, com a apresentação da dissertação *Teatro às Escuras*, uma análise da trilogia de romances de Uilson Pereira *No Coração dos Boatos*, já lançada em livro (Pouso Alegre: SIC Edições, 1997). Hoje, professor de Literatura e redação. Em breve lançará o livro de poemas *Bonecos de Never*.

Outra Inquisição

Fábio Lucas

Para entender o processo narrativo de Uilson Pereira e dele extrair o prazer do texto, seria aconselhável, inicialmente, que o leitor renunciasse à expectativa de reencontrar o costumeiro relato causal/temporal e a tradição naturalista da transparência obtida com a exposição dos antecedentes e das conseqüências de cada episódio.

E preciso vencer o relativo *nonsense* dos intermináveis diálogos disparatados. E o leitor verá que, aos poucos, o significado vai-se estruturando, que o ritmo e a efusão de idéias do romancista vão se impondo e transmitindo a embriaguez de um aprazível jogo verbal. Então, o leitor estará cativo de uma impressionante aventura literária.

Em segundo lugar, seria de interesse que o apreciador de *Outra Inquisição* mentalizasse o próprio processo inquisitorial, um interminável mecanismo acusatório disfarçado em busca da verdade, um somatório de perguntas-armadilhas. A vítima, explica Henry Charles Lea, envolvia-se numa rede de que era impossível escapar-se, e seus esforços frenéticos somente mais apertavam os nós. (*A History of the Inquisition of the Middle Ages*, t. I. New York, 1958, p. 450).

No romance de Uilson Pereira, perguntas e respostas nem sempre se correspondem, antes se abrem em poliedros narrativos. As circunstâncias formam uma parábola do mundo, contemplado a partir de um foco paulista.

Podemos, no transcurso da leitura, identificar uma personagem básica, Evaristo, exposta a várias metamorfoses. Serve para encarnar personalidades da vida brasileira, para designar ora o lado masculino, ora o lado feminino do mesmo herói. Figura híbrida, também aberta a uma espécie de errância semântica: Evaristy (mulher que muda de nome e obtém no cartório um novo registro), Evaristo Carneiro da Cunha, Evary,

Evaristo Evarazade, Evaristo Ferreira Neta, Evas Sapato Branco, João Evaristo Pessoa, Evaristo Gil, César Evaristo Ladeira, Evaristo Aspone, Evary Beibi Dol, assim por diante.

Ulcon Pereira apoia-se no grotesco para atingir a sátira ao mundo moderno e aos seus procedimentos inquisitoriais. E deixa escapar o riso contra a falsa erudição, durante o que chama “gincana de perguntas”. Por isso, a certa altura, alguém parodia Mallarmé: “Jamais aboliremos o acaso?” Ou, em outra circunstância, parafraseia Píndaro, tal como está em epígrafe ao poema *Cemitério Marin de Valéry*:

*– aspiravas à imortalidade?
não, sua alma pretendia esgotar somente o campo do possível.*

A todo instante, tropeçamos na intertextualidade, mas de um modo em que desaparece a afetação. Por exemplo: eis que, da discussão acerca da chave de um cinto de castidade, signo cruel da repressão, surge o Vieira escolar, (o da carta que explica a naturalidade da resposta) e imiscui o do sermão:

*– e você responde assim, numa boa, sem nenhum pudor?
é coisa tão natural o responder, né, que mesmo os penhascos
duros respondem e para as vozes têm ecos. pelo contrário,
é tão grande violência não responder que aos que nasceram
mudos fez a natureza também surdos, porque, se ouvissem e
não pudessem responder – por certo – rebentariam de dor*

E nesta mistura de episódios e de citações, não falta um “expludo” para marcar a contemporaneidade do texto e a sua abundante referencialidade política. Em determinado trecho, fala-se numa “espécie de moto-contínuo verbal”, até que, bem mais adiante, se diz: “Aos poucos, este julgamento vai-se transformando num samba do crioulo doido.”

Nem tanto assim. Um olho crítico poderá acompanhar este “delírio coerente” que é *Outra Inquisição*. Por exemplo: será possível identificar inquisidores encapuzados como o doutor Carneiro. Temos, no caso, uma das belas cenas do romance,

neste jorro incontrolável de criação verbal, desde neologismo a lugares-comuns, piadas, ditos folclóricos, chistes da sabedoria popular, citações encobertas, denúncia da opressão política. A personagem-vítima depõe, então: “guardei a fisionomia, o tipo físico, esperando um dia poder identificá-lo e denunciar o mal que praticou, esse filho da puta, foi o meu quebra-cabeça na prisão, fixar os caquinhos de memória, juntar os fragmentos, colar os estilhaços”

O romance de Uilcon Pereira, na verdade, constitui-se em grande parte daqueles fragmentos e estilhaços, superpostos num desafiante palimpsesto.

A personagem-básica, chamemo-la assim, mantém certa familiaridade com o Orlando de Virgínia Woolf. A diferença está em que aquela personagem atravessa períodos da História, enquanto o Evaristo de Uilcon Pereira percorre circunstâncias e episódios do mesmo tempo.

Seu variado androginismo, sua natureza proteiforme, têm uma velocidade superior à de Macunaíma, tal como este saiu das mãos de Mário de Andrade.

E o jogo verbal escolhido por Uilcon Pereira parte de uma técnica teatral: o contraste de perguntas e respostas, o reino da ambigüidade, tão da devoção dos artistas e dos inquisidores.

– e o evaristo que animou o corpo de um homem pode, em nova existência, animar o corpo de uma mulher?

sim. e vice-versa. pois são os mesmos evaristos que animam as fêmeas e os machos

Eis: evaristo não é apenas personagem, é também um qualificativo, uma função adjetiva.

A técnica de extrair as “verdades” (a função narrativa é sempre a criação de uma supra-realidade ou a conferição de sentido a uma realidade em tumulto) provém dos aparelhos de repressão:

– ah, eu só gosto mesmo é de fazer perguntas indiscretas, o bom mesmo é uma verdadeira maratona, o sujeito chega e começa

a deblaterar, conta, conta, conta, eu fico aqui, no meu canto, espreitando como a esfinge, até que de repente, quando o tipo menos espera, zás, enfio-lhe uma questãozinha, não há quem suporte, no fim abrem as pernas. dão o jogo para nós da escola de informações do exército da marinha da aeronáutica, contam até o que não sabem (ou não sabiam que sabiam)

A ficção de Uilson Pereira, deste modo, se instaura noutra inquisição: extrai das perguntas inoportunas o desconcerto do mundo, o grotesco e o exótico, o lírico e o culto, o gracejo e a sátira, o sério e o jocoso, o real e o simbólico. O centro de gravidade é a tumultuada realidade brasileira, o nosso terceiro-mundismo, o desfrute e as armadilhas da vida, o desprograma do caráter nacional.

(Publicado originalmente como apresentação do primeiro volume da trilogia, *Outra Inquisição*, 1982).

Ruidurbano: uma antologia, de Uilcon Pereira. São textos que parecem escritos de um só jato, com sintaxe e ortografia peculiares, de grande força poética justamente pelo inusitado. Díficeis de avaliar em sua descabelada síntese pornoerótica surreal, mas textos, quem sabe, de grande unidade em sua desunião total, sem pés nem muito menos cabeça. Seja como for, uma leitura instigante. A entrevista que abre o volume é bastante esclarecedora das intenções e realizações do autor. (*Macondo*, Jardinópolis, SP, 1993, 86 pp.)

In *Diário de Petrópolis* – 9 abr. 1995.



A educação pelo fragmento, de Uilcon Pereira. É uma coletânea de pequeninos textos em que o autor, falecido em outubro do ano passado, cria (ou melhor, recria) textos próprios sobre originais alheios, numa atividade de palimpsesto muito a fim da intertextualidade, e um grande número de personagens (?) cujo nome se inicia pelo prefixo *biu*: como ele mesmo diz, são suas *biutices*. Esses nomes e a fragmentação do estilo, além de um visível aspecto satírico nos episódios narrados, sempre tomados de empréstimo a outros autores, dão o tom do livro, em que Uilcon Pereira procede a uma verdadeira “educação” do leitor através de seus fragmentos. É uma leitura, à primeira vista bem-humorada, mas principalmente chamando a atenção para problemas de nexos e de linguagem (Editora do Escritor, S. Paulo, 1996, 96 pp.)

In *Diário de Petrópolis* – 23 mar. 1997.

FERNANDO PY

Rio de Janeiro (RJ), 1935. Bacharel em Direito pela UEG, em 1960. Reside em Petrópolis, onde mantém coluna no *Diário de Petrópolis* e integra o Conselho Editorial do tablóide literário *Poiêsis Literatura*. Traduziu, entre outros, Marcel Proust e Saul Bellow. Publicou os seguintes livros de poemas: *Aurora de Vidro* (Rio de Janeiro: S. José, 1962); *A Construção e a Crise* (Rio: Simões, 1969); *Vozes do Corpo* (Rio, Fontana/INL, 1981); *Dezoito Sextilhas para Mulheres de Outrora* (Recife: Pirata, 1981); *Antiuniverso* (Rio: Sette Letras, 1994). Integra a antologia organizada por Pedro Lyra em seu estudo sobre a Geração 1960 (*Sincretismo: A Poesia da Geração 60*. Rio: Topbooks, 1995.)

O jardim dos dinossauros

Hugo Pontes

A eletrônica, a informática, os botões e raio laser são novidadeiras apenas no Terceiro Mundo. Lá no Primeiro o estranho-exótico é o que temos aqui. Ou seja: nada, a matéria, prima de tudo.

Conceito e colocação errados é dizer que somos já o Quarto Mundo.

Segundo sociólogos franceses, e também vietnamitas refugiados do Laos, com os quais troquei algumas palavras em longos papos, no verão de 1991 em Paris, pelos cafés do Boulevard Montparnasse, o Quarto Mundo é o Primeiro Mundo com sua pobreza, sua miséria, a crescente imigração e o crescente desemprego.

Ou seja, isso é tudo. Póstudo. Day After.

Sim, o autor do livro mencionado acima tem razão. O Terceiro Mundo merece a fogueira enquanto perdurar a idéia de que o Ruidurbano é o que temos de melhor para oferecer ao mundo, além das riquezas naturais, escola de sambabol, mulata e sol.

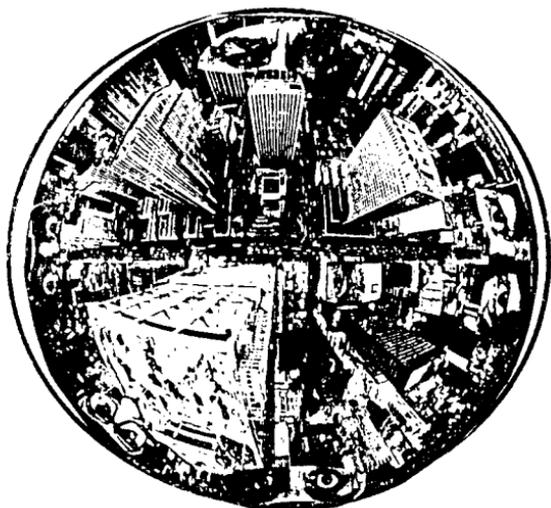
Sim, Pereira, o Terceiro Mundo é Àssombrado por caravelas do século XVI, "errantes" a caminho do Novo Mundo, Àssombrando o Kaos numa "travessia infinita enquanto durar" a competência da nau-capitânea. Como bem o disse UP: "Os alquimistas já estão chegando." Chegaram e aboletaram-se no poder de Àssombradado de há muito. E dando receitas no Ars Medica. Malarmé tinha razão.

– Êtes-vous un alchimiste, un anarchiste ou un dadaïste? –
Non, je suis un tachiste.

O anarquismo como tal se pensou e como tal se pensa amanhã, hoje não pode ser levado avante pois, como bem o disse Boyoutte, célebre pensador senegalês, em sua última

conferência realizada em Deonville, FRA, 1991, exclui o ser humano do objeto das suas preocupações e philosophia.

Somos todos orwelhas negras submetidos ao olho mágico da porta do sanitário da rodoviária mais próxima.



Bem o disse Gregoire de Saint-Vallé: "Felizes os dialéticos. Comem açúcar e são diabéticos por vocação."

De UP *A Educação pelo Fragmento da Pedra e das Bolas Perdidas*, de João Pedro Álvares Cabral. Sugiro a Nova Inquisição-Já. Para todos os quetais: 1992 – Ruidurbano Sempre Uma Leitura Renovada.

UP, Ouvidor-Geral do Kaos, observa a buroacrobacia nacional socialista-liberal.

Quem Dante não leu, conhecer Beatrix não conheceu. E Asterix?

Correio Literário é o press release, UP. A quermesse na praça ainda existe até mesmo no Primeiro Mundo. Assim o disse Albert Camus em *O Estrangeiro*.

Ruidurbano é "logos" em Àssombradado, entre-mentes a influência de Auguste Conte Sempre Contigo. Mais do que a

busca da ordem e progresso e o tempo perdido, a lucidez da Terceira Margem do Rio, do Rosa, Rosae.

UP, o som que faz o Ruidurbano ajuda na caminhada para les enfers.

UP, o vampiro de dentes caninos X céberbo, o cão de três cabeças e um cérebro celebrando o Vaticano, que fica bem perto daqui.

De Baudelaire é a frase: “Desliga o rádio. Raio de ruído urbano que não me deixa rir”.

Som imaginário esse ruído. Bocage nunca o faria tão bem e sem espírito para entendê-lo. Essa fala cansa. Novela cansa. Entrevista cansa, mas descongela a palavra humana, não?

Ruidurbano não tem prazo para terminar e nem precisa. Prosema visual por excelência da palavra – olho-chave símbolo do passado via fax ecocardiovasculareograma, atinge o cerne, o berne do poder do ente.

Ao leitor, perplexo, peço para não ler este comentário que ora inicio. Só quem lê ou leu Ruidurbano pode entender Uilcon Pereira. Ou, só quem conhece Uilcon Pereira pode ler... Ou... já que falamos de Europa, a moda por lá, agora, é ressuscitar e contar Dinossauros.

Que, sem dúvida, estão chegando.

(Resenha de *Ruidurbano: entre/vistas*, Uilcon Pereira. Coleção Macondo, vol. 3. Jardinópolis – SP, 1992, 121 pp. Transcrito de *Jornal da Cidade* – Poços de Caldas/MG – 30 abr. 1992.)



HUGO PONTES

Três Corações (MG), 22 de julho de 1945, mas se criou em Conceição do Rio Verde (MG). Sua trajetória em literatura iniciou-se em 1963, na cidade de Oliveira, com a criação do Grupo Vix. Sua temática tem um caráter social que permanece até hoje. A partir da década de 70,

voltou-se totalmente para o poema visual e desenvolveu nesse sentido seu trabalho. Integra o movimento do poema visual brasileiro e o movimento internacional de Mail Art. Um dos pioneiros no desenvolvimento da arte-xerox no Brasil. Seu trabalho é reconhecido principalmente no exterior, onde participa de inúmeras exposições e publicações de gênero. Reside em Poços de Caldas desde 1974, onde publica a página – única na imprensa brasileira – *ComunicARTE*, de poemas visuais, para o *Jornal da Cidade*. Professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Graduado em Supervisão Pedagógica. Publicou *Defesa de Tese* (poemas visuais), Belo Horizonte: Ed. Plurart's, 1997. Integra várias antologias de poemas. É um dos mais considerados poetas visuais brasileiros.

Àssombrado é aqui

Para Uilson Biúte Pereira: na memória.

Para David: continuar na escrita.

José Pedro Renzi

... Você gosta da cidade? Biutim... Biutim... Biutim.

Na universidade os passos calmos e uma xícara de café... na lógica matemática e no ensino descontraído. Tem samba no pé. A espera da vida contra a morte... Nos dilemas do dia-a-dia, no falar para você na vitória... A guerra dentro da gente! Ruído e Àssombrado! Para dizer um conto ou biutice... Ruídos. Ruídos na chuva de um sertão-província e na megalópolis sem violência.

– Um dia, eu me mudo para São Paulo!

– Vou ficar nos bares ao lado da PUC: próximo à rua Bartira...

– Mas como se locomover em São Paulo?!?



JOSÉ PEDRO RENZI

Araraquara (SP), 1961. Também se vale do pseudônimo Pedrinho Renzi. Graduado em Sociologia pela UNESP. Mestre em Sociologia pela UNICAMP. Professor e escritor. Reside em Araraquara, onde colabora no jornal da cidade *O Imparcial*, no Cederno de Cultura e Lazer “Cartaz”.

Os escritos à luz de Uilcon

Leonardo Fróes

Do ponto incerto ao qual se recolheu entre os justos, como se fosse mais uma estrela no céu, Uilcon Pereira escreve cartas, relatórios e informes de seu último exílio. Não lhe bastaram as cidades do interior paulista pelas quais ele andou distribuindo tanta sapiência e afetos. Não lhe bastou a invenção de Àssombradado e Biúte, o lugar mais que perfeito para a companhia ideal. Perene e inquieto coletor de frases e signos, Uilcon, tendo realizado entre nós uma obra de proporções estafantes, foi ouvir diretamente o silêncio e captar seus zumbidos. Deve estar armando alguma.

As cartas de Uilcon Pereira, sempre em folhas de caderno arrancadas com uma displicência de aluno, chegam ao fim deste país. Por mais longe que esteja, não há poeta ou prosador ou mestrando ou visionário ou sonhador ou letrista que não as tenha recebido algum dia. São palavras calorosas que essas cartas carregam. Palavras de estímulo, conselhos brincalhões e sutis, doses cavalares de irreverência e uma explosão de bom humor. Em grandes letras sinceras, na mesma Bic displicente de sempre, fazem por isso muito bem aos destinatários que as lêem. E fazem mais: cruzando o Brasil de norte a sul, criam redes epistolares de amizade que também se cruzam e aumentam.

Digo-o por experiência própria. Por intermédio dele, muitos de seus alunos paulistas, em certa época, passaram a me escrever sobre meus livros. Com alguns, a conversa evoluiu e estreitou-se, e desses, que acabei por conhecer em pessoa, me tornei amigo com o tempo. Sei de outros casos semelhantes que confirmam a tese: a obra epistolar de Uilcon Pereira não se resume às toneladas de folhas que ele levou ritualmente aos Correios durante anos e anos: é também uma intervenção direta na construção da vida. Cada carta é um gesto amplo, contendo mais do que as palavras contêm, e, no contexto da obra, é um módulo novo colocado em ação, com muitos e imprevisíveis efeitos.

Do mesmo modo, praticamente não há jornal literário alternativo dos que existiram e deixaram de existir durante as últimas décadas, que não conte com a presença de Uilcon já nos primeiros números. Ligado em tudo o que acontece na área, rastreando dos seus refúgios em Araraquara ou Marília qualquer sinal de um movimento alhures, ele logo publica um miniconto, um ensaio, uma entrevista forjada, uma parlenda, uma historinha do ciclo de Biúte, um fragmento. Ou então manda uma carta afetuosa de incentivo à moçada, uma daquelas cartas a Bic em papel de caderno, transbordantes de puro entusiasmo.

As cartas e a atuação de Uilcon Pereira nos jornais mais efêmeros dos mais diversos quadrantes são partes complementares de sua monumental obra escrita, montada à base de reflexões e ações sobre o fazer literário. Em *Ruidurbano: entre/vistas* diz ele: “Minha literatura é de fato obsecada pelo estilhamento da identidade no mundo atual, a desintegração do Eu centralizado, único e coerente, permanente e responsável. A vertiginosa perda dos últimos resíduos da identidade pessoal — eis o meu tema, angústia, espanto e maravilhamento”.

Autor que se apropria de autores e generosamente se distribui entre autores, solidário e fraterno nos seus incentivos, ele se descentraliza e transforma numa pluripersonalidade atuante que é em última análise, entre idas e vindas, a própria tradição literária em seu fluir. Reencontro-o ainda agora em Jardinópolis, Batatais, Ribeirão Preto: é o mesmo riso construtivo, a mesma capacidade notável de verbalizar qualquer coisa que se manifesta entre nós. No ponto mais extremo da perda vertiginosa, e dessa vez tão positiva, “dos últimos resíduos da identidade pessoal”, sua obra se prolonga e o completa na atuação pessoal. Ainda agora, tomando sua cerveja entre os justos, ei-lo que continua, mas só com luz, a escrever. O mesmo riso, a mesma atenção a cada um, maravilhamento já sem angústia. Seria como se escrevesse, com Fagundes Vareta, este fragmento de *Acúsmata*:

Somos a idéia, o sentimento, a essência
Da criação inteira; a íntima nota
De quanto brilha, corre, canta e chora;

*Somos o fluido eterno, que circula,
Envolve o globo, os seres, e penetra-os
De um infinito amor; somos a cítara
Onde o sopro de Deus roça inflamado
E sacode no espaço a paz aos homens
Num turbilhão de notas amorosas.*



LEONARDO FRÓES

Itaperuna (RJ), 1941. Poeta, tradutor, jornalista, comerciante, botânico. Reside atualmente em Petrópolis. Publicou os seguintes livros de poemas: *Língua Franca* (1968); *A Vida em Comum* (1969); *Esqueci de Avisar que Estou Vivo* (1973); *Anjo Tigrado* (1975); *Sibilitz* (1981); *Assim* (1986); *Argumentos Invisíveis* (1995). Em 1990 lançou o ensaio *O Outro Varela*, sobre a poética de Fagundes Varela. Traduziu poemas de D.H. Lawrence e Shelley, romancistas como Faulkner, George Eliot e Ferlinghetti. Integra a antologia *A Poesia Fluminense no Século XX* (Rio: Imago Editora, 1998).

Literatura: A anciã dos tempos!

Maurício Leandro Fernandes

Os poucos críticos que nos periódicos científicos se têm ocupado de minha obra têm revelado tanta incompreensão, que não os posso contestar senão incentivando-os a lê-la de novo; ou, melhor, simplesmente a lê-la. (FREUD, S. in: *A interpretação dos Sonhos*. Cap. 1; Apêndice de 1909.)

O título é do Mestre Wilcon. Um fantasma amedrontador. Era o que se ouvia falar desta criatura pelos corredores do Campus e salas de aula: Assustadora. Indomesticável. Ágil. Voraz. Mais para Diabo do que para Deus. Entre o Céu e a Terra, ele fica com o terceiro! O seu Amor...?

“Primeiro por Machado de Assis! A primeira aula começando com Dom Casmuro. Até sua última obra.”

Um recado invisível e aterrorizador deixado aos que freqüentariam as aulas de Estética com o, até então para nós, Prof. Dr. Wilcon Joia Pereira, na Faculdade de Filosofia, da UNESP – Universidade Estadual Paulista, Campus de Marília. (Convite dele para pensar: *“Se Kant escreveu filosofia num dos limites das linhas da civilização, então é possível estudar Walter Benjamin no centro do sertão paulista. Pura Lógica? Sonhar demais?”*.)

Era Sábado. Em pleno verão e após o almoço: *“Hoje iremos até às 18. Começaremos com Dom Casmuro. Sou o Wilcon.”* Senta-se com a folha de chamada à mão e, silenciosamente, olha a todos. Meticulosamente, levanta-se e escolhe um: *“Todas as reclamações etc. farão com este Senhor – colocando a mão sobre a cabeça do rapaz, que mais tarde ele nomearia como Dom Rubens. – Ele será o meu protonotário”*. Foi assim nosso primeiro encontro.

Colocou-nos em correria nos dois anos seguidos do curso de Estética: Lição ensinada, usada e válida por toda a vida. A

biblioteca da faculdade – que é ótima e nos ajudava – passou a ser o *point* dos alunos. Despertou-nos para as visitas às bienais, galerias, cinemas, shows, sebo e livraria, palestras, congressos, e alguns de nós passaram a freqüentar a União Brasileira de Escritores –UBE. Tudo isso em São Paulo. As viagens para lá eram de trem e nelas fazíamos as leituras das próximas aulas. Isso acontecia mesmo durante as férias. Ensinou-nos que não há férias.

Foram muitas as vezes que voltamos com as nossas malas da faculdade para casa. A maioria não era de Marília e, pelo menos uma vez por mês, desejávamos visitar nossos familiares. Como era impossível perder uma aula do Prof. Wilcon, no Sábado já íamos à aula com mala em punho. Parecia proposital. Suas palavras nos colocavam em situações arrasadoras. Nas palavras de Manuel Bandeira: deixava-nos degradados à última baixeza de alma humana. Em apenas 5 minutos de aula, ele nos arruinava a alma. A tarefa era essa: reconstruir-nos em um novo paradigma: “*Ninguém se banha no mesmo rio duas vezes*”. Renascíamos das cinzas, sempre. Desmontava-nos como quebra-cabeça e fazia com que fôssemos agente da nossa própria construção: da personagem de uma história para a possibilidade de ser O Apaixonado Criador.

Uma das suas inúmeras aulas breves foi referindo-se ao texto *Sibilitz*, de Leonardo Fróes. Breve não por falta de conteúdo, mas pela profundidade e densidade da sua exposição. Como poucos, majestoso, ia dos pré-socráticos a Marilena Chauí e Benedito Nunes. Literalmente, dessa vez todos saímos cambaleando. A pé, da faculdade, a caminho de casa, passava-se pelo cemitério de Marília. Eu, nessa ocasião, precisei parar e enterrar todos aqueles resíduos fenomenológicos. Entrei no cemitério: Quantos morreram calados em suas genialidades. Silenciosos em suas paixões; ou nem isso conseguiram. Escondidos amores torturantes. Quantos viveram morrendo de Amor a cada dia. Quantos não conseguiram expressar o menor “A” da doçura vivida *em si* tentando o retardo amargo da morte que traziam dentro *de si*. Nos cemitérios ressoam silenciosamente os cânticos encantados das mais belas histórias humanas.

O mesmo valor dado a Picasso recebia a arte alternativa. Frequentemente distribuía em aula folhetos, fitas cassetes, gravuras, livros e fotos recebidos via correio. Esses desconhecidos foram por nós apreciados: Willer, Aricy, Piva, Artur, Avelima, Raider, Erorci, Márcio & Hugo etc. Deleitava-se com o besteiro e as maluquices criativas, algo próximo do Hélio Lete. Enfim, interessado pelo que se cria na cultura contemporânea: das artes às teorias e aos humanos.

Sempre de madrugada, em meio ao nevoeiro de Marília, encontrava-se o Prof. Wilcon tomando coalhada batida com canela, no Bar Marrocos. Sempre de papo ora com as putas e bichas, ora com os políticos, ora com a burguesia local, ora todos juntos na mesa do fundo. Conseguia fazer sentar todos à mesma mesa. A Wilconlândia se formava. Nunca estava só; sempre em companhia. Tudo era motivo para a sua criação: da frase do mendigo ao deslize dos intelectuais. Nos jantares com muitos vinhos, preparado pelo Barão Balestriero, grande amigo e cozinheiro, ele gargalhava desse verdadeiro recorte cômico, um Ruído Urbano.

Heureca literário! Chegou feliz naquele Sábado pois havia terminado de escrever um livro com 420 páginas ininterruptas. Assim que Hygia Ferreira o devolvesse revisado, ele entregaria seu livro para lermos. Contei-lhe, tímido, que tinha apenas 42 continhos de apenas seis linhas cada, cujo personagem, Gabriel de la puente, era comum a todos e estava disposto numa outra forma literária. Naquele mesmo final de tarde os lemos e conversamos madrugada adentro. Passados alguns meses, perguntei-lhe sobre o livro. Disse-me que não existia mais; que havia rasgado e queimado. Algumas semanas depois trouxe-me alguns continhos e falou: "*Achei o caminho. O negócio é este.*" (Não sei o que o fez rasgar 420 páginas e escrever os minicontos.)

Uma das suas audácias! A sala estava dividida entre os alunos seminaristas (que aos poucos abandonavam o curso por seduções das meninas da Pedagogia ou fortes iluminações wilconianas e balestrieras) e os não-seminaristas. O regimento da Universidade permitia a avaliação em Segunda Época. Prof. Wilcon aprovou sem exame todos os seminaristas. Assim, direto.

Reprovou os desistentes. Aqueles que mais se destacaram, os que entregavam relatórios e trabalhos mais elaborados, esses ele deixou de Segunda Época; ou seja; passamos todas as férias de 1982 e 83 fazendo novas leituras para entregá-las no primeiro dia de aula do ano seguinte. Essa “bela” notícia, bem como a lista de livros e tarefas da Segunda Época, era dada individualmente a nós em sua casa e como convidado para o almoço, feito pela D. Isabel. Inconformados por nos deixar de Segunda Época, enquanto aprovara àqueles que pouco leram, fomos reclamar com ele. A resposta foi curta: “*Aprovei-os exatamente por isto.*”

Essa lição demorou a ser compreendida. Ele queria de nós o máximo. Fez-nos ler, ver e ouvir o que, muito provavelmente, não pararíamos para ler, ver e ouvir. Queria colocar-nos à frente: um passo a mais. Daí para frente deixou de ser Prof. Dr. Wilcon para ser, sim, *O Mestre Wilcon*.

A *PHURAPHROIDY* – *Revista de Contos e Teoria do Conto*, sendo o primeiro título apenas visual (para não ser pronunciado), nasceu das nossas várias conversas sobre os minicontos. Mestre Wilcon foi a fonte soberana dessa criação. Houve a iniciativa e a participação do José Luís Conti, que morava em Jardinópolis (SP). O *Primeiro Encontro de Escritores e da Literatura de Jardinópolis* foi uma maneira de levar o Mestre a passar férias naquela cidade. Dele poder visitar o disco-voador na porta do cemitério, ouvir as malucas histórias da cidade e seus personagens. Começou como brincadeira (nem tanto!) e se ampliou de ano para ano. Tudo funcionava de forma doméstica. As hospedagens eram nas casas de amigos, tios e sítios dos meus avós. Parte dos alimentos ganhávamos da população. Uma única vez utilizamos o Convento das Freiras e com a ajuda da Prefeitura de Jardinópolis, que, aliás, não ajudou, atrapalhou.

Além de divertidos e agradáveis, os encontros realizados no sítio eram mais produtivos e aproveitáveis. Com o crescimento do encontro e o grande número de cartas que recebíamos periodicamente de várias partes do Brasil, tivemos a ingenuidade (Conti, Wilcon e Eu) de reunir o maior número dessas pessoas. Leonardo Fróes, pela Funarte e Minc, conseguiu parte da verba para as passagens. Para liberação da verba, era necessária a

participação da Prefeitura, que se recusou a dar apoio. Conti sugeriu, então, a cidade vizinha: Batatais.

O *Seminário Brasil: a cultura em questão*, em Batatais (Out.-1987), contou com 1.200 pessoas vindas de diversas partes do País. Foram 24 horas de apresentações durante três dias. A maioria era de pessoas que nos escreviam e conheciam o *Uilcon Pereira*. Na verdade, Batatais foi uma festa-presente para o Mestre Wilcon com parte de seus leitores. Assim foi idealizada, pensada e realizada por nós. Tínhamos a esperança da cidade “comprar” a idéia de ser a Capital das Manifestações Culturais e Artísticas, já que havíamos envolvido toda a sua população. Mas três sérios motivos nos decepcionaram: 1) A Prefeitura buscava proveito político diante das eleições e acabou dando muita confusão e inverdade; 2) A falta de humildade dos artistas fazia reinar o narcisismo e o egocentrismo; 3) Há pessoas que são melhores em seus trabalhos artísticos, ou por cartas, do que pessoalmente.

Desiludidos com as ações culturais, porém vigorosos, planejamos o *Encontro Nacional de Arte e Cultura*, mas dessa vez procurando envolver a UBE. O que era para ser em Brodósqui (SP), terra do Portinari, acabou indo para o Vale do Ribeira, tendo como sede Registro (SP), em 1990. Mais uma vez o egocentrismo e os políticos atrapalharam. Na UBE fala-se muito e nada se faz. O que salvou foi: 1) Diante das fortes interferências políticas, Wilcon, Eu e Dalila Telles resolvemos fazer um pré-encontro, levando quarenta escritores para dez cidades do Vale do Ribeira, uma das regiões mais pobres do País. Foi o que deu certo, já que a Dalila (quando pega para fazer, faz) organizou os escritores por São Paulo. Algumas pessoas da região tocavam nos escritores como se fossem deuses: “*Nossa! Poeta é gente. Existe!*”, disse-nos um deles. 2) Por iniciativa do Mestre Wilcon, organizamos uma homenagem merecida à coluna *Diversos Caminhos*, escrita pelo Zanoto, em Varginha (MG).

Mestre Wilcon chegou então à conclusão: “*Maurício de la puente, oh! Escuta-me aqui!*” *O melhor o fazer é nos encontrarmos uma vez por mês na porta do Baguete,. Sabe onde é? Ali na Consolação, em frente ao Belas Artes. Então, de la puente? Vamos fazer assim! Às vezes, a gente chama um; às vezes chamamos*

outro, e sempre tem gente conhecida chegando por lá. O César Carvalho sempre aparece. Podemos jantar com o Fábio Lucas. OK? Vamos largar mão dessas besteiras culturais. O grande circo já está armado, de la puente! A entrada é o terminal Tietê. Certo. né?”

Ele morando em Araraquara, eu já em São Paulo, mensalmente estávamos à porta do Baguete. Quando isso não acontecia, havíamos nos encontrado em Ribeirão Preto ou em Araraquara. Muitas vezes me perguntei se eu não era o ouvidor do Mestre Wilcon. Quando a sós comigo, o Mestre transfigurava-se no menino com saudade da infância. Eu? Apenas o ouvia, despreocupadamente. Severamente crítico, mas maliciosamente irônico com tudo, Mestre Wilcon era uma pessoa do Amor. Não havia o que não amasse.

Em segredo, Mestre Wilcon sofria de uma saborosa doçura: o Amor. E o “desgraçado” continuava amando tão intensamente a tudo, como sempre. O Amor, doce néctar do prazer divino, sempre o torturou. Sua diabete surgiu em decorrência dessa doçura mortal que é o Amor. Fôra o seu *coração atacado pelo Amor*, embora a medicina diga que a causa é a diabete. Em seu peito havia o Amor do menino fascinado pelo mundo: revelador, enigmático, encantador e sedutor. A Trilogia, *No Coração dos Boatos*, traz essa relação com o *mundo vivo do Mestre*, ou melhor, fez dela *Literatura* e o seu próprio divã: *inconsciente do velho tempo*. Sua covardia, sim, o fez covardemente recusar a análise. (Quando se fala em análise é quatro vezes semanais).

A sabedoria! O manuseio com as linguagens! A aguçada visão de mundo! Enganam-se aqueles que acreditam que todo o conhecimento do Mestre Wilcon surgiu das teses de Doutorado, a vida em Paris e horas infindáveis de leituras. Foi tudo isso também, mas a fonte de influência está com a Dona Rosinha e sua farmácia que começou no município de Tietê (SP). Podem imaginar o que era uma farmácia no interior, nos 40 a 50, e o que nela acontecia? Entre os fatos mais corriqueiros, as revelações dos pacientes (um verdadeiro confessorário), os acontecimentos sociais e políticos, as intrigas e as fofocas da farmácia. Em meio a toda uma diversidade cultural, Mestre Wilcon escutava as histórias

literárias, lidas nos folhetins, revistas e gibis por sua mãe, Dona Rosa Jóia Pereira.

Mestre Wilcon sempre contava das façanhas milagrosas que Dona Rosa operava na farmácia. Ao menor sinal do atraso menstrual e assustadas com mais uma gravidez, as mulheres recorriam à farmácia de Dona Rosinha. A solução era simples. À frente da paciente era preparada uma mistura de açúcar, sal e um corante qualquer. Essa solução pastosa era colocada numa cápsula e entregue à paciente, com a seguinte recomendação: *"Nem sempre dá resultado. Tomes uma no café da manhã, a outra no almoço e a outra no jantar."* Se o atraso menstrual era por tesão, em dois dias tudo estava resolvido. Não havia o que Dona Rosinha não curasse.

Parece que eu adivinhava que o Mestre não estava bem. Meus avós e pais prepararam para ele um almoço no sítio. Tudo foi feito da forma como gostava. Tudo colhido do sítio e feito no forno a lenha. Colocamos a mesa debaixo de uma grande árvore, voltada para a lagoa com os patos selvagens, que começavam a chegar. Um dia lindo, como o céu todo azul. Ele gostava daquele sítio onde sempre me cobrava a construção de uma biblioteca no meio da pequena mata. Despediu-se todo radiante, como o sol no campo.

Das inúmeras passagens engraçadas fico com esta. Brincava sempre comigo e o seu filho, David, que não queria muito na vida, dizendo: *"Apenas uma casinha dentro de uma mata, os livros do Guimarães Rosa e do James Joyce, uma menina de 18 anos e escrever um grande livro."* Sem titubear, David respondeu: *"Nada impossível. Uma casa na mata? É fácil. Os livros do Rosa e Joyce já os tem; sem problema. Uma menina de 18? Nada complicado. Mas quero ver é escrever um grande livro!"*

É difícil escrever ou falar sobre o Mestre Wilcon no passado. Rosy Oranges, pessoa notável, alerta-me constantemente: ao me referir ao Mestre Wilcon, faço-o sempre no presente; portanto, ele está sempre vivo.

Da relação entre aluno e professor, aos poucos solidificou-se uma forte amizade que, em breve, virou uma relação de irmandade e se transformou em cumplicidade. Mas foi muito

além, passou a um estado de constituição d'alma: Pai e Filho, Irmão e Irmão, mas sempre *O Mestre, Wilcon*.



MAURÍCIO LEANDRO FENANDES

Ribeirão Preto (SP), 1960. Utiliza-se do pseudônimo literário Gabriel de la Puente. Graduado em Filosofia pela UNESP (Marília), em 1985, e em Psicologia pela FMU (S. Paulo), em 1995. Participou de *Biblioteca Freudiana Brasileira* e do Projeto Esquizofrenia do H.C. da F.M.U.S.P. – S. Paulo. Foi professor da Faculdade de Comunicação, da FAAP (SP). Como consultor de marketing e apoiando-se em conceitos psicanalíticos. nos últimos anos vem dedicando-se às relações humanas em empresas. Ex-aluno de Wilcon na UNESP (Marília). Atualmente, reside em Ribeirão Preto.

(UP a ele se referia como "o de la Puente".)

Só para Uilcon Pereira

Nancy Neves

Ribeirão Preto, 14 de novembro de 1997

Caro Aricy

.....
... Marcou-me. Não sou mais eu. Mergulhei no caos e na inquietação intelectual que ele foi tecendo à minha volta. E quanto mais me debato, mais me enredo. E ele nem está aqui para eu despejar sobre ele minha raiva e meu desespero. Nem pra compartilhar as angústias. Conheci-o em 1982/3, em Jardinópolis. O que deveria ser uma palestra sobre poesia, iniciativa do Maurício Leandro¹, virou um círculo de leitura dos nossos poemas, poetas aspirantes. Ouviu, incentivou, podou. Cartas, outros encontros em Jardinópolis, Batatais, e uma aproximação maior depois que veio para Araraquara². Em 1992 virou meu Orientador³! E assim minha aproximação do poema visual. Na época eu só conhecia do visual o que estava no livro do Philadelpho⁴ – *Poética e Visualidade*, e no catálogo organizado pelo Phila também. Nem desconfiava do que eu estava me metendo. Enfim! cá estou com uma dissertação⁵ inacabada. No fundo, ele preferia isso – o incerto, o duvidoso, o paradoxal, o impossível ou não passível de qualquer certeza.

Notas do organizador

1. O poeta Maurício Leandro Fernandes, que escreve sob o pseudônimo de Gabriel de la Puente.
2. No ano de 1989.
3. Na Área de Pós-Graduação da UNESP/ Campus de Araraquara.
4. Professor universitário e poeta visual Philadelpho Menezes. Seu livro referido foi lançado pela Editora da UNICAMP, Campinas, 1991.
5. Sua dissertação de mestrado, *Pegadas na Argila...*

NANCY NEVES

Machado (MG), 20 de março de 1947. Em sua cidade natal, graduou-se em Letras na Faculdade Professor José Augusto Vieira. Viveu cinco anos em Guarulhos (SP), o bastante para mesclar indústrias, pastagens, favelas e cafezais. Atualmente reside em Ribeirão Preto, onde é professora. Conheceu Uilcon Pereira em 1983, em Jardinópolis (SP). Aproximação maior ocorreu após 1989, com a mudança de Uilcon para Araraquara. Dessa convivência resultaram, entre outros trabalhos de Nancy: as séries de poemas visuais *Sob Influência* (cujo número VI publicamos na página anterior e que tem por título *Poema Só para Uilcon Pereira: Edição Comemorativa ao seu "Sobre Arte Moderna e Contemporânea"*) bem como seis poemas (1995), *Dialogando* (dezesseis poemas, 1996) e a dissertação de mestrado *Pegadas na Argila: Do Gesto ao Signo no Poema Visual (inédita)*.

OBS: O poema visual atrás reproduzido foi publicado, de forma reduzida, por Hugo Pontes, em *ComunicARTE* n° 58, Poços de Caldas, dez. 1995.

Uilton Pereira, um escritor do século XXI

Nilto Maciel

Salvo engano, meu primeiro contato com Uilson Pereira se deu em 1987, quando ele residia em Araraquara. Enviei-lhe exemplar de um de meus livros e imediatamente ele me mandou uma carta. Dias depois me ofertou exemplar de *Re-lances do Livro de Biúte*: “preciso da sua opinião sobre os meus conticos.” Trata-se de um pequeno livro, 32 páginas, fragmentos de um livro maior: “este é um trabalho em curso, ainda no canteiro de obras. Publico *Re-lances* para sondar um pouco as reações dos leitores”, avisa na página inicial.

Antes do *Re-lances*, Uilson havia publicado *No Coração dos Boatos*, trilogia composta de *Outra Inquisição* (1982), *Nonadas* (1983) e *A Implosão do Confessionário* (1984). Infelizmente, não tive oportunidade de conhecer essa obra.

Ao longo de nove anos, Uilson e eu mantivemos correspondência regular. Falávamos de nossos projetos e nossas realizações literárias. Não consegui ainda organizar as cartas dele, porém tenho quase certeza de que me escrevia cerca de cinco ou seis por ano. Não faço cópia das cartas que escrevo, mas devo ter enviado a ele o mesmo número de missivas.

Uilson não falava apenas de si mesmo. Comentava, com freqüência, os escritos dos outros, como os colaboradores da revista *Literatura*. E vivia prometendo colaboração. Ora “pequeno texto sobre poesia visual”, ora “8 contoziños sob o título geral *sobre arte moderna e contemporânea*”, ora “ensaio de Elisa Guimarães” (este saiu na edição nº 8 de *Literatura* e intitula-se *Á Margem da Obra de Uilson Pereira*).

Desde o primeiro momento, impressionou-me muito a originalidade da obra ficcional de Uilson. Ao mesmo tempo, senti-me incapaz de esposar qualquer opinião ao público. Temia

dizer tolices, fazer comparações infundadas, dar rótulos desnecessários à sua obra. Nas cartas, ao contrário, eu me sentia à vontade e fazia comentários aos livros dele.

Quando li *Ruidurbano: entre/vistas e Ruidurbano: uma antologia* meu pasmo foi maior. Ora, então a obra intitulada *Ruidurbano* já havia sido escrita. Nas “entrevistas”, Uilcon fala a diversos “entrevistadores”. No entanto, tudo é mentira, invencionice, ficção. Uilcon nunca escreveu um livro intitulado *Ruidurbano*. Melhor dizendo, as “entrevistas” e a “antologia” são fictícias. Logo, o “entrevistado” e o autor “antologiado” são um Uilcon Pereira Personagem de Uilcon Pereira. Bem escreveu Camilo Mota (*Fragmentos e refinamentos do Ruidurbano de Uilcon Pereira*): “Qualquer um que se atreva a escrever sobre Uilcon Pereira corre um sério risco de se tornar um de seus insuspeitos personagens”. Isto porque em sua obra ocorre uma sobreposição de realidade, não se sabendo bem onde começa a ficção, onde existe a fantasia, ou mesmo se existe um Uilcon – que se transforma a cada página através de seus personagens pré-e-pós-cibernéticos. A realidade, por sua vez, passa por um filtro que mais parece um calidoscópio verbal – e o que antes habitava ao nosso lado, repentinamente é arremessado para dentro de um romance, ou de um suposto romance, como é o caso de *Ruidurbano*.

Na verdade, o livro de “entrevistas” e a “antologia” são dois romances. Ou duas versões de um romance. Duas formas diferentes de um romance. Um meta-romance, no dizer de Elisa Guimarães. Pois não se trata de romance na sua forma tradicional (mesmo os romances mais originais, como *Ulisses* de James Joyce, os de Oswald de Andrade, William Faulkner e do *Nouveau Roman*). Talvez um novo gênero literário, forma híbrida de narrativa ficcional, jornalismo, almanaque, crítica literária, crônica de costumes, humor, deboche... Enfim, romance de romance, meta-romance.

A leitura dos livros de Uilcon me abalou tanto que passei a me ver como um velho escritor, um narrador ultrapassado. Senti-me no século XX, um pequeno contista-romancista do final do século XX. Quase tive vergonha de mim mesmo. E prometi

mudar. Não sei se consegui mudar, buscar novas formas de escrever, de inventar. Pus-me a imaginar, a fazer rabiscos, anotações e cheguei a escrever um livro, uma série de pequenas narrativas cujos personagens principais são reis, generais, heróis, santos. Um desses contos é *O Gato Preto de Darwin*, que Uilcon chamou de “obrinha-priminha”. E comentou: “foi integrada, já ao meu pacote de *minis* perfeições que vou utilizando nos meus cursos sobre as possibilidades de *minimal* em ficção (virará livro de ensaio, no futuro)”. Uma das preocupações constantes dele era exatamente isso: a síntese (“única saída para os ventos do verbo, hoje e amanhã” – afirmava). Falei da influencia dele em minhas obras mais novas. Ele, que era professor de Literatura e mestre na arte de ler e escrever, não parece ter levado a sério a informação que lhe dei. Talvez não acreditasse na possibilidade de me tornar seu discípulo, seu imitador. Também não acredito nisso. Porque continuo um escritor do século que finda. Ele, Uilcon Pereira, é um escritor do século XXI, do futuro, criador de uma nova literatura.

Brasília, 10 de novembro de 1997.



Nilto Maciel

Baturité (CE), 1945. Graduado em Direito pela Universidade Federal do Ceará. Reside atualmente em Brasília/DF. Publicou: *Itinerário* (contos, 1974); *Tempos de Mula Preta* (contos, 1981); *A Guerra da Donzela* (novela, 1982); *Punhalzinho Cravado de Ódio* (contos, 1986); *Estaca Zero* (romance, 1987); *Os Guerreiros de Monte-Mor* (romance, 1988); *O Cabra Que Virou Bode* (romance, 1991); *As Insolentes Patas do Cão* (contos, 1992); *Os Varões de Palma* (romance, 1994); *Navegador* (poemas, 1996); *Babel* (contos, 1997). Em 1976, em Fortaleza, com mais três jovens escritores à época, fundou a revista-envelope *O Saco*, que fez sucesso nacional. Editor há sete anos da Revista *Literatura*. Detentor de alguns prêmios importantes: Brasília de Literatura-1990, categoria romance, com *A Última Noite de Helena*; Graciliano Ramos-1993, categoria romance, com *Os Luzeiros do Mundo*; Cruz e Sousa-1996, categoria romance, com *A Rosa Gótica*, que será publicado, como parte do prêmio, pela Fundação Catarinense de Cultura.

O encontro com Uilcon Pereira à sombra de *Ruidurbanos*

Ricardo Liama

Conheci Uilcon em janeiro de 1986, no Encontro de Escritores organizado por Gabriel de la Puente, no colégio das freiras em Jardinópolis (SP). Até então, os livros para mim eram apenas o que estava escrito neles, eu jamais pensara nos seus autores. Estudante de Geologia, minhas leituras eram totalmente descompromissadas e deficientes. Naquele encontro, pude ver e ouvir muitos discursos, urros e versos que Jardinópolis jamais imaginara. Dentre os muitos convidados, Roberto Piva, Márcio Almeida, Leonardo Frões. Do Gabriel de la Puente recebi o *Nonadas*, com o recado:

Escreva-lhe: Uilcon Pereira – Caixa Postal 420 –
17.500 – Marília – SP.

Adorei o livro, mas não lhe escrevi. Demorei alguns anos para aproximar-me dele, talvez a imatura idade não tenha permitido que o apreendesse corretamente.

Ribeirão Preto, início de 1991. Havia iniciado, meio de brincadeira, uma coleção literária; chamei-a Macondo. Preparava, então, a edição do segundo volume, *JARDINOVELÍSSIMAS*, de Ademar Cardoso de Souza. Uilcon foi convidado pelo autor para apresentar o livro. Foi quando nos aproximamos mais. Ele gostou do projeto gráfico, o papel Kraft, a idéia da tipografia, e falou em publicar pela coleção. Oito meses depois saía *RUIDURBANO: entre/vistas*.

Foram necessários vários encontros. Ele vinha de Araraquara, sempre de ônibus. Íamos (Ademar ou Nancy Neves ou eu) buscá-lo na rodoviária. O primeiro programa era um cafezinho. Depois, tudo que precisávamos era uma mesa: de bar, de escritório

ou de casa. Uilcon sempre vinha com alguma coisa modificada. Cismado com um hífen, minucioso, atento com o texto.

Acompanhava os detalhes da diagramação, escolheu as ilustrações e as mostrava com orgulho e satisfação, repetidas vezes: *Olha que maravilha!!!* e apontava o desenho de Enrico Nery, usado na capa do volume. Também elogiava muito a caveira de Leon Ferrari, porém era o Quixote de Albert Piauí a sua preferida. Nesse volume usou-a na quarta-capla e, no livro seguinte, na capa, o que, aliás, já havia feito em 1989, quando publicou um livreto pela Editora do Escritor, com entrevista concedida ao Suplemento Literário do Minas Gerais.

Uilcon viu passo a passo a produção do volume, revisou as provas de preto, alterou uma série de coisas para desespero do linotipista, que, aliás, ele foi conhecer.

Mas valeu e pena! Ficou satisfeito com a edição. Queria distribuir para os amigos e nem fazer lançamentos. Os compromissos com a gráfica exigiam que vendêssemos alguns poucos, já que o custo da coleção era baixo. Com a tiragem de 500 exemplares, *RUIDURBANO: entre/vistas* custou pouco mais de mil dólares. Bastava vender uns 150 para pagar a edição. Na cantina da Unesp de Araraquara, fizemos uma tarde de autógrafos e foram vendidos 50 exemplares rapidamente.

Acho que ele curtia os lançamentos. Embora num primeiro momento afirmasse ser uma chatice, lembro-me dele falando com entusiasmo de um lançamento do William Burroughs (ou do Ginsberg?) em Nova York, em que a fila dava volta no quarteirão. Ele mesmo programou o lançamento em São Paulo (Sesc Pompéia, 22/08;/92), que teria show de Cida Moreyra, não fosse um vôo encalhado no Rio. Mais de 70 livros vendidos. Estivemos ainda em Ribeirão Preto (Livraria Cultura) e Campinas (Centro Cultural Victoria). Uilcon podia agora distribuir tranqüilo o restante. Lembro-me também da sua alegria com uma adaptação teatral de seus livros, apresentada no auditório da UBE em São Paulo (31/03/93). Ele gostava do barulho literário, queria seus Biútes cantados, seus Ruidurbanos bramindo em outras obras. Um prazer, em relação à sua produção, bem ao seu modo literário: vampirismo, fragmentação.



Uilcon acompanha a impressão de *Ruidurbano: entre/tistas* (Foto: Ricardo Lima, março/92)

Uilcon se divertia com seus ruídos. Lembro-me de tardes de cerveja e cafés, quando ele lia trechos com dramaticidade. Neste primeiro *Ruidurbano*, a brincadeira com os amigos ou suas maluquices nos nomes dos entrevistadores já eram motivos para sorriso largo.

Em julho de 1993 saía o 5º e último volume da coleção: *RUIDURBANO: uma antologia*. Invertemos as ilustrações. A do Albert Piauú para a capa e a do Enrico Nery para a quarta-capa. Ele gostava das ligações desse volume com o *RUIDURBANO: entre/vistas*. Além do mesmo formato e papel, a capa tem a mesma diagramação e tipologia, textos curtos e poéticos na quarta-capa, com a ilustração e o logo da Macondo, abaixo à direita. Essa repetição, quase eco de um livro no outro, colocava-lhe rosto de menino fazendo arte.

Uilcon foi mais de uma vez à pequena gráfica em Jardinópolis, quando pude fotografá-lo apreciando as páginas sendo impressas. O papel Kraft usado nos volumes o agradava. Nesse *Ruidurbano* ele quis usar as quatro ilustrações do anterior e acrescentar mais quatro. Das novas, gostava especialmente do Joyce, por Brancusi, à página 15. Mas também não escondia a satisfação com o Picasso, legendado:

*Auto-retrato do poeta quando tomou a decisão
de escrever o pseudo-romance*

Fazer esses dois volumes com Uilcon foi um encontro ensolarado. Ele nos enchia de histórias – muitas invenções, nada muito claro – que entravam e saíam do livro, iam da universidade à ribeirinha do Tietê, lá pros lados de Àssombradado. Não sou um estudioso da literatura brasileira – nem exerceo a crítica ou o ensaio – por isso minha participação neste volume se restringe a contar meu encontro com Uilcon, que resultou na edição de dois de seus livros, e mais uma ou outra coisa.

O que me parece necessário registrar é o constante humor que envolvia sua pessoa, pelo menos nos encontros em que os *Ruidurbanos* eram o motivo. Suas conversas, seus comentários a respeito do mundo eram comentários de Biúte.

Essas impressões e umas poucas cartas e fotos que fiz dele junto à velha impressora tipográfica são o que trago na memória. Uma das fotos, reproduzida em matéria publicada em Campinas, pelo *Correio Popular*, em 20/08/92, traz Uilcon em silêncio, vendo as folhas caindo impressas, folhas grandes, com oito páginas de cada vez.

A respeito das poucas cartas, quero citar aqui uma de particular importância para mim. Datada de 10 de janeiro de 1995 e postada em Águas da Prata, acusava o recebimento de meu livrinho de versos, *Primeiro Segundo*, SP, Arte Pau-Brasil, 1994.

Ele dizia:

enorme felicidade, ler seu livro aqui em Águas da Prata, tranqüilidade posta em sossego, livre das pressões e picuinhas da profissão

festa, mesmo, precário paraíso – meu paraíso

E assim segue, falando do projeto gráfico e, finalmente, comentando os poemas:

“escrever é o sol de se expor” – então você saiu da toca e vai correr alguns riscos, ótimo. (...) na minha percepção (se os meus radares não falham) são 2 conjuntos, ou há uma ruptura no interior do poemário.

a palmatória é superior, de longe, a arrumos (aliás, 2 subtítulos magníficos; como o próprio título, um bom achado)

Após breve comentário da segunda parte (... *parecem-me todavia, de realização menos complexa e poderosa...*), ele diz: *o primeiro bloco, então, já seria suficiente para marcar sua estréia: aventura de longo curso, pararia em pé na estante, embora fininho gosto de tudo e de todos, nele há um lance que é o meu preferido, hoje – economia verbal, minimal, máximo no mínimo, poemas curtos, breves, diretos, agradavelmente legíveis, sem hermetismos ou enfeites postiços; versos curtos e densos, reforçados pelos cortes no discursivo, fusões, engates bem rápidos, acelerados, “livro que assusta” se pensarmos que você é tão jovem, tem uma estrada para amadurecer de vez, adensar mais a visão de mundo, variar os temas. meu predileto, nesta leitura de verão e férias, é “amor não termina, quebra.” genial no conceito e na expressão sutil,*

com os dois pontos anunciando mais surpresas. não lbe declaro minha preferência por acaso, só para que você localize meu viés de leitura (dizem: “ah, eu sabia que você admirava Klee”) nada disso! declaro-lbe, para que você perceba o seguinte: salvo engano, seu forte, seu ponto quente reside na apreensão (breve) do instante breve, captação do instante fugaz, de alegria ou melancolia, tristeza, fracasso, pânico...”

Nessa carta, na intimidade generosa da sua amizade, Uilcon antecipava-me alguns comentários que o livro receberia.

Os radares de Uilcon sempre estiveram ligados. E sempre estimulando, dando dicas, incentivando e apostando, sobretudo, nos jovens autores e a eles dedicando um pouco das suas madrugadas de livros, cartas, telefonemas, folhas de caderno e lápis.

Ele teve ainda outras atitudes, a meu ver, de enorme importância para nosso ambiente cultural, como fazer chegar aos seus alunos universitários autores contemporâneos completamente ignorados pela mídia. Foi um eterno divulgador do brilhante *Travessias*, de Edward Lopes, e poderíamos dizer que foi ele quem apresentou o poeta e tradutor fluminense Leonardo Fróes para o interior paulista. Uilcon encontrou em um sebo o volume *SIBILITZ*, que Leonardo publicou em 1981 (Alhambra/RJ). Iniciaram longa amizade, que acabou por trazer o fluminense a eventos, lançamentos e palestras, em Jardinópolis, Batatais, Ribeirão Preto e Barretos. Hoje, após receber o prêmio JABUTI – melhor livro de poesia de 1995 – Leonardo Fróes já pode ser encontrado em uma livraria aqui de Campinas, mas 10 anos atrás, precisamos de um atento professor universitário, garimpando qualidade na mesmice de nosso oficial mercado literário, para podermos conhecê-lo.

Era sobre isso que falava o professor e escritor Deonísio da Silva, quando clamava por um reconhecimento à obra de Uilcon, no artigo *Almanaque Literário Regional*, Folha de S. Paulo, caderno Folha Nordeste, 03/07/92. Ele dizia: “Tais reflexões me ocorrem quando tenho diante de mim, ao lado de *Dom Casmurro*, que meus alunos estão lendo neste semestre, o livro *Ruidurbano: entre/vistas*, do escritor Uilcon Pereira, professor da Unesp, no

campus de Araraquara, publicado pela pequeníssima Macondo, editora recém-fundada em Jardinópolis, no interior de São Paulo. (...) contemplo com uma ponta de tristeza o que se passa em nossos dias: professores indicando como leitura obrigatória a seus alunos em cursos da área de Letras os *best-seller* que foram ou são destaques por razões puramente mercadológicas. Até a universidade se submeteu a isso!”

Para mais adiante finalizar: “Quando chegarão a desfrutar da prosa de um Uilcon Pereira, de um Luiz Puntel, escritores de reconhecidos méritos literários, que vivem e escrevem em nossa região, se são obrigados, ao invés disso, a compor sua dieta de leituras obrigatórias com o lixo imposto através de procedimentos exclusivamente mercantilistas?”

Vanguarda. Talvez seja esta a palavra que, no meu modesto comentário, possa melhor representar o que Uilcon foi para mim. Sei que ao analisar sua obra falarão em Kafka, Borges, Oswald, Klee e muitos outros, mas como já disse, minhas impressões são pessoais e nada científicas. Tinha apenas 19 anos quando o conheci e, para mim, ele sempre foi sinônimo de novidade. Seu diálogo fragmentado, seus personagens se desdobrando em outros e eternamente retornando. Biúte, Àssombrado. Nomes que carregarei comigo, e que tantos também levarão como seus.

Nos falamos algumas vezes por telefone durante o ano de 96, mas a última vez que o vi foi numa tarde de março de 1995. Gentilmente, ele foi a Ribeirão Preto desejar boa viagem. Eu me ausentaria até o final do ano, e ele foi se despedir. Chegou no ônibus das 13 horas, como sempre. Passamos ótima tarde, na companhia de outros amigos. No final do dia, fui levá-lo de volta à rodoviária e nos atrasamos no trânsito. O ônibus já estava saindo, fiz uma imprudência qualquer para deixá-lo mais próximo da plataforma. O motorista nos viu, e aguardou. Mesmo assim, Uilcon saltou do carro apressado, distribuindo acenos e umas últimas palavras, e acelerou, com uma breve corridinha, possivelmente apenas para minimizar a cara feia do motorista. A última imagem: correndo pela rodoviária de Ribeirão Preto, para não perder o ônibus para Araraquara.

Uma adorável amizade. Surgida de encontros tímidos que ainda não imaginavam ruídos urbanos, para ecoar em uma excelente relação pessoal e profissional. Com Uilcon tratei de versos e negócios, e sempre encontrei, antes de tudo, respeito absoluto. Do Uilcon recebi toques e pedras preciosas para os meus pequenos poemas e também momentos de inconfundível encanto, vindos da sua enigmática-humorística-poética prosa.



RICARDO LIMA

Jardinópolis (SP), 1966. Interesse por Pré-História o levou a pesquisas em Arqueologia e a cursar três anos de Geologia na UNESP. Graduou-se em Comunicações, em Ribeirão Preto. Ali foi produtor cultural na Oficina Cândido Portinari e editou os cinco volumes da série Macondo, que reúne poesia e ficção de quatro autores em uma coleção tipográfica de tiragem reduzida. Em São Paulo, de julho de 1993 ao final de 1994, foi assessor do cineasta Guilherme de Almeida Prado, responsável pela Assessoria de Cinema da Secretaria Estadual de Cultura, na gestão Ricardo Ohtake. A partir de 1995 teve dois trabalhos musicados por Márcio Coelho e gravados em *Tamarindos para Quem Quiser* (prod. independente de Márcio Coelho e a banda É Tudo Cena Dela), escreveu o roteiro do espetáculo de dança *Cidade da Light* (selecionado para receber recursos da Lei de Incentivo à Cultura, da Secret. Estadual de Cultura) e escreveu os 30 poemas de seu próximo volume de poemas, *Eco Não Beco*. Atualmente vive em Campinas e é assessor de comunicação na CEASA.



Cecília Testa, Ricardo Lima e Uilcon, em Jardínópolis (SP), julho de 1993 (Foto: David Pereira)

O apanhador na margem do rio

Roberto Goto

A característica mais imediatamente evidente da obra de Wilcon Pereira é o fato de ser uma composição de fragmentos. A rigor, porém, não se trata de uma obra fragmentária, do tipo daquelas cuja unidade aparente vai-se esfarelando e que exigem uma leitura com disposição para reunir e analisar pedaços, montar o quebra-cabeça. No caso dos livros que compõem a trilogia *No Coração dos Boatos*, o quebra-cabeça já está montado; estamos diante de um mosaico cujos pedaços foram unidos com a lógica associativa da palavra-puxa-palavra, histórias que vão-se enfiando e saindo umas das outras em ritmo e pulsação de mil e uma noites. O produto do jogo de fragmentos é assim uma obra paradoxalmente mais compacta; por isso, não sem desconforto, à primeira leitura nossos olhos, já de posse de uma visão do todo mas ainda meio tontos diante dos elementos heteróclitos, anseiam pelo sentido ou sentidos do conjunto, perguntam sobre o que quererá dizer esse painel sem moldura, limites ou contornos definidos, que não se sabe onde exatamente começa nem termina.

A outra característica sensível dessa obra é o fato de os fragmentos que a compõem já terem pertencido alguma vez a outro discurso, outro quebra-cabeça, do qual foram recolhidos. A feira de histórias é mais precisamente uma feira de citações paródias, *ready-mades* que alimentam intermitentemente nossa impressão de *déjà vu* – ou *déjà lu*. A referência primeira desse texto fluvial, corrente e recorrente, são outros textos. *No Coração dos Boatos* não representa diretamente o que chamamos de realidade; reapresenta, juntando e reajuntando, pedaços de representações tecidas e encenadas em outros lugares e tempos. Se essas outras representações foram ou são reflexos da realidade, então a obra que vemos diante de nós é um mosaico de fragmentos e estilhaços de espelhos que guardam inalterada a

figura que refletiam originalmente mas que, somados e combinados, resultam em outras imagens, que trazem a marca e o reflexo de seu próprio tempo.

A referência última das histórias é assim a própria História. Se a coleção de fragmentos significa alguma coisa, o significado liga-se ao fluxo do rio da História – um rio de que não temos uma figuração, uma representação direta, mas uma duplicação. O seu outro, a um tempo duplo e dublê, é esse rio de histórias: fieira de versões e tergiversações, confissões profundas, bombásticas ou ridículas e sem importância (nonadas), que compõem o reverso do fato e tornam movediça a verdade histórica. O título do primeiro livro da trilogia sugere a dupla natureza desse rio de histórias; a outra inquisição é esse clima paranóico armado pela repressão e censura do pós-1964 e 1968, mas é também esta outra inquisição, mais fluida e cortante, que se traduz e se trai nas milenares perguntas, indagações, perquirições, dubladas e dribladas em milhares de evasivas e variantes (evariantes), que em vários timbres e tons endereçamos aos outros, a nós mesmos, a nós outros – através das quais nos repetimos, duplicamos, andamos em círculo em torno do próprio umbigo, buscando caçar a própria cauda.

Podemos assim imaginar para o mosaico uma configuração circular, concêntrica. O nome da trilogia lembra aliás a expressão do herói do *Grande Sertão*: "... no meio do redemoinho". A lei de Heráclito, portanto, não é abolida; não é o caso, ainda, de banharmo-nos duas vezes nas mesmas águas. Porém, somos lançados num espaço-tempo em que o rio redemoinha, cria um centro e gira em torno dele, indefinidamente, diabólica e vertiginosamente alimentado pelo fluxo do inconsciente – que, central de boatos, não se sabe nunca onde começa nem quando finda. Enrolada sobre si mesma, consumindo o tempo na eterna troca de peles e máscaras, a literatura, nesse caso, quer saltar de dentro para fora da História, habitar o espaço atemporal da metalinguagem, onde, com o fio inesgotável das auto-referências, vai tecendo suas constelações, galáxias, nebulosas, tramando o bote sobre o leitor. Bote sempre (re)começado, nunca encerrado e que, no entanto, não pretende senão esgotar-se em si mesmo:

dado apenas para que o leitor navegue nas águas de suas palavras encantatórias. Essa cobra, essa aranha enrola por enrolar, enreda por enredar: o fim do encantamento é o próprio encantamento. *No Coração dos Boatos* nos põe diante da palavra que quer valer por si mesma: nadar através da História para, no ponto ômega do redemoinho, escapar.

Arbitrariamente, nesse ponto, podemos talvez aproximar a obra do escritor Uilson Pereira à do ensaísta Wilcon Joia Pereira, autor de teses sobre artes plásticas, estudioso de Klee, Mondrian e também Benjamin e a estética marxista. Por seu aspecto gráfico, pela disposição das palavras e frases, os livros do escritor certamente têm pouco a ver com as composições dos pintores citados, mas é possível observar neles também o trânsito pelo intervalo ambivalente que medeia o figurativo e o abstrato; a tensão entre o mostrar e o representar, entre a criação da forma pura e a referencialidade repercute aliás na reação do leitor, requisitado e desafiado para o jogo dúbio que oscila entre o desvendamento dos signos, a busca da realidade referida, e a fruição estética descomprometida e desinteressada. A alusão ao *Angelus Novus* na capa do último livro da trilogia talvez queira, para nós, explicar essa ambivalência e, ao mesmo tempo, indicar seu sentido oculto e profundo: nas mitologias que respiramos desde a infância, o anjo é figura de ideal e sonho, o humano aspirando ao trans-humano; no entanto, de acordo com a interpretação benjaminiana, indissociável da leitura dessa obra pictórica no contexto do escritor, trata-se de um anjo imerso na História, de encontro ao qual sopra o vento terrível do progresso. A Literatura, através dos livros de Uilson, deixa-se arrastar também, pelo fluxo histórico: suas letrinhas carregam a materialidade desse fluxo em sua própria conformação minúscula, que as torna próprias para rolar como letras-coisas, palavras-coisas, como seixos no leito do rio. Contudo, na sua repetição insistente, displicente, inconsciente ou inconseqüente, parecem aspirar à imaterialidade etérea que, em tal caso, só é possível no reino da pura imaginação.

Tomemos esse estereótipo para sacar outro: o país mítico da infância. Teremos assim, creio, a chave para entrar no *Livro de Biúte*, de que o autor já deu amostra num livrinho de "relances".

Biúte ressoa Beauty, palavra que insinua e requer a simples e nua fruição do belo. Indica também algo como “duas vezes ut”: a retomada do fluxo de historietas, a duplicação da cantilena (ut=antigo nome da nota dó...). Mas Biúte, também sabido como Biutim, sugere sobretudo nome e apelido de criança, tratamento afetoso tanto de bicho quanto de gente. É impressão deste leitor, tão arbitrária como as outras: no *Livro de Biúte* o rio flui contra a corrente do progresso para desaguar num espaço mitológico, onde o tempo serena e se alarga: não mais um redemoinho, mas uma lagoa, dada à sombra das inexorabilidades da História, onde os peixes podem viver e reproduzir-se como sons tirados aleatória e gratuitamente de alguma flauta ou garganta. Assim podemos imaginar Biúte como um estado de espírito, uma atitude diante do mundo, um bicho mitológico que já foi gente feito nós e, como Macunaíma, é capaz de múltiplas metamorfoses e onipresenças, ressurreições. Contra ele o próprio vento se transforma: já não é esse que uiva e arruina, mas aquele que pode ser metáfora de gratuidade e leveza, que se pode fruir enquanto flui. Debruçado à margem do rio, Biutim vai procurando e recolhendo seixos e diz “olha este, que bonito” e os lança um após outro na lagoa, para que cantem seus ruídos concêntricos e afundem na alegria de existir em si mesmos, sem necessidade de justificações.

(dezembro de 1987)

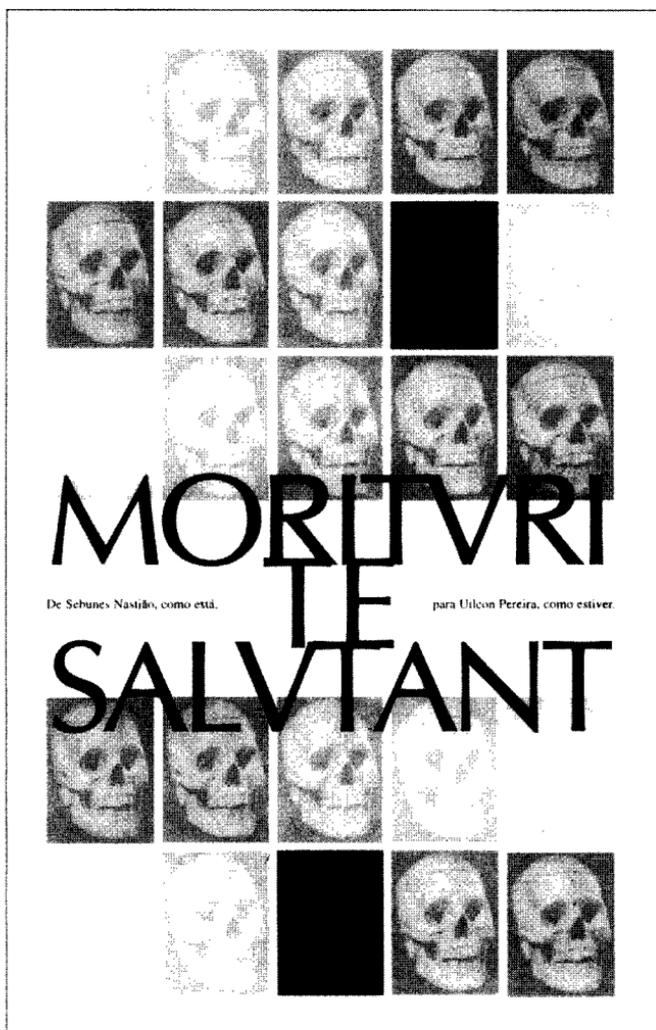


ROBERTO GOTO

Roberto Akira Goto nasceu em Campinas, SP, em 1954. Licenciou-se em filosofia na PUC dessa cidade, em 1976. Enquanto cursando a Faculdade, foi repórter no jornal *Correio Popular*, onde depois (1982-83) co-editou o suplemento *Domingo Cultura*. Tem mestrado e doutorado em Teoria Literária, pela UNICAMP. Autor de *Malandragem Revisitada*, sua dissertação de mestrado em 1987, publicada em 1988. *A Letra ou a vida*, textos críticos, Editora da UNICAMP, 1992. *Joana sem Terra*, romance, Estação Liberdade, São Paulo, 1993. Seu poema *Saberes*, estampado no *Em Revista-23*, 1998, da Editora do Escritor, refere-se ao poeta Aricy Curvello e a seu mais recente livro de poesia, *Mais do que os Nomes do Nada*.

19. Morituri te salutant

Sebastião Nunes



Sebastião Nunes

Bocaiúva (MG), 1938. Bacharel em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (1968). Nunca exerceu a profissão de advogado, o que hoje lamenta. Tendo se envolvido com literatura e, especialmente, com poesia (a prima pobre das artes), vive de brisa, como aliás sugeria Manuel Bandeira, e passa boa parte do tempo dando murro em ponta de faca. Ex-publicitário, começou sua experiência profissional como tipógrafo, compondo manualmente textos e títulos de anúncios. Tornou-se em seguida fotógrafo e artefinalista. Posteriormente, redator, diretor de arte e diretor de criação, sem deixar de ser artefinalista (inclusive em computador, que é hoje sua principal ferramenta de trabalho) e fotógrafo. Trabalhou em várias agências de Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Programador visual, incluindo cartazes, livros, jornais e logomarcas. Durante três anos diagramou o Suplemento Literário do Minas Gerais (1983/85), a convite de Murilo Rubião. Dedicou-se também à literatura infantil, influenciado pela filhas pequenas, tendo escrito oito livros, três deles saindo pela RHJ LIVROS, de Belo Horizonte. Pela Edições Dubolso (editora que fundou, dirige e de que é o único funcionário) publicou cerca de vinte novos autores, e cinco livros pessoais que são: *Antologia Mamaluca*, volumes 1 e 2 (1988/89), reunindo dez livros de poesia publicados desde 1968: *Somos Todos Assassinos* (1980, 3ª ed. 1995); *História do Brasil* (1992); *Sacanagem Pura* (1995, ensaios sobre publicidade). A partir de sua obra já se produziram ensaios e traduções, além de trabalhos de recriação, destacando-se: *Um Fascículo Mamaluco*, vol. 5 da série de dez fascículos sobre poesia, no Projeto BH-100 (1994); *Antologia Mamaluca*, espetáculo do Grupo Giramundo, Teatro de Bonecos, com direção de Álvaro Apocalipse (1994). Durante três anos seguidos, foi professor convidado no Festival de Inverno de Ouro Preto (1994-96), ministrando cursos sobre produção de livros. Em 1996, ministrou curso de seis meses, sobre produção de livros, na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, tendo feito com os alunos uma série de manuscritos iluminados, na técnica e estilo medievais, trabalho que tem procurado continuar, embora com carência de recursos. Em 1997, dedicou-se a produzir livros de arte sobre o 1º Centenário de Belo Horizonte, encomendados, e a criar livros infanto-juvenis, bem como a produzir alguns poucos trabalhos de prosa pela Dubolso e a concluir o primeiro volume de seu *Decálogo da Classe Média*, uma sátira ao comportamento consumista e alienado dos Inclames (pequeno-burgueses). Sebastião Nunes vive em Sabará, cidade mineira próxima a B.H., famosa por suas jabuticabeiras. Seu poema visual dedicado a UP foi estampado no Suplemento Literário do Minas Gerais, edição de janeiro de 1997, aqui reproduzido.

Resenhando *Re-lances do Livro de Biúte*

Zanoto

Este é o novo livro (*Re-lances do Livro de Biúte*. São Paulo: João Scortecci Editor, 1986.) do escritor e professor Uilcon Pereira, intelectual de grande prestígio e desembaraço. O que já li dele é de primeira qualidade. Estes *Re-lances do Livro de Biúte*, segundo o Autor, são um trabalho “para sondar um pouco as reações dos leitores”. São inter/in/venções a partir de material já encontrado-escrito. Uilcon Pereira, à maneira socrática, apoia-se, de algum modo, na ironia, no seu modo de abordar a filosofia. Diz ele: “é preciso ser louco e triplamente frenético para empreender um livro como esse!” Uilcon Pereira é muito bom. Uilcon está dando primazia a esta página de ser uma das primeiras a notificar o lançamento do livro, que começa a caminhar pelos roteiros, pelas veredas do grã-mundo. Tenho a impressão, desde que comecei a ler os textos de Uilcon Pereira (*Nonadas* e *A Implosão do Confessionário*) que se trata de um herdeiro das mais autênticas tradições literárias de vanguarda da prosa brasileira contemporânea.

(Publicado inicialmente em *Diversos Caminhos*, no jornal *Correio do Sul*, Varginha, 2 set. 1986.)



“A noite caiu com relances de Biúte e o essencial se manifestou em meio às estrelas.”

(Zanoto, na coluna “Diversos Caminhos” do jornal *Correio do Sul*, Varginha (MG), em algum dia de 1986.)



ZANOTO

Varginha (MG), 7 de Maio de 1928. Pseudônimo de José de Souza Pinto, por significativas coincidências. Administrador de Empresas. Durante trinta e três anos foi funcionário público, da Secretaria da Fazenda do Estado de Minas. Reside em Varginha, onde há trinta e oito anos mantém a coluna de jornalismo cultural *Diversos Caminhos*, no jornal *Correio do Sul*, que circula até além do sul de Minas. Também publica a coluna *Caminhos em Blocos*, no jornal *Blocos* (Rio de Janeiro), a qual é transcrita no jornal literário *Garatuja*, de Bento Gonçalves (RS). Apaixonado por literatura, esmera-se em divulgar poetas de todos os naipes, especialmente os jovens iniciantes. Detentor de vários prêmios, como o “Resistência Cultural”, que lhe foi conferido pela União Brasileira de Escritores, Seção São Paulo. Julga que a vida tem apelos e absurdos intensos e incontrolláveis. Até hoje se movimenta permanentemente numa escala que, em si, contém a delegação da vida que ele só pode sonhar. Fernando Pessoa é seu poeta preferido. Jamais quis transpor as montanhas de Minas, onde vive entre a poesia que há nas palavras e a poesia que há nas coisas.

It's all over now, baby blue
ou: nem choro, nem vela para uilcon pereira

Zé Pedro Antunes

A verdade é que muitos de nós, os membros de uma confraria impalpável e delirante dos teus amigos de humanidade e de poesia, nem por brincadeira iríamos imaginar que você não fosse mortal. E, cá entre nós, como não combinou nadinha com você a imobilidade da morte, o caixão, o crucifixo, e todo um cenário de gosto duvidoso, a última humana tentativa de driblar o inevitável!!

E como fez falta você também zanzando pelo velório, bisbilhotando, cochichando, rindo das cenas, captando flashes, inventando mais um boato, provocando mais algumas boas risadas, burilando máximas improváveis, antenando – na maçaroca das nossas copiosas palavras inábeis e das frases o mais das vezes imperfeitas do cotidiano – a possibilidade de uma narrativa: um conto, um miniconto, um conto curtíssimo, um arripio estético, a cócega, a mágica. Mas, pensando melhor, você também estava solto por ali e, certamente, se enternecia com a meninice e a confusão das tuas criaturas, com o susto engraçado dos teus desgarrados personagens.

(Como escolher um caixão? Velas não, o Uilcon não gostava do cheiro! E nada de roxo, vocês parem com isso! Chorar? Tudo bem, os poetas merecem esse desconto, essa liberdade, afinal são todos muito tontos, e chorões, e velórios deixam mesmo a gente frouxo e babaca. Como ele está sereno! Descansou! E eu, em tantos anos, nunca te imaginei sem os óculos, sem um topete de cabelo em cima da testa. É. Não tinha nada a ver. As pessoas estão malucas! O quadro é gravíssimo! Todo mundo louco, não o louco-cultural, mas sim o louco-louquinho! Mas que mundo é

este em que nós vivemos! E, se soltarmos a memória dos nossos itinerários por Àssombradado, este parêntese nunca mais termina).

Uma historinha, um miniconto, um conto curtíssimo daqueles que você gostava, que você colecionava com desvelos de entomologista: O menino diante do avô defunto: “Vó, por que a gente não põe um controle remoto no Vô?”

Bom seria! Poder desfazer assim com um controle remoto o incômodo da imobilidade dos defuntos, essa ilusão à-toa, besteira de quem ainda vive e se mexe: o amigo se foi? a vida se acaba?

Não, a morte, nem existe. Que papo é esse, meu chapa? Parem com isso! Os poetas criam asas, levantam vôo.

Um imenso e majestoso pássaro azul foi visto ontem, de sobrevôo, ainda hesitante e incerto, por sobre os telhados e os sobreviventes de Àssombradado. E ria, certamente, do desajeito das suas primeiras batidas de asas, numa alegria desconexa e infantil de quem ensaia o seu primeiro pio, como quando a gente engatinha. E ria do nosso desconcerto, do nosso não-saber, do aturdimento de tantos dizeres desenxabidos.

O escritor Uilcon Pereira (Wilcon, Uico – pouca gente soube direito como grafa esse nome) intuiu entre os cacos desta vidinha – que nós vamos continuar levando cá embaixo, mesmo porque não tem outra... será? – uma existência mais real, a poética, restos de um imenso clarão, outra cidade, fragmentos, sortilégios. Araraquara não. Àssombradado! Com o muito pouco siso de uma consciência narrativa (“que um dia haverá de ocupar o lugar até há pouco indevidamente ocupado pela consciência histórica”, no dizer de Peter Bichsel), o nosso riso se desata, a nossa pouca inteligência e fantasia se superam e passam a retirar das coisas desta vida a necessária “biuteza”, um nada qualquer que nos magnifica, que nos devolve humanos e também poetas.

Uma vez escrevi que *Ruidurbano e Oxounosso* (evento cultural, um show de variedades variadíssimas, que idealizei há cinco anos e que vento realizado mensalmente com alguns dos meus amigos/colegas/alunos, com os produtores culturais da cidade e da região de Araraquara, na Faculdade de Ciências e Letras) eram filhos da mesma necessidade. Depois fiquei esperando ouvir uma palavra de perdão pela minha pretenciosa arrogância,

porque me envergonhava de ter dito assim, de ter ousado revelar que só me restava tentar imitar, canhestramente que fosse, as maravilhas que a presença do criador/poeta transpira, as florações que em tantos anos te vi querer fazer rebentar em terrenos tão áridos e refratários a qualquer franqueza, simplicidade ou vã alegria. Foi um alívio constatar – depois de muito silêncio – que você contava aquele meu texto entre os que se escreveram sobre *Ruidurbano*.

O silêncio, um dos teus dons mais valiosos, o rigor do silêncio, necessário aos processos da germinação e do desabrochamento. Silêncio, para que nenhuma das sementes se desperdice! Com a aprendizagem do silêncio pude ganhar certeza da tua acolhida, da tua compreensão sempre generosa e imensurável diante das nossas tantas bobagens, dos meus desacertos, da minha impropriedade e impertinência.

Muitos não tiveram a paciência de respeitar o teu ritmo: o rigor, a suspensão do julgamento, o direito à incoerência e o amor pelo risco, pelo riso. Você dizia que comigo haveria de ficar cada vez mais duro. E o nosso último encontro numa sala de aula, no mês de julho de 1996, a tua última aula, foi para ambos uma jornada duríssima. E eu já pressentia que a partir de então ficaria relegado às dimensões reais do meu reduzido talento e à solidão do meu próprio caminho num meio quase inóspito para os amigos da poesia, para os buscadores da palavra, para os sentimentais.

Peter Bichsel já disse que a literatura é uma arte para sentimentais, para aqueles que sabem que a sua vida é irremediavelmente finita, que a vida de seus amigos também é finita, que a poesia nasce dessa tristeza de saber que a vida é finita. Ai dos que pensam que a literatura seja apenas uma disciplina escolar, uma instância acadêmica!

Último ato: eu queria te fazer ouvir Eric Burdon (The Animals) interpretando uma canção do Bob Dylan. Foi a última coisa que fizemos juntos, um último fim de noite (foram quantas? as inumeráveis noites vazias e solitárias de Àssombradado!): “*and it's all over now, baby blue...*” [Na tradução do Augusto de Campos, de que você tanto gostava: “*e não tem mais nada, negro amor...*”]

E eis que continuamos aqui, sobreviventes, um pouco chorosos e – pasmem! – incoerentemente felizes, tratando de passar, a cada lapso, os verbos para o pretérito mais do que recente. Forcei a barra, tentando escrever e traduzir coisas, sem saber se ainda vai haver quem as leia. E te asseguro que tudo agora vai ser mais difícil. Em anos, tudo o que eu tentei baixar ao papel tinha uma direção certa, uma garantia. O Uilcon vai ler, vai gostar (não vai gostar). Deixar de ler, isso nunca! Leitor que é leitor não desperdiça nem bula de remédio. Vai comentar, corrigir, parar de ler, copiar, usar, guardar silêncio? Tampouco foi tão fácil conviver com o teu rigor, fui aprendendo aos poucos. Mas nunca aprendi direito. Você quis ser professor até o fim, mesmo sabendo que ser professor deixou de querer dizer muito ou quase que chega mesmo a não dizer mais nada. Tive a garantia do teu respeito, a felicidade de sentir as coisas ficarem cheias de sentido com o teu entusiasmo, para não falar, porque desnecessário, da tua amizade. Você dizia que ter um ou dois leitores já era a felicidade.

O conto curto (como a vida é curta!), a lição das coisas pequenas deste mundo: “E tem gente que não pode ver você tomar uma coca-cola com alegria”, como você um dia formulou, para sempre. E é preciso lutar contra aqueles que odeiam a poesia. É isso aí, mestre! No calor da hora, as emoções confusas de um dos teus alunos, burrego e marmota. Mais tarde a gente se vê no Café Brasil... Ou, então, de qualquer forma, a gente se liga...

(Araraquara, 24/10/96)



Zé Pedro Antunes

Sorocaba (SP), 1949. Estudou Letras em Assis, onde conheceu e passou a conviver com Uilcon Pereira. A partir de 1985, professor de Língua e Literatura Alemãs, no Departamento de Letras Modernas (UNESP/Araraquara). Mestrado na UNICAMP, 1989: *A Tradução Comentada de*

"Teoria da Vanguarda" de Peter Bürger, sob orientação do Prof. Dr. Herbert Nornebusch. Doutorado na UNICAMP, com a tese sobre *O Teatro de Peter Handke Nos Anos 60*, orientação da Profa. Dra. Iumna Maria Simon. Entre seus trabalhos de tradutor contam-se: Herbert Fichte (*Ensaio Sobre a Puberdade*) e Peter Handke (*O Medo do Goleiro Diante do Pênalti*, e *Bem Aventurada Infelicidade*) para a Brasiliense. bem como Kathrin Saringên (*Para Além de Brecht...*) para a Hucitec. Entre traduções em andamento, várias obras de Peter Handke, inclusive seu famoso diário *O Peso do Mundo* e a peça *Insulto Ao Público*. Colabora com vários jornais de Araraquara. Trabalha na criação e na direção de uma Rádio Comunitária (ATIVA FM) no Bairro Jardim Roberto Selmi Dei, onde coordena o setor de jornalismo e apresenta um jornal diário, além de criar textos e vinhetas e de produzir dois programas semanais de MPB. Compõe e interpreta suas próprias composições, participando ainda da produção da banda FUNERAL (rock puro). Sobre o texto aqui reproduzido: "Foi escrito no dia seguinte ao do enterro do Uilcon, atendendo a um pedido do Jair e da Sueli, editores do jornal alternativo *Macunaíma*. É o relato de uma grande amizade dentro de um mundo normalmente hostil para com os buscadores da palavra. Não há nada em meu currículo que não se deva à proximidade e ao estímulo do grande leitor que foi esse amigo escritor Uilcon Pereira. Uma certeza: se ainda aqui estivesse, haveria de estar rindo muito do meu texto, da minha biografia e de quase todas as outras bobagens do mundo".

ONDE TUDO RECOMEÇA

Aracy Curvello

(1)
COMUNICADO
AO
LEITOR

Guilherme da Cunha Viana Goldmann Pereira, primeiro neto de Uilson, filho de David e Liene, veio ao mundo em 23 de janeiro de 1998, às 21 horas, pesando quase 3.500 gramas e medindo 51 cm. Em Araraquara.

Embora ainda não possa falar nem escrever, ele é em si mesmo um belo sinal de que a vida não cessa. A vida sempre recomeça e continua.

Guilherme será um prosseguidor?

“Isso me faz lembrar uma história, e vou contá-la de novo...”

(2)
Anotações
para o
futuro

(Mais Idéias para serem furtadas pelos habitantes de Bizâncio)

A crise da narrativa

Talvez apenas alguns raros escritores brasileiros de ficção tenham se preparado intelectualmente como Uilcon Pereira. Um dos aspectos mais notáveis de sua obra está em como ele “narra” a crise no seio da própria literatura contemporânea. Ele se valeu de uma série de pares de opostos, por exemplo, para recriar o característico sentimento de mal-estar do nosso tempo e a falência de dogmas religiosos/políticos/científicos. Contrapondo o consciente e o inconsciente, a vigília e o delírio, a realidade e a fantasia, frisou a duplicidade/triplicidade de qualquer ser humano, fenômeno, conceitos e interpretações, donde o seu constante emprego da figura do travesti, do labirinto e de infindáveis jogos de linguagem. Eis a fragmentação da vida, do homem e da escrita.

Como poucos, não ignorava o impacto da obra de Braudel sobre a historiografia e sobre a ficção, com o fim da História romanceada e do enredo personalista, a morte anunciada do acontecimento. Da mesma forma, filósofo, não desconhecia Wittgenstein, a filosofia analista ou filosofia da linguagem.

Um dos mais claros sinais da genialidade de Uilcon está em como contrapôs a heteronímia de Fernando Pessoa à homonímia de sua criação, elegendo um nome/personagem central em torno de quem se estabelece uma espantosa tabela de variação onomástica, seja Evaristo na trilogia de romances, seja Biúte nos contos minimalistas, que ele utilizou para narrar várias vezes a partir de vários lugares (nenhum lugar em especial), em vários

tempos (nenhum em particular), embora enquadrados em uma época que se pode, em largos traços, reconhecer como a nossa, em que até recentemente houve inquisições e há opressão. Para destacar o significado filosófico de haver um significado ou ausência dele. Ou para o seu próprio prazer de alinhar e mostrar-nos colagens às vezes surpreendentes do acervo literário e cultural de todos os países e de todos os tempos. Uma loucura? mas tem seu método.

Outras inquisições. Título de livro do escritor argentino Jorge Luís Borges. Maliciosamente, Uilcon Pereira usou as mesmas palavras, porém no singular, para dar nome ao primeiro romance de sua trilogia (*Outra Inquisição*, 1982).

Nonada. A primeira palavra com que Guimarães Rosa inicia o seu grande romance, *Grande Sertão: Veredas*. Uilcon Pereira com ela nomeou, no plural, o segundo romance de sua trilogia (*Nonadas*, 1983).

Polissemia. Em Uilcon libera-se a aventura da polissemia (não a unidade dogmática). A diversidade reina, e não uma idéia classificatória da realidade e da arte, redutora e insuficiente.

O outro da escritura. Mais um interessante contraponto que deve ser pesquisado em sua obra é o conceito da escritura como sendo o Outro da leitura.

Acentuado apego ao mito. Uilcon procurou livros de Lévi-Strauss, justamente porque o conceito de mito já o seduzira anteriormente. Referências em suas obras são inúmeras, como no final do terceiro romance da trilogia (*A Implosão do Confessionário*, 1984):

“ – uma perguntinha final: e o herói, poderá ressurgir um dia?
renasceu sim, enviveceu, anda por aí, na aldeia transglobal, caminhando entre aspas”

(3)
Uma das frases prediletas
de Uilson Pereira

*Quando a fantasia supera a realidade,
publique-se a fantasia.*

John Ford (1895 – 1973)
cineasta norte-americano

(4)
Mais material
para o futuro

Poços de Caldas, 5 maio 1998

Caro amigo Aricy,

A seu pedido, envio as cartas que Uilcon me escreveu durante 10 anos.

Nossa correspondência tem início em 1986, por causa de um livro que Uilcon ^{me} ~~em~~ enviou.

Espero que você aproveite algo.

Um abraço do

Hugo Pontes



UILCON PEREIRA: NO CORAÇÃO DOS BOATOS, Aricy Curvello (org.) e outros. Produzido editorialmente pelas EDITORA GIORDANO/EDITORA AGE. Integra a Coleção Memória. Maio/outubro de 2000. São Paulo/P.Alegre.

AGE
EDITORA

Ingresso com filme fornecido pelo cliente por:

LA SALLE

Gráfica Editora

FONE: (51) 472.5898
CANGAS - RS

